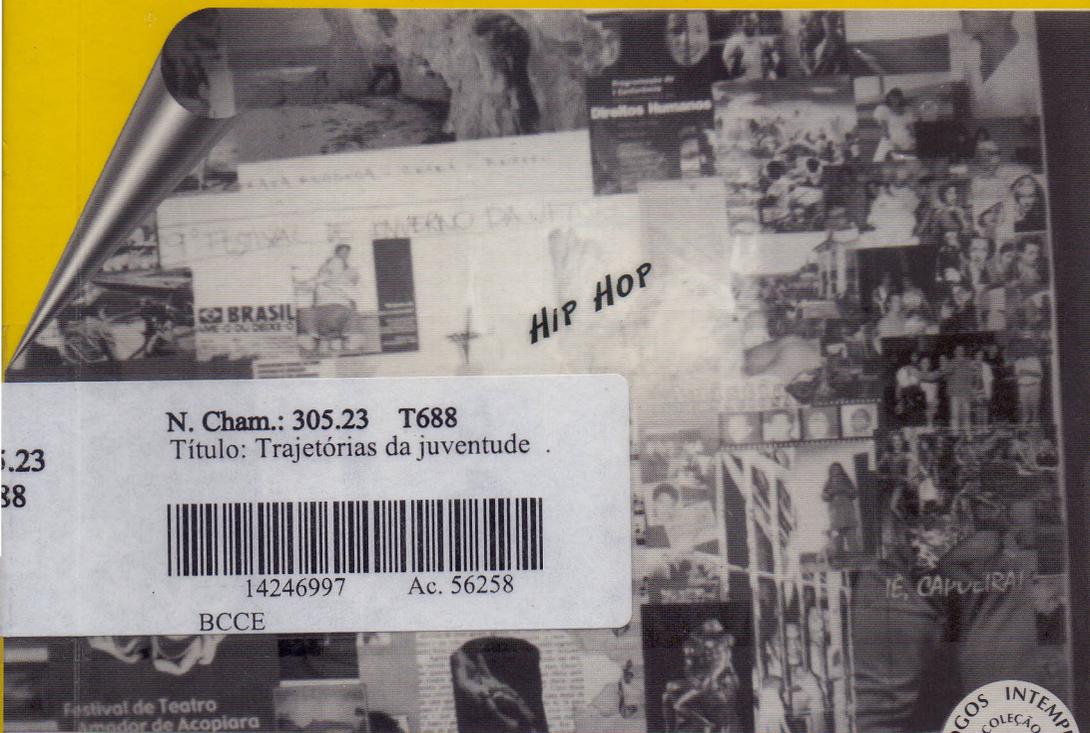


# Trajetórias da Juventude

MARIA NOBRE DAMASCENO - KELMA SOCORRO LOPES DE MATOS - JOSÉ GERARDO VASCONCELOS

(Organizadores)

Celecina Veras  
Janice Débora  
José Gerardo Vasconcelos  
Kelma Socorro Lopes de Matos  
Kleber Jean Matos Lopes  
Luís Palhano  
Maria Nobre Damasceno  
Shara Jane Costa Adad  
Susana Silva



N. Cham.: 305.23 T688

Título: Trajetórias da juventude



14246997

Ac. 56258

BCCE

Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará

DIÁLOGOS INTERATIVOS  
COLEÇÃO  
3  
★

Trajetoórias da juventude   uma coletânea de textos que se foi tecendo a partir de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-gradua o da Universidade Federal do Ceará, sob a coordena o da professora Dr  Maria Nobre Damasceno. Contou ainda com a colabora o de pesquisadores da referida institui o, da Universidade de Fortaleza, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual do Piaui.   um campo de vasta dimensão que se pode arrazoar nos interstícios e detalhamentos capturados pelos olhares atentos e meticulosos dos autores. O terreno movediço das tramas juvenis faz saltar   lente da pesquisa suas marcas ou, em muitos casos, as sombras que dão pistas da luminosidade de acontecimentos que ganham novas faces, novos sentidos. A sexualidade, por exemplo,   um desses campos que se reconfigura com velocidade. Velejar em águas irrequietas   o desafio que se corre. Como se pudessem cantar o mundo em uma tela pichada na sonoridade do Hip Hop. Desafio desse porte não se poderia fixar somente em argumentos lógicos ou em coesão de textualidade. Pensar as trajetórias da

Ac.56258  
R.24246997  
2210118

MÁRIA NOBRE DAMASCENO  
KELMA SOCORRO LOPES DE MATOS  
JOSÉ GERARDO VASCONCELOS  
(Organizadores)

305.23

T6888

# TRAJETÓRIAS DA JUVENTUDE

PERGAMUM  
UFC/BCCE

FORTALEZA, 2001

## Sobre os autores

**Celecina Veras** – Assistente Social. Mestre em Sociologia. Doutoranda em Educação. Professora da Universidade Federal do Ceará.

**Janice Débora** – Bolsista do Programa de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq – UFC

**José Gerardo Vasconcelos** – Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Filosofia. Mestre e Doutor em Sociologia (UFC).

**Kelma Socorro Lopes de Matos** – Doutora em Educação (UFC). Professora Titular da Universidade de Fortaleza. Assistente Social (UECE). Especialista em Metodologia da Pesquisa em Educação (UFC). Mestre em Educação Brasileira (UFC).

**Kleber Jean Matos Lopes** – Psicólogo. Jornalista. Mestre em Psicologia Social (UERJ).

**Luis Palhano** – Pedagogo. Mestre em Educação (UFC).

**Maria Nobre Damasceno** – Doutora em Educação. Pesquisadora do CNPq. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação da UFC.

**Shara Jane Costa Adad** – Cientista Social. Professora da Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC.

**Susana Silva** – Bolsista do Programa de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq – UFC

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*Maria Nobre Damasceno, Kelma Socorro Lopes de Matos e  
José Gerardo Vasconcelos*

### TRAJETÓRIAS DA JUVENTUDE: CAMINHOS, ENCRUZILHADAS, SONHOS E EXPECTATIVAS

*Maria Nobre Damasceno* ..... 9

### OS JOVENS COMO EXPERIMENTADORES E PRODUTORES DE DEVIRES

*Celecina de Maria Veras Sales* ..... 25

### ESCOLA: QUANDO A JUVENTUDE TECE SIGNIFICADOS

*Kelma Socorro Lopes de Matos* ..... 41

### AS MÚLTIPLAS FORMAS DE EXPRESSÃO DA SOCIABILIDADE JUVENIL

*Janice Débora de Alencar Batista e Susana Silva Carvalho* ..... 57

### OS DISCURSOS DOS JOVENS SOBRE A SEXUALIDADE

*Luis Palhano Loliola* ..... 72

### JUVENTUDE: A QUEM SERVE O MUNDO DAS IDENTIDADES?

*Kleber Matos* ..... 84

### JUVENTUDE, SUBJETIVIDADE E SEXUALIDADE NA ESCOLA

*José Gerardo Vasconcelos* ..... 91

### CORPO JUVENIL: DISSOLVÊNCIA E EXCESSO PELAS RUAS DA CIDADE

*Shara Jane Holanda Costa Adad* ..... 98



## APRESENTAÇÃO

Esta coletânea discute, como anuncia o próprio título, a *trajetória de jovens* sob os mais diversos aspectos, buscando analisar o significado social da juventude, seus sonhos, a importância atribuída à escola, as relações que aí se estabelecem, as atividades de cultura e lazer, e o poder disciplinar dessa instituição, assim como, a sexualidade e construção da identidade juvenil, e a transformação do espaço das ruas pelos jovens. O nosso intuito é contribuir com a discussão sobre a temática da juventude, buscando dar voz a esses jovens e de certa forma, *descristalizar* normas e padrões por vezes estabelecidos sobre o que é ser jovem ou como deve ser e agir o jovem socialmente, pois compreendemos que muitos são os trajetos e as construções desses atores.

**Maria Nobre Damasceno** apresenta o jovem como ator social, não apenas reelaborando saberes mas trazendo no seu cotidiano a busca por uma mudança social através da crítica, da transgressão e por vezes da criação. Discute a tematização da juventude através das correntes "*geracional*" e "*classista*", ressaltando a marca da 'inserção social incompleta' na vida dos jovens e a forma como estão se organizando nos grupos religiosos, no movimento Hip-Hop, contrariando a sua aparente e proclamada passividade. Por fim aponta a escola como um importante instrumento de formação, mesmo quando não privilegia a convivência entre esses jovens.

**Celecina Veras** investiga as "*expressões políticas e culturais da juventude nos anos 90*". Para tanto nos apresenta o discurso dos jovens em formas inovadoras de pensar e fazer política, enfocando que as organizações juvenis são espaços de encontro e diálogo, de devires e resistência. Destaca iniciativas que negam os processos de marginalização juvenis como o Movimento Hip-Hop através do RAP (rhythm and poetry), do break (dança de rua) e do grafite (expressão visual). Ao agruparem-se negam que estejam fora do mundo da política, pois o movimento possibilita o aprendizado de cuidar de si e do outro.

**Kelma Matos** analisa o significado da escola para os jovens, tomando por referência seus olhares, modos de pensar, sentir, agir, e suas palavras, a partir do resultado de "grupos de discussão" realizados com esses sujeitos em uma escola pública e outra privada. Além da opção de considerar as experiências e saberes dos jovens, a autora nos convida a percebê-los como interlocutores que dizem de si, e das suas múltiplas relações – em especial com a escola. Enfoca a juventude de forma positiva, demonstrando através dos depoimentos colhidos o equilíbrio com que avaliam a atual situação da escola pública e privada, ressaltando a falta de segurança nesses locais, num tempo em que a *banalização da morte* faz-se presente na sociedade em que vivem.

**Janice Débora** e **Susana Silva** abordam as relações juvenis entre pares, considerando ser este um fator fundamental na construção da sua iden-

tidade. A temática do lazer é evidenciada, pois compreendem que esse lazer faz-se principalmente na alegria de estarem juntos. A rua, em especial para os jovens que residem nas periferias, transforma-se em palco para atividades como: namoro, danças, esportes, conversas e reuniões. Buscam espaços em rádios comunitárias e através do Rap informam a realidade de exclusão e convidam outros jovens para o agrupamento, para a conversa, para dizer “não às drogas” e resgatar a sua auto-estima.

**Luis Palhano** tematiza sobre a sexualidade dos jovens através de seus discursos e manifestações, frente às orientações sexuais apresentadas por instituições sociais como: igreja, família e escola. Constata que o discurso expresso por esses atores contém três elementos distintos: amor, prazer e prevenção. Analisa, entre outras questões, que não há clareza na distinção entre sexo e sexualidade para eles, e que os discursos instituídos sobre normalidade e anormalidade proliferam no cotidiano desses sujeitos de forma sutil e determinante, deparando-se por vezes em atos violentos, ao invés da aceitação das diferenças.

**Kleber Matos** discute como a identidade juvenil vai sendo construída pelos meios de comunicação e mercado, priorizando a lógica da venda, da intensificação do consumo, anunciando que *“para garantir um futuro juvenil, nada melhor que o presente previdente”*. Assim, a juventude vai se tornando cada vez mais virtual na tenra idade e os seus sonhos e desejos vão sendo transportados para a velhice. A juventude anunciada nos comerciais ignora, de acordo com o autor, as sensibilidades dos jovens que vão além das identidades para eles moldadas e aciona e fortalece o mundo da exclusão *“Onde há sempre os de fora e os de dentro habitam apenas o tubo de imagem de TV”*.

**José Gerardo Vasconcelos** aborda a constituição da juventude no processo de emancipação, marcado pela disputa que se estabelece com as “máquinas” que adestram os seus corpos, e elegem a sexualidade como núcleo central do discurso ético. Compreende que o mundo da juventude está em construção. Isso possibilita a esquiva das interdições normalizadoras. Reflete, então sobre a transgressão, como elemento constituidor de subjetividades. O autor analisa ainda a escola como espaço de disciplina e, conseqüentemente, de interdição da sexualidade amparado no pensamento de M. Foucault.

**Shara Jane** apresenta-nos o resultado de suas reflexões sobre uma galera de jovens de rua proscritos, e nos fala de seus corpos dissolventes esclarecendo que *“um corpo dissolvente é aquele que cheira solvente (...) que se faz, desfaz e refaz a cada enfrentamento com a polícia, a piedade, a violência, enfim, a morte.”*Fala-nos como os jovens da rua instalam-se nesse espaço de forma dionisíaca, brincando, dançando, gritando, jogando, mudando a tragicidade de suas vidas embriagadas em grande espetáculo pelas calçadas e vias públicas.

Maria Nobre Damasceno

Kelma Socorro Lopes de Matos

José Gerardo Vasconcelos

## TRAJETÓRIAS DA JUVENTUDE: CAMINHOS, ENCRUZILHADAS, SONHOS E EXPECTATIVAS

*Maria Nobre Damasceno*

O presente texto é parte de um projeto de investigação<sup>1</sup> que tem como principal objetivo conhecer as ações e relações desenvolvidas por jovens oriundos de diferentes segmentos sociais, considerando-os como atores sociais e sujeitos produtores de cultura.

Os resultados apresentados aqui foram obtidos mediante uma metodologia de pesquisa que procura combinar estudos quantitativos e qualitativos. Assim, na primeira etapa foi aplicado um questionário junto a um grupo de 1180 (mil cento e oitenta) alunos da 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio de 11 (onze) escolas das redes pública, cooperativa e privada da Grande Fortaleza<sup>2</sup>. Na elaboração do referido questionário o tema juventude foi trabalhado considerando as seguintes temáticas: as relações dos jovens com a escola, a família, o trabalho, a religião, a cultura, o lazer, os amigos e, ainda, a participação em as organizações e movimentos sociais juvenis.

Na segunda fase trabalhou-se usando procedimentos qualitativos, especialmente os grupos focais temáticos, quando os temas foram apresentados mediante vídeo-clips ou encenados, seguidos de discussões grupais, que foram gravadas e filmadas nos seus momentos mais significativos.

Esta etapa envolveu um conjunto de sessões onde foram aprofundadas as seguintes temáticas: 1) Significado da Juventude; 2) Sonhos dos Jovens; 3) Convivência Grupal; 4) Os Jovens e as Desigualdades Sociais; 5) Os Jovens e a Política; 6) Os Jovens e a Família; 7) Os Jovens e as Atividades de Cultura e Lazer; 8) Os Jovens e as Relações de Gênero; 9) Os Jovens e a Sexualidade.

Neste estudo, a equipe procura dar continuidade a investigação anterior sobre a juventude (Damasceno, 1999, 2000), a qual mostrou que apesar dos limites impostos pela socialização oriunda do mundo sistêmico, o jovem, (seja estudante e/ou trabalhador) constitui de fato um ator social que no seu cotidiano não apenas reelabora os saberes, adquiridos na prática escolar e social, mas também, contribui na construção da sociedade, tendo em vista que os jovens buscam a mudança social, expressa através da crítica, da contestação, da transgressão, mas também da criação e, sobretudo, da vivência de novos padrões democráticos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho integra a pesquisa Juventude, Cultura e Sociedade, coordenada pela Dra. Maria Nobre Damasceno, pesquisadora do CNPq, a qual vem sendo desenvolvida desde 1998 e conta com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

<sup>2</sup> Os dados obtidos a partir do questionário foram organizados e tratados mediante a utilização de dois programas principais o SPSS e o Access.

Conforme elaboração exposta antes, a tematização da juventude pode ser realizada a partir de duas vertentes principais: a "corrente geracional", que se fundamenta no conceito de geração social, donde resulta o processo de continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. Tal perspectiva de acordo com Abramo é profundamente influenciada pela corrente da sociologia funcionalista que toma como categoria de análise um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da "cultura" e da assunção de papéis adultos. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como "problema": como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social, por conseguinte a ênfase recai sobre a ótica do "problema social", quer dizer, a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade (Abramo, 1997). Seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social, ainda, por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua formação ou por disfunção do sistema social.

A abordagem da sociologia funcionalista no estudo da juventude tem seu ápice nos anos 60, tendo como preocupação central pesquisar o jovem enquanto fonte de problemas, na realidade, alguns estudos na linha da teoria da socialização, acabaram por reconhecer as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade. Fala-se de rupturas, conflitos ou crises intergeracionais quando as descontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão ou confrontação.

De conformidade com Machado Pais (1996) a outra vertente teórica que aborda o tema em estudo é a "corrente classista", na qual a juventude é considerada como um conjunto, cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de situações e ou meios sociais diferentes. Portanto, esta perspectiva ao contrário da anterior, não aponta para a unidade e sim para a diversidade da juventude, esta configura seu elemento central.

A pesquisa ora relatada confirma resultados de outras investigações mostrando que quanto maior a ausência do Estado, no que se refere à oferta de equipamentos destinados à participação, à cultura e ao lazer juvenil, tanto mais a rua adquire relevância em suas dimensões socializadoras (Spósito, 1997), conforme expressam os jovens neste estudo:

*Eu acho que o jovem gosta de brincar, de se divertir e aqui tem muito pouco isso, ele tem a necessidade de ter isso aqui, e hoje não tem lazer... não tem praça. O único canto pro futebol, que era pra molecada brincar, foi privado... Resumindo a gente não tem lazer. A partir do momento que uma área não tem lazer a rapaziada tem que se ocu-*

*par com outra coisa. Porque não tendo lazer não tem como ocupar o tempo, conseqüentemente tem que ocupar com coisa ruim. O lazer hoje é mais a gente curtir um RAP. Ficar em casa ouvindo RAP ou mesmo dançar à noite. Então é mais ou menos isso. (GC MH<sub>2</sub>O/GC Cultura de Rua).*

Os aspectos destacados nas falas dos jovens constituem uma realidade observada com freqüência nas diversas regiões metropolitanas estudadas e que traduz a ausência de uma política social voltada para os reais interesses dos jovens, que seja expressa através de projetos políticos, culturais e educativos portadores de significado efetivo no âmbito das instituições estatais, via de regra, quando existe algo é marcada pelo esvaziamento do seu sentido para os atores principais a quem se destina. Por outro lado, o mundo do trabalho, quando é introduzido de maneira precoce no universo do jovem pobre, nem sempre contribui para estruturar sua identidade. Vale destacar, apoiada em Spósito (1997) que a sociabilidade tecida pela mediação dos vínculos com o mundo do trabalho tende a exercer menor força na conformação da identidade do jovem. Nos moldes em que é realizado, o trabalho torna-se mais fonte de renda do que uma atividade que contribui para a realização pessoal.

A reflexão desenvolvida permite inferir que a alardeada rebeldia e insegurança dos adolescentes expressas através das suas “ambigüidades”, decorrem, em grande parte, do modo como é realizada a formação das novas gerações pelas instituições responsáveis pela educação, bem como a inserção incompleta na sociedade, a impossibilidade real de participação no ambiente escolar e na sociedade, o que acaba se convertendo, de fato, numa outra forma de marginalidade social. (Mannheim, 1968).

Portanto, uma forma de explicar o problema da insatisfatória participação social e política da juventude no atual momento histórico consiste em reconhecer que o sistema social tem se revelado incapaz de considerar *efetivamente os jovens como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de seus direitos* (Abramo, 1997, p. 28). De outra parte, é preciso ter clareza que a sociedade vive um momento particularmente conflituoso e repleto de tensões e que o jovem as absorve de forma visceral, pois de conformidade com Melucci (1991) este é o espelho da sociedade inteira, uma espécie de paradigma dos problemas cruciais do sistema social vigente. A questão também é discutida por Diógenes que afirma ser a juventude o segmento que mais catalisa as tensões sociais e as exterioriza, porquanto *é a vitrine dos conflitos sociais* (Diógenes, 1998, p. 162).

## **Significado da Juventude – segundo a óptica dos próprios jovens**

Como dizia o poeta – *são demais os perigos dessa vida, e acrescentamos principalmente quando se é jovem. É interessante observar que embora*

a maioria dos jovens investigados jamais tenha lido Vinícius de Moraes, há uma surpreendente semelhança no modo de conceber a vida, pois para muitos de nossos sujeitos a juventude é uma fase perigosa, por isso, o jovem deve ser forte para não se perder tentando curtir a vida, deixando claro que aproveitar cada momento significa viver intensamente a vida, contudo sem “ser baderneiro”. A juventude é uma fase muito perigosa, por ser um período de descoberta. O jovem, então, quer conhecer o mundo, tem muita curiosidade – *aí às vezes quer saber como é a droga, saber o efeito. Também tem o perigo dos namoros, que às vezes, não acontece na hora certa, a menina fica grávida, vem o conflito com a família, às vezes é expulsa de casa e aí passa por muitas dificuldades* (GR Tauá).

Nossos atores ressaltam que hoje o jovem vive num mundo repleto de perigos e violência, por isso, a juventude torna-se uma fase complicada, cheia de medos, angústias e rebeldia. Um participante do grupo que teve experiência com o “lance da droga”, procura mostrar que “esse negócio” só trás prejuízo para o usuário, porque leva à violência... *you entra na porrada com o outro, chega arregrado em casa vai querer descontar o que você sofreu, sai confusão, às vezes, vai preso, correm atrás de você direto, às vezes matam...*(GC MH<sub>2</sub>O).

Para a maioria dos jovens ouvidos a juventude é concebida como *fase da vida*, a fase melhor, quando o jovem está se descobrindo, um momento de transformação, de sonhos, quando o jovem tenta construir um mundo melhor. Alguns destacam que é um período maravilhoso, pois o jovem *brinca, estuda conquista amigos, descobre como a vida realmente é, e nessa transformação aparecem muitas confusões que paralisam as nossas ações, mas, apesar de todos os conflitos e dúvidas* somos a esperança do país. (GR Tauá). Significa, portanto, a melhor fase da vida, a mais importante, simbolizada pela liberdade, liderança, descoberta, responsabilidade, alegria de viver; mais também porque constitui o futuro do país, a esperança para mudar o Brasil.

De acordo com Machado Pais (1996), a concepção da juventude como fase de vida, encontra respaldo teórico na corrente geracional, a qual tem como ponto de partida a noção de geração social, tal óptica põe em realce a dimensão da unidade da juventude. Para esta vertente, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se desenvolvem a partir de um sistema de valores. A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente refere-se a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante da corrente geracional baseia-se nas *teorias da socialização* desenvolvidas pelo *funcionalismo*. Da perspectiva do *funcionalismo*, os conflitos ou descontinuidades geracionais são na maior parte dos casos disfunções resultantes do processo de socialização.

Uma parcela dos jovens opina que a violência e a rebeldia não são um problema originado apenas pela sociedade, muitas vezes começam dentro do lar, na própria família que em alguns casos agride a criança, noutros não sabe educar, colocar freios. *A falta de responsabilidade, a rebeldia, depende dos pais que deixam correr frouxo, acham que dar liberdade é dar um carro para*

*os filhos assim que eles crescem. A liberdade tem que ser com responsabilidade depende do jovem saber usá-la. (GR Pedra)*

Por seu turno, um grupo maior considera que hoje a rebeldia é um problema gerado na sociedade, e acrescenta que se o jovem da periferia não for rebelde a sociedade que está aí o destrói... *hoje quem manda no país é a sociedade burguesa, nós somos os lumpen (aquele termo do Karl Marx), então nós somos mesmo excluídos. Realmente a juventude hoje se rebela, por não concordar com certos esquemas...Então realmente para sociedade nós somos um grande problema. Somos um problema e vamos ser mais ainda, enquanto a sociedade não respeitar, não der condições para a juventude chegar e dizer assim: hoje a gente tá curtindo a vida, porque tem um trabalho, tem uma escola boa, o jovem é cidadão. (GC MH<sub>2</sub>O)*

Uma rápida incursão pelas pesquisas que buscam explicar o significado e a problemática da juventude na sociedade contemporânea, revela a semelhança entre as falas dos jovens e elaboração teórica. Em conformidade com Abramo (1997) a tematização da juventude é realizada basicamente pela ótica do "problema social", quer dizer, a juventude só se torna *objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade*. Seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social, ainda, por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua formação ou por disfunção do sistema social.

Tal perspectiva corresponde ao que Machado Pais (1996) chama de *corrente geracional*; como discutimos anteriormente essa concepção é profundamente influenciada pela corrente da sociologia funcionalista que toma como categoria de análise um *momento de transição no ciclo de vida*, da infância para a maturidade, que corresponde a um *momento específico e dramático de socialização*, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da "cultura" e da assunção de papéis adultos. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como "problema": *como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social* (Abramo, 1997).

Hoje, com o agravamento da crise social, os estudiosos estão mais preocupados em perceber as formas de agir coletivo entre os jovens, os diversos processos de sua socialização nos espaços das cidades, da rua, do trabalho, da escola. Procuram dirigir suas análises para o reconhecimento de que os jovens, em particular os filhos da classe trabalhadora, são atores sociais portadores de novas identidades coletivas (Spósito, 1994). Tal postura, em parte decorre da mudança de visão acerca da juventude, pois a partir dos anos 90 a visibilidade social dos jovens altera-se em relação aos anos 80. O que o caracteriza não é mais a apatia e desmobilização; pelo contrário, é a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos

de ações individuais e coletivas. Conforme demonstra a fala a seguir... *Enquanto não existir espaço para o jovem, enquanto a juventude não tiver cheia de alegria e de curtidão, ficar sempre na porrada! Na miséria, a gente vai se rebelar, vamos ficar cada vez mais rebelde.* (GC MH<sub>2</sub>O)

Em suma, os dados mostram com clareza meridiana que os jovens da periferia enxergam que se faz necessário e urgente mudar a estrutura sócio-econômica atual, visando criar condições dignas para população, também defendem com veemência que o primeiro passo reside na luta pela sobrevivência, como demonstra um de seus líderes:

*Ó bicho! Vai chegar um dia que a gente vai pedir sopa e, os caras não vão dar sopa, pode esperar... O pessoal fica falando que é via-gem, que a gente é reformista que quer aderir ao capitalismo, não sei o quê... Eu quero que o povo sobreviva, pra ele poder lutar, contra esse negócio aí, de pé no chão. O cara que tá preocupado com a comidinha, e o dinheiro do ônibus de amanhã, o cara vai pensar em porra nenhuma! Pensar em luta, em revolução... Esse processo de transformação é a vida real de todos nós. Hoje a questão da sobrevivência é que vai ditar todos os movimentos sociais, ajudar a refletir tudo isso* (GC Cultura de Rua).

## Os Jovens e Seus Sonhos no Âmbito da Realização Pessoal e Coletiva

Como foi observado pelos integrantes do grupo de pesquisa, entre os jovens há verdadeiros filósofos, para os quais *o que é permitido ao jovem é sonhar, já realizar o sonho é bem mais difícil*, por isso, ele pode sonhar com uma vida digna, e completam – *querer uma vida digna não é sonho apenas dos jovens e sim de todo ser humano*. Um outro acrescenta: *acho que quando a gente é jovem, não só o jovem, a gente tem bastante sonhos, eu não tenho só um, eu tenho vários, o meu sonho não é só ver um Brasil melhor, mas um mundo melhor*.

Para nossos atores o maior sonho no âmbito da realização pessoal consiste em concluir o ensino médio e entrar na universidade; conseguir um bom emprego, trabalhar, ser independente, ajudar à família, ser feliz e realizar-se amorosamente. *Eu sonho terminar os estudos, usufruir da profissão que quero escolher e assim poder ajudar a família e o país*.

Aparece em primeiro plano a importância do estudo, *eu acho que o sonho de cada jovem é ter um estudo digno para que assim a pessoa possa arrumar um trabalho que possa faturar boas coisas para si, não só o dinheiro mas como novas amizades, o emprego, poder construir uma família e dali poder partir para um futuro* (GR Tauá)

Grande parte dos depoimentos destaca que o sonho da maioria dos jovens consiste em ter um estudo digno para que assim, possam arrumar um

trabalho para no futuro garantir *boas coisas* para si, e sua família, realçam que não estão se referindo somente ao dinheiro, mas também, as novas amizades, o emprego, *a gente ergue a cabeça e levar a vida em frente para conseguir um serviço, um emprego que leve seu futuro e mais alguém que você puder realizar um sonho que se sonha para todos, me formar e ter um bom emprego, esse é o meu sonho*. Ressaltam que o jovem sonha bastante, *um dos meus sonhos que eu desejo que se realize é que primeiro eu quero terminar meus estudos, arranjar um bom emprego, ajudar meus pais, ajudar alguém que precise, casar, construir uma família, se tudo isso acontecesse para mim acho que já era bom o bastante*. (GR Pedra).

A questão que o leitor atento deve estar fazendo e que fizemos tantas vezes no decorrer da pesquisa é a seguinte – se eles são submetidos a tanta exclusão, se a própria escola é repleta de contradições pois, ao mesmo que os acolhe (mediante o acesso escolar) os expulsa através do processo sucessivo de repetência, que via de regra, culmina com a evasão, então de onde vem tanta esperança na escola, no poder do estudo?

A resposta não é simples, tendo em vista que, se a crença no poder da educação como instrumento de mobilidade social, se por um lado, encerra uma possibilidade real de melhoria das condições de vida, por outro, contém um forte componente ideológico<sup>3</sup>. É conveniente destacar que parte dos jovens percebe e expressa tal contradição com bastante clareza. Vejamos a fala de um dos participantes: *Oh meu! O cara de repente pensa que pode ser um advogado, mas, no final o cara se contenta em ser empacotador de supermercado. Eu não vou dizer que o cara tá errado por causa disso, ou não vou condenar o cara porque ele quer seguir Direito, mas, o que reina é que a gente tá sendo educado para ser empregado e os cara para mandar, para ser patrão*. (GC Cultura de Rua)

Quanto aos sonhos de realização coletiva por ordem de relevância foram destacados os seguintes: acabar com o desemprego; lutar pela melhoria salarial; resolver a situação da saúde, educação (escolas, analfabetismo); moradia; ajudar as pessoas carentes/pobres que precisam, as crianças de rua; acabar com a violência/fome/miséria e lutar por uma sociedade igualitária.

Os modos como são tratados os problemas do país pelos governantes são percebidos e criticados pelos jovens, eles afirmam que estão revoltados contra a situação vigente, e acrescentam – *por isso estão acontecendo essas manifestações que a gente vê, porque os jovens, e o povo em geral, ficaram indignados com isso que está ocorrendo, a corrupção está demais, o Movimento dos Sem Terra vem mostrando para gente todo esse negócio aí, eles dizem que é preciso ter o que comer e não têm onde plantar, o pessoal vem do interior para cá, chega aqui para pedir esmola, fica dormindo no meio da rua, tendo um terreno ali pronto para plantar e não pode plantar porque tem um*

<sup>3</sup> No item 4 que trata das relações do jovem com e na escola, retoma-se essa linha de análise.

dono, tem um burguês na frente. Então assim, que desapareça isso. De hoje em diante estamos fazendo a revolta de hoje... (GC MH<sub>2</sub>O)

A beleza da utopia juvenil aparece de forma clara, pura, bem delineada, completa, rica em profundidade e em detalhes na fala a seguir: *o meu sonho é gravar o disco dos malucos aqui, vender para caralho, e ter dinheiro para gente ajudar outros grupos de rua e criar uma economia solidária na periferia, independente do sistema. Botar uma borracharia para botar os malucos que não têm mais como voltar para escola para trampar, botar um lavador de carro pros doido que não tem mais espaço na escola, tentar levar o dinheiro de uma forma digna e honesta. O meu sonho é esse, é tentar terminar meus estudos por que eu sei que só o rap não vai servir. Mas, se for só pelo sonho, se não tiver tempo de estudar, deixa quieto. Todo mundo tem um sonho né! Eu faço rap não é só por causa da música, não é só por causa do boné, da calça larga, do tênis. É muito mais do que isso, sabe como é que é? Eu sou um cara pobre e hoje eu tô aqui, meu sonho é viver bem, todo mundo quer viver bem, viver com amor, com a família, com os parceiros* (GC Cultura de Rua).

Como era esperado, a utopia juvenil é repleta de *solidariedade*, uma parcela considerável põe em relevo que se o jovem quer um país melhor não deve olhar somente para si, e sim, para aquelas pessoas que precisam de ajuda – *é ajudando uns aos outros que a gente pode construir um país melhor, mostrar também para aqueles que governam nosso país que aquelas pessoas que passam fome, dormem na rua, não têm afeto de ninguém, não têm um olhar amigo de ninguém, eles também podem ajudar essas pessoas.* (GR Tauá).

Outros reforçam que a luta pela construção de *mundo melhor* requer que os jovens reflitam sobre o que querem realizar – *mais paz, mais amor e respeito, um mundo sem drogas, construir uma vida mais humana, mais digna.* O sonho de uma vida digna não é apenas dos jovens e sim de todas as pessoas, *pois quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar*, o ser humano sente prazer em ajudar, ao ajudarmos alguém estamos contribuindo para começar a se realizar a vida digna porque ninguém merece está passando fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança, *machuca ver uma criança passar fome*, então, quando colaboramos, seja dando alimento, dando carinho, estamos contribuindo para que esse sonho se realize.

Uma descoberta interessante obtida nesta investigação que, embora não seja totalmente original muito surpreendeu, diz respeito à clareza com que os jovens “pós-modernos”, estão buscando outros caminhos para fazer política. O contato com as organizações juvenis (grupos religiosos e culturais), especialmente com o Movimento Hip Hop, mostra que os integrantes deste agrupamento procuram estudar, possuem uma visão crítica acerca das teorias políticas e se preocupam com adequação destas à realidade cotidiana, como evidencia a fala a seguir- *os caras ainda tão perguntado se o socialismo exista na periferia, por que essa pergunta cara? O socialismo não é igualdade, solidariedade e justiça? A gente tem que procurar é construir mo-*

mentos para esses valores proliferarem, é não ficar falando que tem que ser assim, tem que ser assado, tem que descer para a ação. Por exemplo quando falta farinha na casa da minha mãe, a outra vizinha vai e dá, cara, é socialismo, entendeu? Tem que espalhar isso!... (GC Cultura de Rua)

Dentro desta moldura que tem como marca maior a solidariedade, se pode compreender melhor a participação de nossos sujeitos em organizações sociais juvenis. Tal engajamento, embora não seja compartilhado pela maioria, julga-se altamente relevante constatar que cerca de um terço dos jovens estejam envolvidos em grupos juvenis formais, que se reúne e realiza atividades regulares. Essa participação é qualificada do seguinte modo: grupos sociais/religiosos (23,5%); grupos culturais (41%), dentro desta categoria destacando-se: música (35,5%), teatro (18%), bandas (15%). Fica claro que a experiência mais positiva de sociabilidade ocorre naqueles ambientes onde há estímulo à participação, notadamente nos agrupamentos tipicamente juvenis.

Os dados da pesquisa permitem concluir que a alardeada passividade dos jovens ocorre apenas na aparência, depende da forma como os estudos têm focado a questão, pois, embora a participação direta em partido político e no movimento estudantil seja reduzida, os jovens investigados estão descobrindo novas formas de fazer política tendo em vista que mais de um terço (31,6%) participa regularmente de organizações sociais juvenis. Além da busca dos ideais e utopias juvenis o significado dessa participação grupal expressa a necessidade de fazer amigos (67,3%); sentir-se bem (61%); divertir-se (52,7%); sentir-se útil (44,2%).

A maioria (78,7%) considera a amizade altamente importante. Por ordem de relevância, destacam que amigo é fundamental em suas vida para: bater papos, trocar idéias, desabafar compartilhar as horas de alegria e de tristeza, dar conselhos, ajudar no crescimento, aprendizagem, para sentir-se bem, ser feliz, sair e divertir-se, ajuda a acabar com a solidão, dar apoio. Também ressaltam as características de um amigo: aparecendo em primeiro plano, qualidades como: sinceridade, fidelidade, companheirismo, compreensão, lealdade, confiança. O sentido da amizade ocupa uma posição tão central no cotidiano dos jovens que estes ao opinarem sobre o que mais gosta no lugar onde mora aparece em primeiro lugar os amigos (64,7%), vindo a seguir a solidariedade entre as pessoas (31,8%).

Tais resultados, ao nosso ver, evidenciam que os jovens, ao seu modo, estão reagindo ao processo que Guatarri (1996) chama de "modelização". O autor considera que há uma produção da subjetividade ampla em escala mundial, de base capitalística, que se caracteriza pela produção serializada a que são submetidos os indivíduos, desde a mais tenra idade. Quer dizer, o sistema capitalista produz não apenas o controle das relações sociais, mas também a produção da subjetividade, o que significa uma "modelização" nos modos de percepção, sensibilidade, linguagem, memória, relações sociais.

Uma outra importante contribuição nesta linha de análise é fornecida por Dubet (1994), que opera a noção de *experiência social*, cujos estudos

privilegiam o resgate da individualidade e da identidade do sujeito, revelando que o ator constrói a sociedade no cotidiano, não sendo apenas um indivíduo que realiza o sistema.

O autor em pauta enfatiza que os estudos contemporâneos mostram que as ações do indivíduo não são reduzidas às exigências do mundo sistêmico; na verdade, estes atuam como atores que constroem a sociedade nas trocas cotidianas, nas práticas de linguagem, no apelo à identidade; conserva-se “*uma distância subjetiva entre o ator e o sistema*” (Dubet, 1994:14), tal entendimento significa uma superação da concepção fundada na racionalidade instrumental. O resgate da individualidade e da identidade na compreensão da ação do sujeito, ao mesmo tempo em que preserva a autenticidade da experiência subjetiva e dos saberes que a sustentam, mantém o elo com o coletivo e o social. A ação é vista como conhecimento, como interação, como linguagem, como estratégia sendo que a noção de experiência social destaca que os atores devem gerenciar ao mesmo tempo muitas lógicas e racionalidades de ação num sistema social marcado por diversas lógicas. Não havendo uma lógica única e fundamental como referência de conduta, a experiência social *gera necessariamente uma atividade dos indivíduos, uma capacidade crítica e uma distância de si mesmo* (Dubet, 1994:92).

## A Caminhada Rumo à Realização dos Sonhos: Uma Estação Chamada Escola

### *Importância Atribuída à Escola*

Ao focar as relações que os jovens desenvolvem com a escola uma série de indagações, vieram a tona – o que os jovens buscam na escola? Para eles quais o papel social da instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço?

As falas dos jovens, as respostas dadas ao questionário não deixam dúvida – escola é considerada altamente importante pela quase totalidade dos jovens estudados (99,5%). Dentre as razões apontadas sobressaem as seguintes: ajuda para ter um futuro melhor (acesso ao trabalho); ensina a ler e escrever, dar conhecimentos (matérias, disciplinas). Ela é um passo para o futuro: aprende-se a falar corretamente, aprende-se a conviver melhor com o ser humano.

Uma parte considerável dos jovens ressalta que a escola é fundamental para a vida das pessoas, porque ensina a viver e a formar o cidadão desenvolve o caráter da pessoa, *ensina a falar, pensar e agir. Quando uma pessoa se comporta de forma irresponsável é porque ela não teve ninguém que lhe e ensinasse o que seria responsabilidade, a ser uma pessoa responsável, não adianta você só cobrar responsabilidade depois de grande, pois a responsabilidade começa em casa e na escola, a partir dos pequenos atos*

*você vai sendo responsável, aprendendo assim a ter liberdade com responsabilidade (GR Pedra).*

Ao serem questionados acerca do que mais gostam na escola – destacaram o papel pedagógico exercido por aqueles professores que são esforçados, *se preocupam com ensino e motivam os alunos para vencer*, por outro lado, ressaltaram os colegas que são *esforçados, amigos, não bagunçam*. Quanto ao que menos gostam na escola – aparece a desorganização institucional (secretaria, biblioteca, direção), *os professores faltosos, que enrolam as aulas; os alunos que bagunçam*.

A escola é considerada pela imensa maioria como a primeira e fundamental estação na caminhada, rumo à estação trabalho, que por sua vez conduzirá ao sonho de uma vida com dignidade. Portanto, é a porta mágica – *se a juventude é o futuro do país e se nós sonhamos com um futuro melhor cabe a nós cuidar para que esse sonho se torne realidade*. Enfatizam ainda que – *é através do estudo que se pode transformar o Brasil, e realizar o sonho juvenil de acabar com as desigualdades entre as pessoas, e concluem, é na escola que a gente começa a construir nossa realidade, se amanhã a gente vai ser o futuro do país a gente também tem que saber muito, tem que estudar, ter mais experiência para lutar para transformar o país.* (GR Tauá)

Uma parcela destaca que os jovens logo estarão constituindo família e tendo responsabilidade na educação de futuras gerações – *a escola é o ponto de partida que o jovem tem para construir não só um mundo melhor, mas também, se preparando cada vez mais para educar nossos filhos, para que estes também possam lutar por mundo melhor, mais igual e solidário, porque nós já estamos partindo para o terceiro milênio* (GR Tauá).

A noção da solidariedade, o ideal de um mundo melhor marcado por relações mais igualitárias reaparecem quando discutem o papel social da escola e a importância do estudo num sentido mais amplo. *Era bom se o mundo fosse como eu penso, porque eu acho que o mais importante no ser humano não é como ele escreve, não é como ele vai fazer uma conta de matemática, mais importante no ser humano é a sua personalidade, como ele pensa, era bom se o mundo inteiro fosse só assim, uns ajudando os outros, não existisse dinheiro, era bom que a gente aprendesse só para aumentar... como é que eu digo assim... que a gente aprendesse só porque a gente quer e não porque a gente tem de estudar porque futuramente a gente tem de arranjar um emprego, porque eu vou ter de me formar, era bom se a gente fosse só para escola só porque a gente quer aprender, saber como um dia foi... saber as capitais, aprender a lidar com os números, mas porque eu estava a fim de aprender não porque eu tenho de aprender, porque eu vou ter de me formar, vou ter de me formar em alguma coisa e vou ter de estudar, ganhar dinheiro para se sustentar. Era bom que a gente freqüentasse uma escola só para nossa aprendizagem, porque a gente freqüenta uma escola para nossa aprendizagem, mas para algo mais, porque ninguém pode negar que a gente está estudando para a gente ganhar uma verba legal, para você... É legal a gente ir para a*

*escola aprender mas também a gente vai pensando um pouco o que é que eu vou ser no meu futuro. As cobranças. Era bom que a gente estudasse só porque a gente quer, não existisse essa ideologia, esse capitalismo, as pessoas só pensando em ganhar, ganhar, ganhar.... A gente estuda, mas no fundo, é porque eu preciso ser alguém futuramente. (GR Tauá).*

Outro grupo põe em relevo o papel da escola na compreensão dos direitos sociais – *a escola influi muito não só para a gente aprender para ter um futuro melhor, mas para ter um país melhor também, porque na escola se a gente aprende nossos direitos, se a gente conhece nossos direitos, acho que se a população de um modo geral conhecesse seus direitos, o seu valor e lutasse pelos seus direitos não estaria como está hoje. Acho que as pessoas são muito acomodadas, não lutam pelos seus direitos. Se eles não conhecem bem os direitos que tem como podem lutar eles! Acho que se todos lutassem pelos seus direitos e se organizassem e conhecessem seus direitos e lutassem por eles acho que o Brasil seria diferente. A escola contribui para você conhecer seus direitos e deveres. (GR Pedra).*

Nas falas fica patente a preocupação com uma escola que possibilite ao jovem entender o mundo, que vá além da reprodução do conhecimento, ou seja, a busca de escola emancipatória, que tenha por objetivo a educação libertadora tão cara ao nosso grande educador Paulo Freire.

Certamente no horizonte dos jovens a relação da escola com o mundo do trabalho constitui uma preocupação central – *no ano 2000 quem não souber ler, quem não estiver preparado não entra no mercado de trabalho, quem não souber alguma coisa não entra nem supermercado para comprar. É por isso, que algumas pessoas vão forçadas para a escola, chega lá dá trabalho para os professores, quem quer aprender eles atrapalham e fica chato (GR Tauá).*

É bastante recorrente na opinião dos jovens a idéia de que se a situação para quem estuda está difícil, imagina para que não teve acesso aos estudos. *Ora se para quem já está formado, que já tem um conhecimento profundo daquela especialidade, é difícil porque está difícil o mercado de trabalho, então acho que para a gente ser alguém tem que batalhar (GR Pedra).* Nesta linha de argumentação é posta em destaque a pressão que as famílias fazem, no sentido de que os filhos estudem, a fim de se prepararem para enfrentar as exigências do mercado de trabalho e posteriormente ajudar no orçamento familiar.

Na verdade, a busca da superação da situação de pobreza e consequentemente da exclusão social através do estudo constitui o maior sonho, em termos de realização pessoal, expresso pelos jovens investigados. Por isso, (cerca 30%) enfatizam que em primeiro lugar querem concluir os estudos (formar-se, entrar numa faculdade), para em seguida conseguir um bom emprego, trabalhar, ser independente, ajudar a família e ser feliz. Quando enfocamos o sonho em termos de realização coletiva – destacam em primeiro plano lutar contra o desemprego e a favor da melhoria salarial, resolver a situação da saúde.

de, educação (qualidade do ensino, analfabetismo), moradia da população, a seguir ressaltam a necessidade de ajudar as pessoas carentes/pobres que precisam (especialmente os idosos e as crianças de rua) e ainda, acabar com a violência/fome/miséria, enfim, lutar por uma sociedade igualitária.

A importância da escola reaparece quando eles foram solicitados a opinar sobre o que mais poderia colaborar para concretização os seus projetos – o estudo aparece como primeira alternativa (85% dos jovens), o trabalho (53,8%), ter talentos especiais (27,6%). Por outro lado, que mais os preocupa é o desemprego (74,5%), a violência (67,6%), problemas de saúde, Aids (50,3%), crise econômica brasileira (47%), solidão (26,6%).

Convém deixar claro que esta via nem sempre produz os frutos anunciados e almejados, por isso, nem todos conseguem a escolaridade básica, e parte daqueles que obtêm um pouco de estudo acabou presos pela teia de uma sociedade perversa, que os exclui. Sendo assim, uma parcela dos jovens da periferia e não só eles, como também velhos, mendigos, bêbados, prostitutas, enfim essa infinidade de pessoas excluídas do processo social encontram-se perdidos no seu próprio mundo, desorientados, diante de uma sociedade que deixou de lado o mundo vivido, suas características valorativas e espontâneas e se firmou na instrumentalização e automatização da vida social. Quando na verdade, a vida humana é a vida ativa dos homens, enraizada cada vez mais no cotidiano: *a vida ativa, ou seja, a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, um mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente* (Arendt, 1991, p.31).

### *Um Olhar Crítico sobre a Escola como Espaço de Relações entre os Jovens*

Conforme vimos anteriormente, uma das funções mais importantes na escola, segundo a opinião dos jovens, reside na possibilidade do encontro (relações entre pares), ou seja, o ambiente propício para fazer amizades. Por essa razão criticam a forma como esta instituição realiza sua ação educativa – *"Na minha visão o cara limitar-se a ter só o 2º grau pra chegar perto de um vestibular não tá dando muito sucesso não entendeu. Você procurar limitar sua vida só em tá ali sentado numa cadeira o ano todo pra passar de grau, acho que não faz muito sentido não"* (GC Cultura de Rua).

A forma das relações entre os sujeitos vai variar, dependendo do espaço e momento em que ocorre, seja fora ou dentro da escola, fora ou dentro da sala, numa clara relação entre tempo e espaço. O recreio é o momento de encontro por excelência. Os alunos de diferentes turmas se misturam, formando grupos de interesse. Há um clima diferente entre o encontro no início das aulas, e o da hora da saída, quando as relações tornam-se mais fugazes, com mais avisos, recados, combinações. Convém destacar que em cada um

destes momentos, predomina um tipo de relação, com comportamentos e atitudes próprios, regras e sanções<sup>4</sup>.

Os educadores precisam ter clareza que são as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação em um sentido amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico. É a diversidade cultural que faz com que os indivíduos possam articular suas experiências em tradições e valores, construindo identidades, cujas fronteiras simbólicas não são demarcadas apenas pela origem de classe (Dayrell, 1992, p. 142).

Na medida em que a escola não incentiva o encontro, ou ao contrário, dificulta a sua concretização, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitido ou em situações de transgressão. Assim, as relações tendem a ser superficiais, com as conversas girando em torno de temas como paqueras comentários sobre alguma moça ou rapaz, programas de televisão. Durante a observação, nunca tive oportunidade de presenciar alguma conversa que aprofundasse mais algum tema.

O cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de idéias, confrontos de valores e visão do mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. E ainda, um momento de aprendizagem de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e a transgressão. Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem idéias, sentimentos.

Nesse sentido, a experiência vivida é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura,<sup>5</sup> aqui entendida enquanto conjunto de crenças, valores, visão do mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social, que terminam por definir a própria natureza humana. (Velho, 1994, p. 140/1). Ou ainda como lembra Sacristán – *o mundo real não é um contexto fixo, não é só*

<sup>4</sup> Refletindo sobre as diferentes formas de interação entre os alunos e destes com o ambiente no cotidiano escolar, Maclaren (1991, P-131) classifica como “estados de interação” os diferentes estilos de relação, identifica quatro estilos básico: estados de “esquina de rua”, “estudante”, “santidade” e “de casa”. Em cada um deles identifica conjuntos organizados de comportamentos, dos quais emerge um sistema de práticas vividas.

<sup>5</sup> A discussão a respeito do concerto de cultura no campo da antropologia não é consensual, havendo mais de 300 concertos cunhados, não cabendo aprofundar a questão no âmbito deste trabalho. Para um maior aprofundamento, buscar, entre outros, Durham (1984), Geertz (1978), Velho (1978), Laraia (1998), Canclini (1983).

nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido a vida. (Sacristán 1994, p. 70).

É ao nível do grupo social, que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva. (Enguita, 1990). Nesse sentido, são essas experiências, entre outras, que constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. Assim, apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural: uma mesma linguagem pode expressar múltiplas falas. Nessa medida em a educação e seus processos é compreendida para além dos muros escolares e vai se ancorar nas relações sociais.

Os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos. A noção de projeto é, entendida como uma construção, fruto de escolhas racionais, conscientes, ancoradas em avaliações e definições de realidade, representando uma orientação, um rumo de vida. Quando se questiona sobre o significado da escola, as respostas são variadas: o lugar de encontrar e conviver com os amigos; o lugar onde se aprende a ser “educado”; onde se aumentam os conhecimentos; o lugar onde se tira diploma e que possibilita passar em concursos.

Apesar da reconhecida importância pedagógica do encontro, das interações desenvolvidas entre os jovens, a escola interfere nos agrupamentos definindo critérios de “enturmação” diferentes daqueles usados pelos alunos. A tendência é separar as turmas anualmente, desfazendo as “panelinhas”, separando os “bagunceiros”, numa lógicas que privilegia o bom comportamento em detrimento da possibilidade de um aprofundamento dos contatos. Assim, a cada ano, há um reiniciar constante das relações, dificultando o seu desenvolvimento. Mais uma vez a escola expressa a lógicas instrumental.

Em suma, nos contextos investigados, escola é considerada relevante quando possibilita o encontro com os amigos, assim, os pátios, os corredores, os espaços externos da escola são os lugares mais agradáveis e interessantes; os alunos realçam que a escola não privilegia a convivência entre os jovens, embora, esta constitua importante instrumento de formação.

experiências  
iniciais  
vividas

relações  
sociais  
e  
educativas

## Bibliografia

- ABRAMO**, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 25-36. São Paulo, ANPED, 1997.
- ARENDT**, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense, 1991.
- DAMASCENO**, Maria N. Saber Social e Construção da Identidade. In: *Revista Contexto & Educação*. Ed. Unijui, nº 38 abril/jun, 1995.
- DAMASCENO**, Maria N. & THERRIEN, Jacques. "Relatório da Pesquisa Saber e Prática. Social do Educador". Fortaleza: UFC/CNPq, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Escola no Campo*. Campinas, Papirus, 1993.
- DAYRELL**, Jurez. *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. B. Horizonte, Ed. UFMG, 1996.
- DIÓGENES**, G. *Cartografias da Cultura e da Violência*. S. Paulo, Annablume, 1998.
- DUBET**, François. *Sociologie de l'expérience*. Paris, Seuil, 1994.
- DUBET**, François & MARTUCCELLI, A. *L'école: sociologie de l'expérience scolaire*. Paris, Seuil, 1996.
- ENGUITA**, Fernández. *A Face Oculta da Escola*. Porto Alegre, Armed, 1994.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975.
- GIROUX**, Henri. *Pedagogia Radical*. S. Paulo, Cortez, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Crítica e Resistência em Educação*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- GUATTARI**, Félix. & ROLINK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- HABERMAS**, Jürgen. *Teoria de la Accion Comunicativa*. Madrid: Ed. Taurus, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento Pós-Metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- MANNHEIM**, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.) *Sociologia da Juventude*. S. Paulo: Zahar, 1968.
- McLAREN**, Peter. *A Vida nas Escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MELUCCI**, Alberto. Juventude tempo e movimentos sociais. *Revista Bras. de Educação*, nº 5: 5-14. São Paulo, ANPED, 1997.
- MARQUES**, M. O. Escola noturna e jovens. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 63-75. São Paulo, ANPED, 1997.
- PAIS**, J. Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.
- SACRISTÃ**, G. & GÓMEZ. *Compreender e Transformar o Ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SPÓSITO**, Marília. Jovens e educação: novas dimensões da exclusão. *Em aberto*. Brasília, ano 11, nº 56: 43-53, out/dez, 1992.
- SPÓSITO**, Marília P. "Sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade". In: *Tempo Social*. USP, São Paulo, 5( 1-2): 161-178, 1994.
- SPOSITO**, Marília Pontes. A Sociabilidade Juvenil e a Rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, USP, São Paulo, 1983.
- SPOSITO**, Marília Pontes. Estudo sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5: 37-52. São Paulo, ANPED, 1997.
- VELHO**, Otávio. *Projeto e Metamorfose – Antropologia nas Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

## OS JOVENS COMO EXPERIMENTADORES E PRODUTORES DE DEVIRES

*Celecina de Maria Veras Sales*

### Introdução

OS JOVENS são apontados como o “futuro do país”. Como vivem esses jovens no presente?

A realidade brasileira proporciona a juventude uma maratona diária de desafios: a inserção no mercado de trabalho é sua maior acrobacia, sem deixar de considerar o malabarismo que o acesso a moradia e educação requer. O lazer é uma invenção quase mágica. E o futuro?

A perspectiva de futuro é conseguir chegar com vida do outro lado da corda bamba, é vencer os riscos dos saltos mortais que precisa dar para sobreviver. É também representar papéis tendo que se fantasiar e fazer cambalhotas para ser aceito com sorrisos. E, ainda, ser engolido pelos animais que não conseguiu domar. Diante desse quadro circense o real e o imaginário se confundem, e, como diz Foucault, *o que fazer de si mesmo?*

Para refletir sobre a realidade dos jovens, foi realizada uma pesquisa desenvolvida em duas fases. A primeira buscou os jovens na escola, sendo aplicados mil cento e oitenta questionários, distribuídos entre escolas privadas de turnos diurnos (265), e públicas, de turnos diurnos (494) e noturnos (421). A Segunda, procurou aprofundar temas relevantes da primeira fase, através de debates sobre determinadas temáticas<sup>1</sup> e entrevistas abertas com dois grupos do Movimento Hip Hop (Cultura de Rua e Movimento Hip Hop Organizado – MH<sub>2</sub>O) e dois grupos religiosos (um ligado ao Movimento Carismático e outro ligado à Pastoral da Juventude, este último localizado no meio rural).

Com esse universo, pode-se afirmar que a juventude estudada é ao mesmo tempo una e diversa. Neste ensaio, procura-se analisar uma questão que tem preocupado os estudiosos da juventude, – as expressões políticas e culturais da juventude nos anos de 1990.

Para melhor compreender as formas como os jovens estão fazendo política partiu-se da linguagem, dos exercícios políticos e da própria forma de organização desses jovens.

---

<sup>1</sup> Foram realizadas cinco seções de debates com cada grupo, os temas foram levados pelos pesquisadores através debates de vídeos, reportagens e pequenos textos feitos a partir dos dados da pesquisa quantitativa. Os temas debatidos pelos jovens foram: desigualdades sociais e política; gênero e sexualidade; sonhos e significado da juventude; convivência grupal; jovem e relações com a família.

## O Discurso da Juventude

O discurso da juventude é aqui entendido a partir do pensamento de Foucault, como evento histórico, cultural e social. A compreensão desse discurso parte de questões levantadas por Foucault (1998). *Que discurso é esse? Como se constituiu? Por que esse discurso e não outro?*

As ações de alguns grupos de jovens têm sido recriar, reinventar a utilização do tempo e do espaço com música, dança, desenho, reflexões, no sentido de fixar para si mesmos fins e meios. Sua prática tem função crítica, de desaprender modos que regulam sua conduta, e produzir um discurso. Segundo Foucault o discurso é:

*...um conjunto de enunciados, à medida que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinitivamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história (Foucault, 1995, p.135).*

O discurso dos jovens muitas vezes não é reconhecido como um discurso verdadeiro, por ser considerado fora da ordem das leis e, por isso, sofre rejeição e interdição. Mesmo assim, não se pode negar que o discurso dos jovens "cria realidade, transforma e recria o mundo constantemente, ele é materialidade" (Briggmann, 1996, p.33).

O discurso, as ações dos jovens nos grupos estudados podem ser compreendidos como formas inovadoras de pensar e fazer política, à medida que possa se entender que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós nos queremos apoderar" (Foucault, 1998, p.10).

Nesse sentido, através da fala de alguns jovens, pode-se perceber que sua luta se inicia pela sobrevivência, contra a fome, contra as desigualdades, mas vai além, quando luta para entrar no jogo de disputa onde pode exercitar saberes e poderes.

*A juventude tem que se engajar num movimento e buscar rumos. Estudar formas de como destruir esse sistema e construir um outro sistema. Um sistema capaz de promover felicidade, saúde verdadeiramente para o nosso povo e não para uma minoria. Mais para a maioria mesmo! Você dar comida a um idoso não resolve o problema da sociedade. Esse idoso mais tarde morre. Você não vai poder todo dia dar comida a esse idoso. Essa comida acaba, esgota. Você tira uma criança da rua, é mais uma criança. Isso a institucionalidade tá fazendo, com as FEBEM's da vida, com os albergues. Só que isso é minoria. Não resolve os problemas da sociedade. Necessita-se que a juventude se engaje em movimentos comprometidos com um pro-*

*pósito social. E por sinal eu vou radicalizar mais. Propósito revolucionário. Que transforme a sociedade como um todo. (...) É partir daí, da derrubada desse sistema, que poderemos sonhar em construir um outro sistema. Justo, igualitário, fraterno e solidário (Jovem do MH<sub>2</sub>O).*

As organizações simbolizam, para o jovem, um encontro, espaços de construção de um devir, onde podem agir, falar, lutar, produzir e suscitar eventos culturais e sociais. Ainda que seu discurso não seja propagado pela mídia, nem tido como equivalente ao discurso dos adultos, podendo até ser comparado ao discurso dos loucos, cuja palavra é “considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato” (Foucault, 1998, p.11).

A desqualificação do discurso dos jovens leva a sociedade a tratá-los como indivíduos que não podem falar por si. Dessa maneira, a mídia, a religião e diversos campos de conhecimento disputam a hegemonia de uma discursividade sobre a juventude. Quando lhes é dada a palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir.

Os procedimentos de controle e delimitação do discurso, são feitos para limitar aquilo que pode ser dito, como diz Foucault (1995), não se pode falar tudo porque põe em jogo poder e desejo. Os jovens pesquisados percebem esse controle da fala e da prática da juventude:

*O sistema roubou, surrupiou a mentalidade da juventude e, além de ter feito isso, ela embaraçou tudo, trocou tudo, misturou tudo. É como se tivesse balançado a cabeça do sujeito e tivesse misturado tudo e deixado tudo confuso. Esse é um ponto (Jovem do MH<sub>2</sub>O).*

Essa usurpação da *mentalidade* de que fala o jovem é real, ela é operada por uma grande máquina que gera a produção da subjetividade dos indivíduos e, ainda mais, uma produção da subjetividade social e uma produção da subjetividade inconsciente (Guattari, 1996). Os jovens se vêem emaranhados por teias que cerceiam e modelizam sua forma de se comportar, de falar e a forma de ver o mundo. E, como se não bastasse a usurpação da mente, também são usurpados seus corpos, que precisam ser docilizados, disciplinados para serem explorados sem resistência.

*... a juventude não consegue nem se organizar direito. Até os movimentos organizados como nós temos uma dificuldade enorme. Porque falta o vale transporte, falta aquela coisa...então vem aquela crise de subsistência, que é questão da alimentação dentro de casa. A falta de orientação familiar junto com os pais, ou que herdou já dos pais. Então tem toda uma estrutura que faz com que a juventude permaneça pacata, calma, no seu lugar. O sistema nos afogou. En-*

*ção assim, ela é órfão de lutas e, por esse motivo a juventude esta distante dos grupos organizados que se propõem a lutar por uma nova sociedade (Jovem do MH<sub>2</sub>O).*

Ao mesmo tempo que o jovem nega a mobilidade da juventude, ele coloca os obstáculos que o grupo consegue vencer para perseguir seus objetivos. Essa experiência vivida por esse grupo, assim como tantos outros, é uma oposição à idéia dessa máquina de produção de subjetividade. Guattari coloca a possibilidade de se desenvolver um modo de subjetivação singular-ou processo de singularização. Mas o que é processo de singularização?

*É recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam subjetividade singular (Guattari, 1996, p.17).*

Essa singularização a que Guattari se refere diz respeito a singularização existencial, ou seja, coincide "com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades, os tipos de valores que não são os nossos" (Guattari, 1996, p.17).

Acredita-se que o jovem está buscando essa singularização, quando propõe alternativas de repensar a sociedade. Esse processo vai sendo construído dentro dos grupos através de suas músicas, desenhos, shows, quando é possível se rebelar, protestar, e construir seu próprio discurso. Briggmann (1996, p.33), partindo de uma matriz foucaultiana, diz que "o discurso cria realidade, transforma e recria o mundo constantemente". É um discurso que opera transformação de si, a medida que se fundamenta em uma prática de resistência à sujeição e que reflete a consciência de si.

Muitos jovens, que expressam críticas à sociedade capitalista, à mídia, ao governo, aos políticos, têm o desejo de mudanças e lutam por isso. Alguns passaram por experiências de total exclusão, quando usavam drogas, por exemplo, mas conseguiram junto ao movimento reconstruir seu gosto de viver, de lutar por uma sociedade menos excludente. Outros jovens, mesmo não tendo vivido experiências tão fortes, descobriram através de grupos religiosos um sentido para viver, para se sentirem úteis. Assim, todos esses jovens mesmo caminhando em diversas direções, imaginam um mundo a transformar, a partir de múltiplas diferenças querem construir esse sonho de uma nova sociedade

## **As expressões culturais da juventude**

A importância do grupo para os jovens foi um dado comprovado na pesquisa, quando 61% dos jovens pesquisados avaliam que participar de um

grupo os faz sentirem-se bem. 67% dos jovens vêem o grupo como lugar de relações afetivas, lazer, ocupação do tempo livre, troca de informações, sociabilidade e podendo vir a ser espaço de reivindicação. No grupo, os jovens constróem algo além do domínio particular, juntam suas potencialidades, criam possibilidades de intervenção que os introduzam na sociedade.

A expressão desse processo são os movimentos culturais que trazem consigo ou em si iniciativas que negam processos de marginalização. O Movimento Hip Hop através do RAP (rhythm and poetry), do break (dança de rua) e do grafite (expressão visual) preenche ou inventa novos espaços-tempos. São com essas máquinas que o movimento opera, de onde provém a sua vontade de potência, sua capacidade de resistência..

Suas músicas, danças são processos de expressão que vão de encontro à produção de massa da sociedade capitalista.

*E o que levaria a juventude hoje a se engajar, a um movimento mais forte, certo, seria o que a gente chama de nova contracultura... Porque o movimento contracultura o qual nós propomos ele não é terminado. Ele tem um processo super longo. Ele é antes de uma insurreição e ele trabalha pós uma insurreição. Ou seja, esse movimento tomaria o papel do jornal burguês, esse movimento tomaria o papel da mídia burguesa (Jovem do MH<sub>2</sub>O).*

A contracultura seria pensar contrapoderes, criando possibilidades de práticas inovadoras, de lutas sociais de resistência. Isso vem demonstrar que a juventude faz parte dessas forças sociais de resistência e, portanto, pode dar respostas à nossa sociedade normalizadora, como nos fala esse jovem.

Essa insurreição seria uma revolução molecular, uma vez que os jovens dentro dos movimentos questionam o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade (Guattari, 1996, p.139). Revolução é aqui entendida como um processo que produz história e portanto, a revolução "não é permanente: ela é um certo momento de transformação" (Guattari, 1996, p.186).

A proposta de transformação revolucionária dos jovens é uma revolução cultural, que deve interferir em mudanças, no comportamento, gosto, estilo de vida das pessoas, e que possa desencadear novas relações com a sociedade.

*...cada grupo de forró, cada banda de rock, cada grupo RAP, passaria na suas músicas e se contraporiam ao sistema. Sem se vender, criando aí um mercado dele próprio. Toda uma atividade sendo a mais ampla coletividade, do ponto de vista de decisões, do ponto de vista de distribuição de renda... Só um movimento de contracultura forte, consistente e engajado, na luta de classes e militante seria capaz de aumentar esse quadro de pessoas que participam em grupos, a participar em grupos. (...)E aí travando as lutas quotidianas e, fa-*

*zendo ferver em toda cidade, em todo canto do planeta a luta. E aí ressurgir na juventude o sonho, o sonho de ser livre, o sonho de ser fraterno e ser solidário. O sonho de construir uma sociedade onde todas as pessoas possam ser felizes. E onde todas as formas de amar sejam respeitadas (Jovem do MH<sub>2</sub>O)*

O potencial criador dos jovens constrói possibilidades de mudanças na vida cotidiana, desperta sonhos de ser livre, ser feliz. E são esses sonhos que mobilizam essa vontade de lutar, de resistir e de viver. As palavras de Foucault, a seguir, conseguem elucidar, dar transparência ao desejo e objetivo da luta política, que, nas suas palavras, é a luta pela vida.

*o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O "direito" à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades (Foucault, 1985, p.136).*

Os jovens estudados, revelam através de seus sonhos, esse desejo à felicidade e liberdade que tem suas bases concretas no desejo de poder superar as desigualdades, iniciando com suas próprias condições individuais de vida, como a falta de trabalho, educação, moradia, informação. Seria garantir os direitos mínimos para que possam lutar por uma felicidade possível e também imaginária.

*Acho que quando a gente é jovem, não só o jovem, a gente tem bastante sonhos, eu não tenho só um, eu tenho vários, o meu sonho não é só ver um Brasil melhor, mas um mundo melhor (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).*

São esses sonhos de felicidade coletiva que os faz recusar a exclusão instituída, insurgindo-se contra a ordem normativa. E dessa forma, produzem uma cultura da revolta que os impulsiona a "vontade-ação". Como diz Lins, "a vontade inscreve-se como uma tendência de ação do ser vivo, exercício de seu caráter dinâmico, desejante"(1999:83), e a ação diz respeito ao querer, que, segundo Lins, é diferente de almejar. "Almejar é da ordem dar espera passiva. Querer é, ao contrário, empreender, abrir perspectivas de ação"(LINS, 1999, p.83). É desse querer que esse jovem fala:

*...nós somos privilegiado sempre falo isso pros caras, nós somos da periferia tá ligado, nós mora perto de um monte de coisa ruim, convive com um monte de coisa ruim no nosso bairro e nós tá fora disso sem sair do nosso bairro e a gente consegue alcançar um status, não sei se é esse o nome ou fama mesmo, sem ter dinheiro, tem muito playboy que queria tá em cima do palco, falando o que a gente fala e ter um monte de gente ouvindo acreditando no que a gente fala entendeu? A gente chega numa "quebrada", por exemplo, se a gente chega no Edson Queiroz(bairro) os cara recebe a gente assim (faz gesto), essa é uma "parada" que dinheiro no mundo não vai comprar entendeu? (Jovem do Cultura de Rua).*

Esse depoimento diz respeito tanto à vida coletiva como à vida para si próprio. Quando, através da música, do show, do palco, eles se sentem capazes de se afirmar por outros valores, eles "emergem como alvo de poder"(Machado,1986). Esse poder é positivo, é estratégia, produz saber (Foucault, 1986). O exercício do poder, no palco, é também um lugar de formação de saber. (Machado, 1986). Nesse aprendizado, vão se tornando competentes, qualificados na forma de comunicar-se com outros jovens, principalmente os jovens dos setores populares.

*...o vínculo do hip hop com a vida da gente inicialmente foi um lance de música mesmo, gostamos da música da mensagem, da gente ouvir as coisas que os cara falava, mas hoje o hip hop ele não deu dinheiro pra gente, mas ele deu um status sem ser essa coisa forçada jogada na mídia de ibope do carai de fama não sei o quê ele deu um certo privilégio pra nós, não só de ser os cara que canta o rap não sei quê, mas assim ser os caras que consegue viver na periferia, consegue combater os maus que tem lá entendeu (Jovem do Cultura de Rua).*

Os jovens percebem o movimento como espaço de legitimidade, de luta e de crítica. Lá eles podem suscitar acontecimentos, ampliar limites, e até escapar da exclusão, da interdição.

## **As ações dos jovens em relação ao cuidado de si e do outro**

Mesmo sendo frutos de uma sociedade de consumo, mesmo sendo incentivados ao individualismo, os jovens têm sonhos individuais e coletivos. Eles pensam em "vencer na vida", conseguir um emprego bem remunerado, estudar para "ser alguém na vida", mas nos seus sonhos carregam consigo o desejo de ajudar a família, ressaltando principalmente a figura da mãe. Eles destacam também pessoas e grupos marginalizados, como crianças de rua, idosos desamparados. Nas falas os jovens sempre colocam a preocupação

com o outro, mudar o mundo, a união, combater o individualismo. O cuidado<sup>2</sup> aparece nas falas no sentido cristão, o cuidado com os outros, com a sociedade, com o próximo. Essa é uma característica apresentada pela maioria dos jovens pesquisados, os que pertencem ou não a grupos organizados, mas principalmente os jovens dos grupos religiosos.

*O sonho de vida digna não é apenas para nós jovens e sim, para todas as pessoas e quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar, a gente sente prazer em ajudar, é como se a gente estivesse contribuindo para começar a se realizar a vida digna porque eu acho que ninguém merece está passando fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança, machuca ver uma criança passar fome, então, quando a gente pode ajudar, seja dando alimento, dando carinho a gente está contribuindo para que esse sonho se realize (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).*

Seus sonhos são tecidos com o desejo de mudar o mundo, o cuidado aparece no sentido de despertar para a vida, de se preparar para a vida, preocupando-se consigo para se preocupar com o outro, ocupando-se de si com ajuda do outro, reforçando as relações familiares e de amizade (Foucault, 1997, p.126).

*se a gente quer um país melhor não devemos olhar somente para nós, e sim, para aquelas pessoas que precisam da nossa ajuda, é ajudando uns aos outros que a gente pode construir um país melhor e podemos mostrar também para aqueles que governam nosso país que aquelas pessoas que passam fome, dormem na rua, que não tem afeto de ninguém, que não tem um olhar amigo de ninguém, eles também podem ajudar essas pessoas e não só a gente (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá)*

Mas o cuidado aparece aqui também no sentido socrático, isto é, prestar atenção no que se é, nos seus valores. O cuidado para esses jovens pode ser ainda inquietação, angústia, como no pensamento de Nietzsche. Ou ainda, na forma de pensar de Heidegger, seria acordar (EIZIRIK, 1997). Esse jovem do movimento Hip **Hop** evidencia o cuidado na inquietude da situação da periferia e no que pode vir a ser quando não mais for possível suportar a situação que o sistema impõe para os jovens.

<sup>2</sup> O cuidado esteve presente ao longo de 25 séculos da história e da cultura ocidental, mais voltado para os outros, mais conernente a si, a Deus, à sociedade, à política, ou mais diluído entre tantas variáveis do existir, mas acompanhou e acompanha a trajetória de cada um de nós, na medida em que também *amplia – como curiosidade, vontade de saber, de descobrir, de querer explicar coisas, de dizer a sua palavra.* (EIZIRIK, Marisa Faermann. 1997:39)

*A loucura na periferia vai chegar a um ponto tão insuportável, por isso que eu falo sempre pros cara daqui; nós cada dia ficar mais unido por um monte de coisa, até por causa dos caras do hip hop mesmo, por que assim na periferia quando você consegue criar uma corrente de união muito grande, o efeito do sistema é muito forte entre as pessoas de cobiça de individualismo, de nego passar por cima do outro, de inveja e o efeito do sistema é muito grande porque tá em todo canto isso, por necessidade e por que o sistema impõe entendeu. Eu tenho uma leva de dinheiro não vou poder dar esmola a todo mundo se não acaba meu real, porque tem um monte de esmoléu na rua, é a lei da sobrevivência e vai chegar a um ponto tal quando a gente constrói uma linha de resistência, as defesas do sistema cada vez fica mais forte junta mais gente e junta mais interesse (Jovem do Cultura de Rua).*

Na fala anterior o jovem identifica toda a máquina perversa que o envolve para sucumbir diante do sistema, mas ele ressalta a vontade de resistir por meio da união do movimento, pelos desejos comuns entre ele e outros, capazes de levá-los a sair de si mesmos, de mudar, de construir novas possibilidades no campo da cultura, da política e outros campos. "Ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida" (Foucault: 1997, p.123).

## Como os jovens vêm a política

Muitos estudos dos anos 90 vêm os jovens fora do mundo da política, mas o que se compreende por política? Arendt diz que "todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política" (Arendt, 1991, p.15). Então, como negar à juventude sua relação com a política?

Ao buscar entender o discurso dos jovens, pode-se perceber o sentido novo de política e cultura para eles. A política faz parte do processo de singularização, e dessa forma, ela deve ser pensada a partir da tecnologia e não apenas das condutas que a sociedade, o poder traçam para eles. Quando rejeitam, criticam determinadas situações de desigualdade e injustiça social, quando acreditam no movimento, na organização como uma forma de reagir à exclusão os jovens estão conduzindo seu próprio processo.

Ao participar de movimentos políticos, culturais e religiosos, os jovens inventam, transformam coisas, produzem saber, mudam comportamentos, valores, tecem sonhos, principalmente com a ajuda dos outros membros do grupo.

Aqui no movimento é massa. Se tem alguma pessoa que queira entrar na marginalidade, entrar numa ruim, a gente chega no Hip-hop... eu acho que governo devia apoiar mais esses grupos que tentam tirar os menores da marginalidade (Jovem do  $\text{MH}_2\text{O}$ ).

O movimento dá possibilidade a esses jovens de cuidarem de si e do outro, eles questionam a falta de apoio do Estado às suas práticas junto a outros jovens que estão nas garras do sistema marginal, que os exclui do mundo do trabalho, da educação e, até mesmo, do direito de sonhar.

A noção de política dos jovens transparece em vários sentidos e várias possibilidades. Pode-se pensar a partir do discursos desses jovens em uma alternativa que contemple três possibilidades: a falsa política, a política verdadeira e a política do devir.

A falsa política pode aqui ser denominada como politicagem, isto é, a política das falsas promessas, a política em proveito próprio, a política que vai de encontro aos valores universais. A política verdadeira seria a positiva, estabelecida, o discurso oficial, a política da verdade. Entendendo-se por verdade, “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos” (Foucault, 1986, p.13). Mas essa verdade seria universal? Como distinguir o falso e o verdadeiro? Quem pode dizer o que é verdadeiro? Quais as técnicas e procedimentos para tanto?

Utilizando-se o pensamento de Foucault, pode-se entender que, a verdade, por ser parte do mundo, é por ele criada. Dessa forma, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade”(Foucault, 1986, p.12).

A terceira possibilidade, a política do devir, é criar algo novo, um discurso que constrói, que transforma, que produz realidade. “Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem se conformar com um modelo, mesmo quando este é vinculado à “justiça” ou à “verdade”(Lins, 1999, p.242).

Os jovens colocam as três formas de maneira bem clara. A primeira possibilidade:

... como tudo hoje no mundo é política, acho que ela (a política) tem uma coisa positiva, mas as pessoas sempre procuram fazer a política uma politicagem, ou seja, uma coisa negativa e não uma coisa positiva, ela é transformada numa politicagem, numa coisa negativa que prometem, prometem e no final nada constróem. Existe uma falta de conscientização das pessoas, porque na hora de escolher seus governantes não procuram votar com consciência, simplesmente votam por simpatizar com o candidato e não procuram como um ser e muitas vezes vendem o seu voto e, assim, vendem seus direitos (Jovem da Pastoral da Juventude do Município de Tauá).

Aqui, se percebe que o jovem de um grupo religioso faz um paralelo entre a falsa política e a política verdadeira, uma em oposição a outra. A fala seguinte retoma a mesma idéia, comparando o bem e mal.

*Quanto aos políticos eu acho que nunca se sabe se eles estão fazendo para o bem da nação, se eles estão tentando mesmo mudar alguma coisa, eu acho assim. Acho que a política tem a haver com o problema*

*da desigualdade, porque se nós tivéssemos políticos competentes que tomassem atitudes (Jovem do Grupo Religioso do Bairro Pedra).*

O próximo depoimento trata da falsa política e seus efeitos. Já inicia, contudo, vislumbrando a idéia de construção de uma outra sociedade, mas insiste nesse movimento binário de opor o verdadeiro ao falso:

*...a desunião, falta de interesse dos governantes, orgulho, racismo, egoísmo, ambição pelo poder, falta de amor ao próximo, falta de conhecimento, falta de oportunidade e a desigualdade na educação. Por causa dessas coisas a nossa visão não é muito boa, porque para um país que sonhamos falta eliminar tudo isso do nosso país (Jovem da Pastoral do Município de Tauá)*

A falsa política é repetidamente associada à pessoa do político. E o discurso político determina o sujeito que fala, a partir de papéis previamente estabelecidos na política verdadeira.

*A gente se engana demais, porque eles falam uma coisa e faz outra completamente diferente. A gente tem que tentar conhecer aquela pessoa para saber se ela é digna mesmo de está no poder (Jovem da Pastoral do Município de Tauá).*

Como fala esse jovem, antes de tudo é preciso saber o que é política e entender que todos fazem política, mas qual política? Foucault citando Plutarco diz: "A política é "uma vida" e uma "prática" (bios kai praxis)" (FOUCAULT, 1985, p. 94). Como diz essa jovem, em um debate durante a pesquisa, os jovens buscam entender os significados da política, mesmo que em uma visão dualista entre positivo e negativo.

*A convivência, ninguém pode anular essas coisas não, tem que deixar de ver, a outra menina falando aí, "eu não estou nem aí para política", e ela hoje estar na situação que ela estar por causa da política, não adianta dizer que detesta política, eu nunca gostei de quem disse que detesta política, a gente detesta de hoje que não estar certa, isso aí é uma coisa, mas detestar política mesmo, o que é política, tem gente que não sabe nem o que é, por isso que detesta (Jovem do Grupo Religioso do Bairro Pedra).*

Ao analisar o sentido de política os jovens demonstram que rejeitam organizações instituídas, como partido, sindicato, isso não significa que eles estejam negando a política como prática. Os jovens estão fazendo política quando estão construindo outras formas de agrupamentos.

Dos jovens pesquisados nas escolas, comprova-se que 31,6% estão participando de grupos organizados e desses, apenas 2,7% estão nos parti-

dos políticos. Nesse universo de 31,6%, constata-se também que 41% estão em grupos culturais (bandas, teatro).

Dados semelhantes são encontrados em pesquisas sobre a juventude, por exemplo, no Chile, na França e no Brasil. Em uma pesquisa desenvolvida em nove capitais brasileiras e no Distrito Federal, com uma amostra de 1806 jovens, chegou-se a resultados semelhantes, 81% dos jovens não confia nos partidos políticos, com relação ao Movimento Sindical 44% não confia e 45% confia até certo ponto.<sup>3</sup>

Nas entrevistas, percebe-se a visão dos jovens sobre política e suas argumentações. A percepção desse jovem sobre política é bem mais ampla do que a política partidária, ele enfatiza a importância do movimento Hip Hop, critica o partido e fala de um dever político:

*A gente viu a importância do Hip Hop como ele é em si, o novo padrão que ele tem de militância política, ao invés da gente ter de enquadrar o Hip Hop dentro dos padrões lá das centrais democráticas, da versão tradicional dos partidos de esquerda, nem era necessário, a gente tava era matando a raiz do Hip Hop, a gente viu por exemplo que embora os cara da FEBEM não soubesse ler nem escrever e não dominasse os grandes conceitos, os caras faziam uma puta rima e a partir daí a gente ia discutindo as coisas, os caras tavam tipo, assim, querendo escrever o próprio nome, já tava motivado, escutava uma letra de Rap que falava da gíria que traduzia as questões que ele vivia no cotidiano, né! (Jovem do Cultura de Rua).*

Mesmo criticando a forma tradicional de fazer política o jovem acredita que pode inventar outras formas através de suas organizações culturais uma vez que estas têm se constituído um espaço onde grupos e indivíduos podem se representar e também num espaço onde possam questionar o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade.

As organizações dos jovens podem além de ser espaço de sociabilidade, tornar-se também um espaço de exercício da democracia. Como também podem reproduzir formas conservadoras de autoritarismo, alienação. Para resistir às tentativas de controle social, é fundamental que uma das finalidades dos grupos seja a luta pela autonomia, pela liberdade de singularização.

Alguns grupos tentam transformar normas, disciplina, regras, dando um novo sentido ao grupo, criando de fato práticas criativas, revolucionárias que os jovens desenvolvem para estar no mundo.

<sup>3</sup> Pesquisa "Juventude Cultura e Cidadania, realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 1999, com jovens de 15 a 24 anos de Porto Alegre-RS, Curitiba-PR, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Salvador-BA, Recife-PE, Belém-PA, Fortaleza-Ce e Brasília.

Os jovens no grupo têm possibilidades de construir processos de singularização que podem se apresentar de forma alternada, ora produzindo singularidade, onde constroem um novo tipo de representação, ora têm seus miniprocessos de desejo capturados pelas máquinas de produção capitalística (Guattari, 1986). Mesmo porque é difícil romper com as redes de manipulação e telecomando, que robotizam os grupos e organizações, que impõem valores massificadores, assim como é também difícil manter uma luta incessante e contínua de resistência (Guattari, 1986).

Esses jovens excluídos estão buscando novas formas de relações com a sociedade, estabelecendo outras relações com o trabalho, inventando alternativas de lazer, fazendo um reencontro com a arte. É nesse processo de criação e recriação da vida cotidiana que esses jovens podem desenvolver formas criativas de organização, inovando também a maneira de pensar e fazer cultura e política. Os grêmios estudantis, os clubes de jovens, as bandas, o Hip Hop vão dar lugar a novos movimentos que expressam seus "outros" espaços de atuação e outros vínculos com a sociedade.

Os excluídos não são apenas aqueles jovens pobres, mas também aqueles que recusam a legitimar a ordem vigente, os que se rebelam, que questionam a exclusão, e o comportamento das elites. São esses jovens que estão descobrindo novas formas de relação com a sociedade, de organização para resistência, como estão construindo novas representações, e estão tentando escapar de reproduzir os modos de subjetividade dominante, em todos os sentidos de exclusão raça, classe e gênero.

Os jovens colocam como estão construindo a política, o processo já foi desencadeado e portanto não se trata de utopia.

*O povo não tem a dimensão da força que é o Hip Hop que é o movimento social que tá se formando, né, fora do espaço institucional, fora das formas tradicionais de organização. De organizar o povo, e tal, porque é uma coisa nova a nível de juventude e no momento onde todos os projetos coletivos tão fodidos, hoje ninguém acredita em ninguém, ninguém quer ficar junto de ninguém e a gente tá juntando o cara que tá lá, sem instrução entregue às drogas, na gangue (Jovem do Cultura de Rua)*

Na visão desses jovens suas práticas tem um significado político, transformador, que é construído coletivamente. É um processo de singularização que está sendo gestado no grupo.

*O negócio é acreditar no potencial do jovem mesmo, acreditar nele, querer fazer isso e fazer. O negócio é pensar em fazer e fazer ter a força de vontade que o hip hop tem. Dançar o break não é em vão, vai atrás de dançar e não tá nem aí se vai rasgar as costas, se vai quebrar um braço quer fazer aquilo ali e faz e consegue fazer, é isso*

*ai é a força de vontade da pessoa mesmo vem de dentro, tipo nunca vou conseguir fazer uma letra de rap, nunca vou conseguir ter uma "levada" igual a dele, nunca vou conseguir uma base dessa, sendo que a gente acha que não. Antes a gente nem base tinha como fazer, começando batendo em lata mesmo a força de vontade da pessoa (Jovem do Cultura de Rua).*

Ao romper diversas barreiras de exclusão eles estão engendrando ações, tecendo sonhos que são capazes de gerar um sentido novo para política. O que torna mais desafiante, nessa proposta, é que as condições são completamente adversas, o chão, o sólido fogem aos seus pés, as perspectivas escorregam entre seus dedos, e ainda assim ficam os desejos, a vontade de saber, a vontade de lutar por sonhos que são e tornam-se realidade.

### **Organização dos jovens do movimento hip hop**

O Movimento Hip Hop chega ao Brasil na década de 1980 e em Fortaleza no início da década de 1990 com o grupo denominado Movimento Hip Hop Organizado – MH<sub>2</sub>O. Esse grupo cresce, desencadeia uma pluralidade de visões acerca da ampliação de seus próprios limites, cria diferentes estratégias de atuação o que levam, em 1998, ao desmembramento, dando origem ao denominado Cultura de Rua.

Os grupos de Hip Hop organizados atuam por núcleos, que denominam de posse. Segundo um jovem do MH<sub>2</sub>O posse “é um grupo de militantes reunidos, fazendo movimento social”, ou ainda, “indivíduos que fazem o Hip Hop e habitam em determinada região”.

Durante o trabalho de campo, ao observar o grupo Cultura de Rua em momentos de atividades, percebe-se que a própria forma como pensam e se organizam, é bastante diferente das maneiras tradicionais. Suas reuniões, encontros, ensaios, não segue, um modelo, com pauta ou qualquer formalidade, mesmo nos programas de rádio, eles têm uma espontaneidade rebelde que denota uma forma de comunicar-se que escapa ao controle da sociedade, e é dessa anarquia que eles criam sua própria ordem. (DELEUZE, 1992).

O Movimento Hip Hop se propõe a perverter a ordem do sistema, como também a perverter todas as ordens. Os jovens do grupo Cultura de Rua criticam as determinações, os modelos que são impostos a qualquer grupo e ao escapar dessas regras, desses poderes dominantes e desses saberes constituídos, eles criam seus próprios meios de organizar-se. Eles não adotam modelos, ou talvez adotem seu próprio modelo, e como diz Deleuze, “quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação” (Deleuze, 1992, p.214).

Nessa ordem e desordem, o grupo cria uma maneira própria de desenvolver suas atividades. Nessa fala esse jovem vai desenhando a forma que

ele e seu grupo estão criando para chegar a outros jovens, segundo o mesmo, não adianta falar para os jovens da periferia com um discurso acadêmico ou de esquerda porque para eles não tem nenhum significado.

*A gente começou a trabalhar junto às gangues, né, com a nova filosofia, a trabalhar essa coisa mesmo de lá pra cá, e não de cima pra baixo, a gente tem o conhecimento e vou chegar pra vocês: ó cara vocês são assim porque tem pobres e ricos, o sistema quer que seja assim, pá, pá. Não é bem assim, né, tinha outros valores lá, tem outras coisas (Jovem do Cultura de Rua).*

A crítica que esse jovem faz ao discurso doutrinário é também uma crítica à pertença doutrinária. Uma vez que a doutrina

*...liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros (Foucault, 1998, p. 43).*

Para escapar desse controle, desses dispositivos de poder que organiza esses saberes dominantes que codificam os seguimentos de forma binária, eles operam com suas próprias máquinas ampliando seus limites, buscando suas linhas de fuga. Outra forma de comunicação além do *break*, *RAP* e *grafite* que o grupo Cultura de Rua criou como símbolo para divulgação de seus códigos e idéias, foi um informativo, em abril de 2000. Seu editorial revela seu conteúdo:

*Esse informativo, é pouco diante de toda essa Babilônia de enganação Global, mas é muito se unida a outras iniciativas que buscam rasgar o véu da mentira dos 500 anos e escrever uma nova história, construída por aqueles e aquelas que sempre batalharam por um Brasil justo, igual e livre (Informativo do Movimento Hip Hop Cultura de Rua. Ano 1 - Número 1 - abril/2000).*

## Referências Bibliográficas

- ARENDRT**, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense, 1991.
- BRIGGMANN**. Arcanjo Pedro. Discurso: estrutura, evento ou processo? In *Revista Educação, Subjetividade e Poder*, V.3(mar-jul/1996) Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS, ed. UNIJUI, 1996.
- DELEUZE**, Gilles. **Conversações**. Tradução PELBART, Peter Pál. Rio de Janeiro: Ed. 34, Col. TRANS. 1992

**EIZIRIK, Maria Faermann.** Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. In *Revista Educação, Subjetividade e Poder*, V.4(mar-dez/1997) Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS), ed. UNIJUI, 1997.

**FOUCAULT, Michel.** *A Arqueologia do Saber*, 4. Ed. Rio de Janeiro. Florense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*, São Paulo: Loyola, 4 ed. 1998.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*, Rio de Janeiro: Graal, 6 ed. 1985.

**GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely.** *MICROPOLÍTICA: Cartografias do Desejo*. Vozes. Petrópolis, 4 ed. 1986.

**LINS, Daniel.** *O Dedo no Olho: micropolíticas do cotidiano*. São Paulo: Annablume, 1999.

## ESCOLA: QUANDO A JUVENTUDE TECE SIGNIFICADOS<sup>1</sup>

*Kelma Matos*

O presente trabalho discute, como questão central, qual o significado da escola para os jovens, tomando por referência seus olhares, modos de pensar, sentir e agir, e suas palavras.

Parte da minha pesquisa foi realizada em conjunto com o grupo que participou do estudo "Juventude, sociedade e cultura: múltiplos olhares acerca da expressão cultural dos jovens"<sup>2</sup>. Neste trabalho, além da aplicação de questionários com 1180 jovens estudantes – cursando 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio, em onze escolas estaduais, municipais, particulares e cooperativada<sup>3</sup> – foram feitos debates com grupos culturais e religiosos<sup>4</sup>.

Na outra parte da pesquisa, voltada especificamente para a construção da minha tese de Doutorado em Educação, aprofundi a temática escolhida em duas escolas, uma pública e outra privada, inseridas na amostra maior, e localizadas na Região Metropolitana de Fortaleza. Ouvi e observei jovens alunos e alunas nas suas múltiplas interações, nos *loci* escolhidos, levando em conta a diferença entre o seu nível social, as localizações das escolas em diferentes bairros, e as redes de ensino. As duas instituições são de grande porte, com mais de 1000 alunos cada uma, e funcionando com o Ensino Fundamental e Médio. Neste estudo refiro-me a elas por Escola Estadual F e Escola Particular C<sup>5</sup>.

Fiz observações em sala de aula durante o primeiro semestre de 1999. Trabalhei com grupos de discussão em nove turmas de 8<sup>a</sup> série, nas duas escolas, a partir de textos sobre escola pública e privada, violência e cidadania.

---

<sup>1</sup> Artigo baseado em parte da Tese de Doutorado "Juventude e escola: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC em 20.07.2001. Cf Matos (2001a). Neste estudo serão apresentados, especificamente, apenas alguns dados coletados nos questionários e nos **grupos de discussão** com os jovens das duas escolas, nas quais fiz o aprofundamento da minha pesquisa.

<sup>2</sup> Pesquisa coordenada pela Professora Dra. Maria Nobre Damasceno.

<sup>3</sup> Todo o material foi sistematizado nos programas ACCESS e SPSS permitindo uma visão quantitativa e qualitativa dos dados.

<sup>4</sup> Quatro grupos de jovens participaram dos debates, sendo três em Fortaleza e um nas proximidades da cidade de Tauá. Dois destes grupos são ligados ao Movimento Hip Hop, e os outros dois à Igreja Católica (grupos Pedras e Tauá).

<sup>5</sup> Foram aplicados, respectivamente 145 questionários com jovens da Escola Particular C, e 169 com os da F. Estes alunos cursam 8<sup>a</sup> série, 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio.

Solicitei também redações nas turmas sobre seu entendimento de juventude e o significado da escola para eles. Por fim, efetivei ainda dois grupos focais (Debus, 1998), apliquei questionários com docentes e organizei durante o ano de 1999, um banco de dados sobre jovens, a partir do Jornal Folha de São Paulo.

Na discussão sobre juventude, fiz algumas opções: primeiro de perceber o jovem como sujeito, inspirada nas análises de Abramo (1997, p. 25) em que a autora indica serem raros os estudos “voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação”. Considero, então, os jovens como interlocutores, priorizando suas percepções e dizeres de si, nas suas múltiplas relações, e em especial com a escola. Somada a essa primeira opção, outra fez-se presente: perceber o “jovem real” que não está apenas limitado à instituição escolar, evitando, como adverte Dayrell<sup>6</sup> (2001), que os sujeitos não sejam revelados e o aluno apareça como um jovem desconhecido. Essa foi a constatação a que chegou o autor após analisar cinquenta teses e dissertações sobre “Juventude e Escola” e relatar que, no geral, os estudos incidem prioritariamente sobre os aspectos pedagógicos do *locus* escolar, apontados a partir do olhar dos alunos, sem expressarem quem são esses jovens<sup>7</sup>.

*Em síntese, nestes trabalhos os jovens reais, subsumidos no papel de alunos, não se constituem objetos de investigação por parte dos pesquisadores. Evidencia-se um paradoxo: a razão de ser da escola é o aluno, e é exatamente este ator o menos conhecido* (Dayrell, 2001, p. 26).

Outra opção ainda foi a de focar a juventude de forma positiva, na contramão das imagens mais freqüentemente difundidas pelo *media*, que prioriza divulgar os jovens relacionados, por um lado, à violência, ao perigo social iminente, ao espetáculo, ou, por outro, à apatia, à inércia, à inatividade política, à imaturidade. São imagens caricaturadas que os desqualificam, negando-os como sujeitos e apresentando-os como os que ameaçam a ordem, ou como vítimas que precisam ser salvas.

*... é muito presente e forte a imagem dos jovens que assustam e ameaçam a integridade social. (...) Podem tornar-se assim, junto com o medo, objeto de nossa compaixão e de esforços para denunciar a lógi-*

<sup>6</sup> Nesse mesma análise, Dayrell relata que há lacunas nos estudos sobre os jovens das camadas médias e de elites, e da zona rural. As abordagens nas escolas particulares também não têm sido prioridade, segundo o autor. Na Introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), é também feita uma referência à reduzida quantidade de estudos sobre a juventude no meio rural.

<sup>7</sup> Cf sobre a importância de perceber quem são os jovens alunos o texto “Pela lente da escola pública: um olhar sobre os estudantes” (Medeiros, Matos, Damasceno, 2000). Ver ainda Damasceno (2000).

*ca que os constrói como vítimas e de ações para salvá-los dessa situação. Mas dificilmente como sujeitos capazes de qualquer tipo de ação propositiva, como interlocutores para decifrar conjuntamente, mesmo que conflituosamente o significado das tendências sociais do nosso presente e das saídas e soluções para elas (Abramo, 1997, p.35-36).*

Assim, busco analisar o significado da escola para os jovens alunos pesquisados, respeitando seu olhar porque são sujeitos reais, compreendendo que, além de alunos, eles são também jovens que se relacionam, têm preferências, sonhos, famílias, idéias, ideais, opiniões. E, além disso, enfoco-os através da lente da positividade.

Na Escola Particular C, a idade máxima verificada dos estudantes foi de 20 anos, e isso em apenas um caso. Todos os outros jovens possuem entre 13 e 18 anos. Observei que a maioria expressiva tem até 16 anos de idade, o que pode hipoteticamente indicar que estão relativamente equilibrados na relação *série/idade*<sup>8</sup>, principalmente, se for considerado que nessa escola, a maior parte deles cursa a 8ª série. Na Escola Estadual F, a faixa etária dos estudantes em 82,6% dos casos está entre 13 e 18 anos, com 14,4%, de 19 a 24 anos, e os outros 3% estão acima de 24 anos. Um aspecto deve ser ressaltado: a escola particular C não funciona à noite, e na estadual F foram aplicados questionários com estudantes nesse turno, que normalmente são trabalhadores e com idade mais avançada que os demais.

Em praticamente todos os casos eles asseguram que a escola é importante. Uma pequena parcela deles declarou já ter repetido o ano pelo menos uma vez, e mais da metade nunca repetiu. As séries apontadas com maior índice de repetência foram a 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Fundamental, com destaque para a 1ª série. As taxas de repetência da 1ª série, no cenário nacional, também são as mais elevadas, especialmente em alguns Estados das regiões Norte e Nordeste, em que o problema atinge mais de 50% dos alunos. (INEP, 2000)

Garantem que faltam raramente às aulas. Quando ocorrem as ausências o motivo mais apontado por eles é quando estão doentes. O trabalho como motivo de falta, já que também abordamos alunos do curso noturno, foi destacado em raríssimas respostas. Com relação à escola C, só foi destacada por um aluno, e na F por 18 deles, o que corresponde a 10,6% dos estudantes nesta escola. Na Escola Estadual F 32,1% dos alunos fazem trabalho remunerados. Essas porcentagens diferem significativamente do resultado da Particular C, em que os alunos trabalhadores não chegam a 10%.

A família é importante para eles. Respondem que costumam conversar com seus familiares sobre diversos assuntos e dentre esses, os mais em evidência são: situação econômica e política do País e drogas. A renda familiar do grupo pesquisado torna visível uma grande disparidade, quando são confrontados os dados da escola pública em relação à escola particular C. Na

<sup>8</sup> Ver INEP (2000) sobre o tema *distorção série/idade*.

escola F, a renda familiar de 71,6% dos alunos está entre menos de R\$ 250,00 indo até R\$ 500,00, enquanto que na escola particular uma maioria expressiva, encontra-se na faixa entre R\$ 1.000,00 e até mais de R\$ 4.000,00. Os números indicam que, de fato, os jovens da escola particular detêm um poder aquisitivo extremamente superior aos demais sujeitos investigados.

Apesar das diferenças socioeconômicas entre jovens das escolas pública e particular e das adversidades por que passam os primeiros, concordo com Madeira (1998), quando anota que os jovens trazem consigo a marca da juventude, e há alguns resultados comuns, como por exemplo, em uma questão feita sobre o que mais admiravam, tendo por opções família, amigos, professores e artistas, afirmam, em geral, que a família ainda é o que mais admiram. Em segundo lugar, escolheram os amigos, e os professores ocuparam a terceira opção nos resultados.

Com relação às festas, a preferência apontada é o forró, independentemente das escolas e classe social<sup>9</sup>. A televisão aparece como a opção mais democrática de diversão. No esporte, o futebol é a prática preferida. Os filmes mais vistos são os de romance. Gostam de passear no *shopping*, e quando possível fazer compras. Em todos os tipos de diversão apontados, os amigos “devem estar” juntos para que o lazer seja completo.

A expressiva maioria dos pais possui casa própria. Praticamente todas as moradias tem energia elétrica e água encanada. No geral, gostam do local em que moram, e o que os faz gostar mais desse ambiente são os amigos, depois a localização, e como terceira escolha a solidariedade entre as pessoas. O que assinalam gostar menos é, em primeiro lugar, a falta de segurança, e em seguida a falta de locais que proporcionem cultura e lazer aos moradores.

Alguns desses jovens, participam de grupos culturais de música, de bandas, e teatro. Os que participam de grupos dizem que dois dos fatores mais importantes nessa participação é fazer novos amigos e divertirem-se. Normalmente entram no grupo levados pelos amigos.

Sob o aspecto religioso, declaram-se católicos, mas quando questionados sobre a manifestação de sua religiosidade, apenas uns poucos declaram ir à missa, e outros dizem apenas “rezar”.

Considero que os dados apresentados conformam uma síntese do perfil dos jovens alunos<sup>10</sup>. Ainda assim outras tantas facetas desse grupo estarão mais visíveis neste trabalho, tanto na discussão sobre o cotidiano em sala de aula, como nos encontros de aprofundamentos a serem oportunamente abordados.

<sup>9</sup> O conceito de classe que utilizo baseia-se numa concepção que se refere às “diferentes camadas que constituem a sociedade, em função de suas atividades no processo econômico e do grau de prestígio que o exercício destas atividades confere [ou seja] qualquer forma de estratificação em uma sociedade politicamente organizada”. (Toscano, Apud Rosa, 1999, pág.52). Nesse trabalho também não é minha pretensão discutir sobre a categoria Estado.

<sup>10</sup> Para uma análise mais detalhada veja Matos (2001a).

## Chegando às escolas: a construção da intimidade

Nas duas escolas, em termos gerais posso dizer que o acesso foi tranquilo. Na escola particular, após uma primeira reunião com a direção, recebi a autorização para iniciar a pesquisa. Antes disso pedi para conversar com os professores e explicar os planos, objetivos e motivos das observações em sala de aula. Ressalto que a minha proposta inicial era de, no decorrer da pesquisa, também trabalhar com os docentes, nas duas escolas<sup>11</sup>. Expliquei a idéia durante a reunião, esclarecendo sobre a pesquisa e a contribuição que gostaria de oferecer. Alguns professores da escola particular, nos primeiros momentos, pareceram estranhar um pouco a chegada de “estranhos” em suas salas de aula, provavelmente porque a pesquisa de campo é mais freqüente nas escolas públicas.

Ah, o novo! O novo nos apavora às vezes, e...nos protegemos. Desconfiamos primeiro para depois irmos nos entregando. Assim foi na escola particular. Os olhares do primeiro dia diziam: “Entrar na minha sala? Como é que vai ser isso?” “Agora só faltava essa. Acho que vão é atrapalhar a turma”. Até que alguém falou claramente: “O que você quer com isso mesmo?”. Expliquei tudo outra vez, pacientemente, mas acrescentei que ficassem à vontade para permitir ou não o acesso às suas salas, pois compreendia que sala de aula é lugar sagrado e que para entrar aí é preciso de permissão. Falei isso por acreditar, de fato, mas não pude deixar de lembrar Foucault (1993) sobre o poder: “Ah, se a sala é minha então... pode ser”. Os professores tinham razão, e Foucault também. Dois deles, mais tranquilos agora, reforçaram o pacto de boa vizinhança, dizendo que seria ótimo e que gostariam de ficar sabendo dos resultados durante o processo.

Demonstraram no cotidiano que não tinham por hábito a presença de olhos atentos, de mãos que escrevem num caderninho (diário de campo), que se transforma em objeto de fetiche. Há sempre algo a se falar sobre o caderno, ou sobre o desejo: “o que vocês tanto escrevem aí, hein?”; “É segredo?”; “É como o nosso diário?”, “Ah, você chegou atrasada hoje, dê-me aqui a sua agenda (caderno de observação) que vou já fazer umas anotações”, “E aí, como estamos indo?”.

Na escola estadual F, foi tudo mais simples ainda, porque eu já conhecia a escola de outra pesquisa (Campos, Matos, 2001). Ainda assim expliquei sobre a proposta, o tempo que ficaria com eles, a presença nas salas de aula. Penso que, além da maior freqüência das pesquisas nas escolas públicas, a abertura para os estágios torna a chegada de pessoas uma prática costumeira para a comunidade escolar. (Matos, 2001b)

Os jovens, desde o início, nos acolheram com alegria porque para eles o novo é mistura de adrenalina, curiosidade e prazer. Essa parece ser uma

<sup>11</sup> Inicialmente, planejava trabalhar com os docentes e com as famílias, no decorrer da pesquisa optei por centrar o foco da investigação nos jovens.

boa fórmula. Assim, chegar à sala de aula sempre foi uma festa e, com o passar do tempo eles nos fizeram "cúmplices". Mostraram-se também curiosos com o "tal caderno". Pediam sempre explicações e não escondiam a vontade de saber que palavras eram aquelas, o que diziam, de quem diziam. Pensei sobre o diário também como um instrumento de poder, para o pesquisador e, querendo amenizar o mistério, em alguns momentos, mostrei para eles os trechos de aulas copiadas. "Ah, é isso? Cópia mais que a gente. Deus me livre!". Assim foi se dando a conversa, entre a pesquisadora e eles, jovens sujeitos, nesses e noutros momentos, como os dos grupos de discussão, que serão vistos agora.

### Os grupos de discussão: passos dados e algumas respostas

Esses grupos foram organizados nas escolas particular e na pública. Na Escola Particular C, realizei discussões durante a comemoração da "Semana da Cidadania" da escola. Participaram desse momento, com a aprovação da coordenação pedagógica, todos os alunos das seis 8<sup>as</sup> séries, ou seja, cerca de 210 jovens alunos. Fomos para a sala de vídeo, por turma, e em companhia da professora de Religião, que cedeu o espaço de suas aulas e expressou estar gostando muito das dinâmicas e discussões. Na escola pública o trabalho foi realizado em três salas de aula, com o total apoio dos professores. Nos dois locais, é importante ressaltar que os professores mostraram-se muito respeitosos e éticos, deixando o debate acontecer sem interferências.

Explicarei aqui qual a metodologia aplicada nos grupos. As escolas contribuíram com as cópias dos textos. Com cada turma nos encontramos duas vezes para a leitura e discussão dos artigos de Pinski (1998) : "A lei é igual para todos?" e "Cidadania se aprende na escola". São escritos de três páginas, que escolhi pela importância dos assuntos, e também por apresentarem uma linguagem rápida, direta, crítica e significativa. O autor, no primeiro texto, toma por mote o assassinato do índio Galdino<sup>12</sup>, em Brasília, incendiado por cinco jovens das classes média e alta. O texto possibilitou debater não apenas o aspecto da violência, como também da aplicação das leis entre pessoas de classes sociais diversas. A segunda leitura fala sobre os comentários que descredenciam a escola pública e mantêm uma postura otimista quanto à mudança de atitude, através da cidadania e da participação. Aqui pude discutir as percepções deles sobre escolas pública e privada.

Após a leitura, expliquei como se organizariam: pedi que formassem grupos menores para que discutissem, fizessem uma síntese, escrevessem seus

<sup>12</sup> O assassinato do índio Galdino aconteceu no dia do índio 19.04.1997, em Brasília. Vide Toledo (1997) e Policarpo Júnior, (1997). Sobre juventude e violência cf. Waiselfisz (1998, 2000).

comentários e idéias, e depois faríamos as apresentações. Para a apresentação, poderiam ou escolher um relator, e/ou falar os que sentissem disposição para isso. Essas sessões foram gravadas, transcritas e analisadas. Um momento incrível em um desses encontros foi quando um grupo de jovens, da escola particular, todos do sexo masculino, no momento de falar, deixaram escapar um "uivo" conjunto tão forte, alto e dolorido que nós outros ficamos estáticos. Tentei retomar o "meu papel" e pedi que se fosse possível eles comentassem a sua resposta. "A gente gritou porque quis expressar no grito a indignação da população perante isso, quis dramatizar o nosso sentimento assim. É isso aí". Foram aplaudidos. Às vezes não compreendemos os "uivos", só as palavras, mas eles também significam. Abramo (1994), por exemplo, esclarece os significados de vestir, cantar, gritar e agir dos *punks*, no modo que escolheram para dizer que não concordam com "tudo o que está aí".

Interessante foi perceber que, no geral, todos os 300 jovens (210 da particular e 90 da pública) tomaram posições contrárias ao assassinato do índio Galdino, denunciando a quase impunidade dos cinco jovens que o incendiaram. Concluíram que eles deveriam pagar pelo ato que cometeram e afirmaram que a morte do índio aconteceu porque ele era pobre. Colocaram-se contra o preconceito, a discriminação e a impunidade, nos seus comentários.

*O que eu tenho a falar é que a discriminação social não justifica conseqüências como essa. Morte por besteiras, mortes banais. O que eu queria dizer sobre nós jovens, já que a pesquisa é sobre jovens, é que a gente sabe muito bem o que a gente faz, por exemplo, nos Estados Unidos, um menino de 12, 13 anos estava matando por aí e foi julgado, acho que o certo é isso. (...) Agora eu tenho certeza que eles não sabiam a dimensão. Eles não sabem o que é uma morte, eles não sabem o que é destruir uma vida, eles não tem dimensão disso. (...) O que eu tenho a dizer é que ninguém é branco porque quer, ninguém é preto porque quer, ninguém é pobre ou rico porque quer. Todo mundo nasce assim, e só porque uma pessoa nasce branca ou rica, negra, ruiva, amarela, azul não se justificam certas coisas (Aluna da Escola Particular C. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

*A lei não é igual para todos porque hoje no Brasil nós praticamente não temos lei. Os ricos fazem o que querem. Eles matam, eles roubam e começa lá por cima. Eu acho que jovem nenhum tem o direito de sair matando, pode ser um mendigo, pode ser até um animal, ninguém tem o direito de matar ninguém, só quem tem mesmo o direito é Deus, (...) e a juíza ainda quer liberar. Não pode. E tem que prender, e eles não saírem nunca mais. Um crime desse... foi um crime bárbaro, não foi uma coisa comum. Acho que tem de prender (Aluna da Escola Pública F. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

Os jovens sabem o que fazem, o que falam, e opinam. Não apoiam outros jovens que cometem assassinatos. Analisam a sociedade que está aí, em que “Os ricos fazem o que querem”, e expressam a sua indignação contra a violência “em um mundo que a violência se juveniza” (Peralva, Spósito, 1997). Demonstram a positividade do seu agir através de suas falas, enquanto sua imagem construída socialmente, na maioria das vezes ou os coloca como vítimas ou como transgressores (Abramo, 1997).

Com a oportunidade de discutir sobre a banalização da morte – os jovens de Brasília incendiaram um índio e se desculparam com o argumento de que acharam que fosse um mendigo – chamou a minha atenção o fato como os alunos pesquisados expressaram na discussão sobre a violência que a temática do poder sobre a vida dos outros traduz-se na divisão de classes, e na consequente diferença em como esses casos são tratados. Acreditam que o índio morreu, não porque era índio, mas porque era pobre, como também explicaram os jovens assassinos. Compreendem que a justiça não se fará como deveria porque os que mataram são de classe média e alta, ou seja: não são pobres.

*A gente achou que por eles serem jovens de classe média e alta, vai demorar para eles serem presos, porque se fosse jovens de classe mais pobre eles já estavam na cadeia, com certeza. A gente ficou na dúvida, será se esses pais não pagaram para a juíza para ela adiar, fazer alguma coisa? (Aluna da Escola Privada C. 8ª série. Diurno Grupo de Discussão).*

*A lei não é igual para todos. Se fosse um pobre que tivesse matado o rico, aposto como ele seria julgado com trinta anos para ser morto por outro. Agora, como é um rico não querem nem saber quantos anos, nem ligam... (Aluno da Escola Estadual F. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

Vivemos uma “guerra das raças”. Mesmo que as palavras não se coloquem, não explicitem essa guerra, ela se mostra cotidianamente, na força de quem tem nas mãos o poder e precisa mantê-lo e por isso lança mão da violência para sobreviver e decidir quem continuará vivendo: seus aliados/iguais, ou quem vai morrer – os diferentes, pela possibilidade de desafiar o poder instaurado. Os alunos compreendem que o índio morreu porque era pobre, diferente, não era um “aliado”. Foucault explica sobre o “direito” de fazer morrer ou deixar viver:

*Na teoria clássica da soberania o direito da vida e de morte era um dos seus atributos fundamentais. Ora, o direito de vida e de morte é um direito que é estranho, estranho já no nível teórico; com efeito o que é ter direito de vida e de morte? Em certo sentido, dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo dizer que*

*ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político* (1999, p. 286).

Após os grupos, imaginei onde estaria o espaço na *media* e na sociedade para perceberem também as qualidades e equilíbrio da juventude, que certamente não deve se expressar só nesses sujeitos. Assim, as questões vieram em quantidade: Que jovens são esses, tão conseqüentes em suas idéias? Não são os *media* que os denominam marginais, violentos e perigosos? Não são estes os normalmente vistos como “problemas sociais”?

Abramo (1997, p. 128) ensina que essa visão deturpada sobre a juventude decorre do fato de raramente serem considerados sujeitos, então, muitos olhares são dirigidos a eles, ou percebendo-os como consumidores em potencial, ou discutindo desvios no seu comportamento. A autora indica que há “uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problemas sociais” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros autores, de contribuir para a solução de problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los”.

Se não considerarmos esses jovens como sujeitos, podemos também nos surpreender com a simplicidade e profundidade das suas falas sobre a escola pública e a particular. Centraram as “mensagens” nas dificuldades visíveis da escola pública e, quanto à escola particular, alguns reclamaram apenas das altas mensalidades. No geral admitem que a escola particular tem mais qualidade e os alunos são mais bem tratados porque “pagam e exigem”.

Os alunos da escola particular C acreditam que o governo não está muito preocupado em melhorar a escola pública. Indicam que, mesmo tendo os mesmos professores e algumas das condições ideais, nas escolas publicas mais organizadas falta material explicativo em razão da precariedade das verbas. Criticam também a destruição provocada pelos alunos em muitas escolas, e até ensaiam dizer que fazem isso porque não sentem a escola como deles (Matos, 1994; 1998).

*Falando sobre a escola pública e particular queria falar que existe escola pública que é muito parecida com a escola particular. O que vai diferenciar muito essas duas escolas vai ser os próprios alunos. Vou tirar pela escola que tem perto da minha casa. Minha mãe trabalha lá. O colégio é um colégio modelo, mas nas férias ele é entregue perfeito com quadra coberta e tudo. Agora o colégio já está todo pichado por dentro, os vasos sanitários foram parar em cima do muro do colégio. Foram entregues os computadores, agora, a galera pega o teclado dos computadores e fica quebrando, pensando que é brincadeira* (Aluno da Escola Particular C. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).

Os jovens das duas escolas, ao afirmarem que por vezes escola pública e particular se assemelham, trazem à discussão sobre o público e o privado<sup>13</sup>. Em alguns depoimentos pude recordar os argumentos de Vieira (1991, p.11), esclarecendo que a qualidade da escola privada não pode ser mensurada apenas pelas suas instalações, pois elas não garantem o ensino-aprendizagem, escondem “classes superlotadas e professores especialistas em fazer passar. Também não são sequer razoáveis as escolinhas privadas de bairro, que aparecem a cada esquina”. Há, de fato, muitas escolas públicas funcionando até com maior qualidade do que outras tantas particulares, principalmente quando estas últimas estão localizadas em regiões mais periféricas, e normalmente experienciam grandes dificuldades de funcionamento. Não se pode negar é que faltam recursos à escola pública, em geral.

*A escola pública e a escola particular, as vezes, dependendo da escola só muda o nome, porque o mesmo ensino que eles tem lá, a gente tem, os mesmos professores, mas só o que evolui é o modo deles ensinarem: a tecnologia, tem laboratórios, o modo de explicar. Quando é uma aula de ciências aqui nós não temos um boneco, com o corpo humano junto com a amostra, a gente tem que pensar, olhar para o caderno e lá não, eles tem mostrado e explicado. Só o que muda é a evolução, a tecnologia e o dinheiro. Aqui nós não temos giz, porque devido ser uma escola do governo é muito precário, a verba é muito pequena (Aluno da Escola Estadual F. 8ª série. Diurno. Grupo de discussão).*

*A diferença entre a escola pública e particular é que a particular tem mais recursos, você tem um laboratório, você tem a biblioteca com muitos livros. O professor já fica melhor para dar as aulas, já se interessam mais. A pública você tem poucos recursos. Você não tem um laboratório, sua aula é você vir e tchau, tchau e sai, não tem uma mudança legal, se a gente precisa de um vídeo não tem, um retroprojeter não tem, então, dificulta até a aula do professor, que as vezes ele quer fazer uma coisa com você e não tem o aparelho. É isso aí (Aluna da Escola Pública Estadual F. 8ª série. Diurno. Grupo de discussão).*

Continuando a discussão sobre o público e o privado, há um ponto em que insistiram e, com o qual concordo: é que na grande maioria das vezes pais e alunos não sentem a escola como deles. O “bem público”, com todos os avanços percebidos, ainda traz a marca de “bem do Estado” ou do “governo”, como preferem dizer.

<sup>13</sup> Para um aprofundamento nas questões sobre o público e privado na educação vede Vieira (2000).

Spósito (1998a, pág.44) confirma que, em São Paulo, normalmente as crianças, adolescentes, jovens e moradores dos bairros são os responsáveis pelas depredações nas escolas, e fazem isso como forma de protesto, expressando o seu desencanto, desapontamento e insatisfação com o papel da escola frente às suas expectativas.

*Podem expressar críticas contra a direção da unidade escolar pela impossibilidade do uso de suas dependências externas para o lazer; podem ser recusas das modalidades de agressão vividas no processo pedagógico (medidas disciplinares e punições praticadas por professores consideradas abusivas, critérios de avaliação e de desempenho).*

Ressaltam a importância da presença dos pais na escola como uma forma de evitar os comportamentos de transgressão ora destacados. Por outro afirmam que a escola deve ser aberta à comunidade mais carente, também nos finais de semana. Esta é uma discussão que vem sendo retomada continuamente por vários autores<sup>14</sup>: a participação da comunidade na escola. Parece que a escola ainda está aprendendo a lidar com as questões de participação através de experiências como os conselhos escolares, as eleições de diretores<sup>15</sup>, as avaliações institucionais, e muitas delas já experimentam uma maior abertura com a comunidade, “inaugurando a construção do tempo de uma gestão mais democrática”. (Campos e Matos, 2001)

*Eu acho que tem gente que quer ir para a escola, quer jogar, quer fazer essas coisas na escola. A escola já não abre com medo de quebrarem lá dentro. Querem evitar que o povo vá lá. Eles já estão é com medo, todo ano ajeita e eles vão lá quebrar as escolas (Aluno da Escola Particular C. Grupo de discussão).*

É verdade que com a crescente violência nos bairros e também no cotidiano das escolas<sup>16</sup> há receio de danos materiais e pessoais. Candau, Lucinda, Nascimento (1999) analisam, nesse aspecto, a interferência de grupos externos que com facilidade de acesso invadem a escola e a transformam em verdadeiro campo de batalha. Em resposta, a escola se “fecha” a cada dia, e deixa de dispor seus equipamentos para quem é de direito. Apontam ainda a depredação através de furtos, quebras de sanitários, como foi citado acima por uma aluna, pichações, quebra de lâmpadas e ventiladores. Ainda podem ser observadas atitudes de violência entre alunos, e pessoas da comunidade, que agridem e matam os alunos dentro das

<sup>14</sup> Spósito (1984, 1992, 1998b), Matos e Maia (1995), Paro (1997).

<sup>15</sup> Cf. Vieira (coord.) (2001).

<sup>16</sup> Vide Zaluar (1992), Spósito (1998b), Candau, Lucinda, Nascimento (1999).

escolas<sup>17</sup> e, infelizmente, também entre jovens e professores. Não são apenas os prédios os atacados, mas também emerge uma crise de identidade na escola sem parâmetros anteriores.

Os alunos da Escola Estadual F confirmam a facilidade do acesso e destacam que gostariam que a entrada na escola fosse mais restrita às pessoas conhecidas. Temem pela sua segurança, principalmente os que vieram de uma escola particular.

*...na escola pública eu achei muito estranho, aqui é uma colégio grande que entra qualquer tipo de pessoa. (...). Eu acho que aqui nesse colégio há muito desorganização, entra qualquer aluno, qualquer... Eu não estou querendo dizer que entra qualquer marginal mas, realmente, entra qualquer pessoa, qualquer pessoa entra numa escola pública (Aluno da Escola Estadual F. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

*A diferença entre as escolas é que a escola pública ela fica num colégio aberto. Porque os alunos era para ter seu ponto de entrar uma hora e eles fecharem. Porque fica muita gente entrando, e muitas vezes fica aí uns malandros que não querem nada... (Aluno da Escola Estadual F. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

Após apontarem a depredação escolar; a falta de recursos; a falta de segurança; a violência nas escolas; o sentimento de que o público não pertence à comunidade, acrescentaram a todas essas dificuldades os problemas salariais e de jornada de trabalho dos profissionais de educação, que muitas vezes precisam aumentar a sua carga horária para sobreviver, em virtude de seus baixos salários<sup>18</sup>. Nesse sentido Paro (1995, p. 239) indica que a redução salarial dos docentes influenciou também no desprestígio da profissão, que se tornou mais um motivo por que são pouco respeitados pelos alunos. “Hoje, os professores sentem o desprestígio de sua condição docente e alguns relatam que se sentem até envergonhados quando tem de mencionar sua ocupação profissional e se vêem obrigados a justificar sua situação...”.

<sup>17</sup> Nos primeiros quatro meses de 1999 o número de jovens mortos, feridos e armados nas escolas cresceu assustadoramente. Weiss e Padilla (1999) apresentam um quadro que sintetiza um estudo feito em 238 escolas do Estado de São Paulo e mostra que 72,5% das 788 escolas pesquisadas sofreram algum tipo de violência (depredações, brigas, pichações, arrombamentos, invasões de estranhos, furtos, danificação de veículos, tráfico e consumo de drogas, uso de armas por alunos, explosões de bombas, ameaça de morte, tiros contra o prédio escolar, incêndio provocado, e outros).

<sup>18</sup> Há vasta literatura sobre a discussão da escola no contexto neoliberal, sendo depauperada e trazendo a desvalorização da função e remuneração docente. Ver, entre outros, Resende (1995), que também relaciona a redução salarial com os desprestígio profissional do Magistério.

E se os salários dos professores em todo País são considerados ainda defasados, os salários médios dos docentes na região Nordeste são os mais baixos do Brasil, tomando por base o Censo do Professor realizado em 1997 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP.

*Em 1997, o salário médio dos docentes da educação básica era de R\$ 529,92. Enquanto a Região Sudeste apresenta uma média salarial de R\$ 686,31, os docentes da educação básica na região Nordeste recebem em média R\$ 297,18 (INEP,2000, p.58).*

No mesmo texto, a média salarial dos professores da Educação infantil no Sudeste era de R\$ 587,00, e na região Nordeste de R\$195,00. A ressalva feita é que o levantamento foi realizado antes da implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério-FUNDEF. É importante observar que mesmo com a lei 9.424 de 24.12.1996, que regulamentou o FUNDEF, instituindo que Estados e Municípios deveriam ter seus planos de carreira do magistério público, o salário dos professores ainda não é o ideal, como o da grande maioria dos profissionais brasileiros, principalmente levando-se em conta o fato de que partes dessas verbas são muitas vezes desviadas.

Os depoimentos dos jovens detectam que o cansaço, pela exaustiva e desumana carga de trabalho, influi negativamente na capacidade profissional do docente, que por vezes avaliam os alunos, aprovando-os, para não estenderem as aulas no período de férias. Trazendo essas questões, têm clareza de quanto os alunos da escola pública perdem com isso.

*Minha mãe é professora de escola pública. Ela dá aula na Serrinha, de manhã, a tarde em Maracanaú e a noite em Pajuçara. De manhã até que ela tem um pouquinho de ânimo, mas a noite... (...). Ela está trabalhando agora até dia de sábado e domingo de manhã, prá ver se ajuda (...), faz provas fáceis para ficar mais fácil dos alunos fazerem e ela corrigir. Teve uma amiga da minha mãe que ela já chegou a dar 7 pontos para um aluno só para não ter que aturar o aluno nas férias. Ela não queria trabalhar nas férias e deu ponto adoidado para os alunos (Aluna da Escola Particular C. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

*O que a gente pode fazer para melhorar a escola pública é melhorar a qualidade do ensino e os salários dos professores e distribuir merenda escolar nas escolas públicas. Na escola privada é melhorar a mensalidade do colégio que está muito alta (Aluno da Escola Particular C. 8ª série. Diurno. Grupo de Discussão).*

Os grupos de discussão, entre outras coisas, tornaram possível perceber o perfil dos jovens estudantes, nas duas escolas: são atualizados, não

temem mostrar o que pensam quando lhes são dadas oportunidades para falar; não concordam com as atitudes violentas contra pessoas e escolas; mostraram-se desembaraçados na discussão com os temas sugeridos; são sensíveis aos problemas da escola pública, opinando, por exemplo, quanto à urgência da participação da comunidade na escola e a melhoria dos salários dos professores. Enfim, mostraram, retomando as palavras de Abramo (1997), a sua capacidade de "formular questões significativas e propor ações relevantes". São sujeitos, e devem ser vistos e tratados como tal.

## Referências Bibliográficas

- ABRAMO**, Helena Wendel. *Cenas juvenis* : punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo : Scritta; Anpocs, 1994.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização da Juventude no Brasil. In PERALVA, Angelina, SPÓSITO, Marília Pontes. (orgs). *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 1997 n.º 5 e 6. (p.25-36)
- CAMPOS**, Irenice de O; **MATOS**, Kelma S. L. de. A coragem de experimentar uma gestão democrática In VIEIRA, Sofia Lerche.(coord). *Eleição de Diretores: o que mudou na escola?*. Brasília: Editora Plano,2001.
- CANDAU**, Vera, **LUCINDA**, Maria da Consolação, **NASCIMENTO**, Maria das Graças. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- DAMASCENO**. Maria Nobre. Entre o sonho e a realidade: os jovens e as relações com o mundo do trabalho.(2000 a) In *Revista Educação em Debate*. Fortaleza, Ano 21, n.º 39,2000(p.120-130).
- DAYRELL**, Juarez. Juventude e Escola. In. Sposito, Marília. *Estado do Conhecimento: juventude*. Brasília: INEP.2001
- DEBUS**, Mary. Manual para Excelencia en la investigación Mediante Grupos Focales. Estados Unidos: Communication for Child Survival HealthCom. United States Agency for International Deveelopment/ Academy for Educational Development? University of Pensilvania, 1988.
- FOUCAULT**, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- INSTITUTO** Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Geografia da Educação Brasileira*. Brasília: INEP, 2000
- JUNIOR**, Policarpo. Para que serve a justiça? .In *Revista Veja* ed. 1509 Ano30 n.º 33 – (p.30 a 33),1997.
- MADEIRA**, Felícia. Recado dos jovens: mais qualificação. In. *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*. Brasília: CNPD,1998. (p.427-498).
- MATOS**, Kelma S. Lopes. de. O Movimento Social e a luta do Povo por Escola: uma experiência na comunidade do Jardim União. *Revista Educação em Debate*. Fortaleza. Ano 16, n.27 e 28. Jan./dez,1994 (pág.81-88).

\_\_\_\_\_. *Nas trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_\_. *Juventude e Escola: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2001a.

\_\_\_\_\_. *Juventude e Escola: uma reflexão sobre esse encontro*. In *O Ensino Médio Exigido pelo Exercício da Democracia*. *Revista Espaços da Escola*. Ijuí: Editora UNIJUÍ. n.40. Abril/junho, 2001b. (p.11-29)

**MATOS**, Kelma S. L. de, **MAIA**, Maurício de H. *Escola e Comunidade: tomando partido pela participação*. In. *Revista Educação em Debate*: Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. Ano 17/18. N.ºs.29,30,31 e 32 de 1995.

**MEDEIROS**, Clélia; **MATOS**, Kelma S. L. de.; **DAMASCENO**, Maria Nobre. *Pela lente da escola pública: um olhar sobre os estudantes*. In. **THERRIEN**, Jacques, **DAMASCENO**, Maria Nobre (orgs). *Artesãos de um outro ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.41)

**PARÂMETROS** Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros. Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

**PARO**, Vitor H. *Por dentro da Escola Pública*. São Paulo: Xamã. 1995

**PERALVA**, Angelina, **SPÓSITO**, Marília Pontes. (orgs.). *Juventude e Contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. mai- dez. n.º 5 e 6. 1997 (p.15-24)

**PINSK**, Jaime. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Contexto, 1998.

**RESENDE**, Lúcia Maria G. de. *Relações de Poder no Cotidiano Escolar*. Campinas. São Paulo: Papirus.1995

**ROSA**, Dora Leal. *Trabalho Pedagógico e Socialização: Um estudo sobre a contribuição da escola para a formação do sujeito moral*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, 1999.

**SPOSITO**, Marília P. *O Povo vai à Escola: A luta Popular pela expansão do ensino em São Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1984 (Coleção Educação Popular No. 2)

\_\_\_\_\_. *Jovens e Educação: novas dimensões de exclusão*. In *Em Aberto* Brasília, ano 11.n. 7 56, out/dez.1992

\_\_\_\_\_. *Educação e Juventude*. Versão reformulada de texto apresentado como documento base no grupo temático Educação e Juventude no Encontro Preparatório à Reunião dos países do Mercosul, Estratégia Regional de Continuidade da V CONFITEA, Curitiba, outubro de 1998a.

\_\_\_\_\_. *A instituição escolar e a violência*. In *Cadernos de Pesquisa*: Cortez Editora.nº104, julho 1998b (pág.58-75)

**TOLEDO**. Roberto Pompeu de. *Muitos carros contra nenhuma cama*. Ensaio. *Revista Veja* ed. 1493 Ano30 n.º 17. 1997.

**VIEIRA**, Sofia Lerche. Ensino superior no Brasil: o público e o privado em números. *X Encontro de Pesquisa Educacional no Nordeste*. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1991.(mimeo)

\_\_\_\_\_. *Política educacional em tempos de transição*. (1985-1995). Brasília: Editora Plano, 2000.

**VIEIRA**, Sofia Lerche.(coord). *Eleição de Diretores: o que mudou na escola?*. Brasília: Editora Plano, 2001.

**ZALUAR**, Alba (org.). *Violência e Educação*. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.

**WASELFSIZ**, Jacobo (coord.). *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: UNESCO, 1998

**WASELFSIZ**, Jacobo. *Mapa da violência II: os jovens no Brasil*. Brasília: UNESCO, 2000.

**WEISS**, Bruno. PADILLA, Ivan. *Sem esperanças*, envolvidos com drogas e brigas de gangues, estudantes vivem uma explosão de violência. In *Revista Isto É*, n.º 1554. São Paulo: Editora Abril, 05.05.1999. pág 102-107.

## AS MÚLTIPLAS FORMAS DE EXPRESSÃO DA SOCIABILIDADE JUVENIL

Janice Débora de Alencar Batista  
Susana Silva Carvalho

ESTE texto tem como objetivo abordar as relações juvenis entre pares. Entendemos ser essa relação um importante fator na construção de identidade. O enfoque fundamental neste trabalho reside na compreensão da realidade socialmente construída pelos jovens no seu cotidiano, advindas dos diferentes meios sociais e da pluralidade cultural, e mais particularmente nas falas dos jovens sobre o lazer, pois evidenciam que "lazer é estar no grupo". Na análise da juventude como construção sociológica, enfocamos este segmento social, apreendendo as suas representações como *unidade* com características comuns, biológicas, psicológicas, referentes à faixa de idade, à mídia, à globalização, aos bens materiais, ao consumo, e que são semelhantes entre a maioria dos jovens que compõem o chamado "Planeta Teen".

Durante muito tempo, a sociologia da juventude, tomou o jovem como categoria socialmente manipulada, ou seja, falava-se de juventude como unidade social de interesses comuns a uma determinada faixa de idade. No estudo do cotidiano dos jovens faz-se necessário um olhar que compreenda as similaridades e diferenças. No caso, a ênfase aqui recai sobre os grupos culturais e religiosos, suas expectativas, aspirações, gostos, pois os jovens sonham, enquanto grupo, buscam alternativas de ocupação do seu tempo e espaço.

### Os espaços e tempos de lazer da juventude

Os jovens reapropriam-se dos espaços, com sua própria marca e discutem entre si alternativas de ocupação dos mesmos. A sua experiência em relação a sociabilidade ocorre, sobretudo, nos agrupamentos juvenis, onde exercem relações de identidades individuais e coletivas, estendem os laços grupais e mantêm identificação entre os elementos que os constituem, como preferências musicais, dança, vestuário, esportes, leituras.

É no grupo que os jovens identificam-se uns com os outros através de suas igualdades e diferenças (Matos, 1998). A perspectiva de lazer aparece de forma clara na fala a seguir: *Lazer! É mais aqui quando eu tô com o pessoal. Eu acho assim, quando tem seminário do movimento pra mim eu acho lazer* (GC MH<sub>2</sub>O)

Participar do grupo é estar com os amigos. A convivência grupal é tão importante que os jovens preenchem seus tempos em favor do grupo, realizam reuniões, seminários, oficinas de dança, teatro, ensaios de bandas. Através destes se apropriam do espaço, pois no tempo coletivo estruturam seu cotidiano e compartilham suas reivindicações por melhores opções de lazer, no esporte, na religião, na música, na dança e na arte.

## A rua

Até as primeiras décadas do século XX, a rua era identificada, principalmente, como um lugar destinado ao homem – tradicional provedor do lar – e também servia para diversão e lazer. Ao contrário, para a mulher eram determinados o espaço da casa, os salões, as salas de visita, a cozinha. Como menciona Da Matta (1985, p.46) : “o interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário..”. Portanto a casa tinha o sentido de espaço sagrado e normativo, enquanto que a rua era o lugar de arruaça. Muitas vezes, ouvimos expressões dramáticas, como enfatiza Da Matta, “vá para o olho da rua!”, “já pra a rua!”, “estou ou fiquei na rua da amargura” São *metáforas e símbolos em que a casa é contrastada com a rua.*

O que constatamos relacionado com as falas juvenis é que a rua ganhou um novo enfoque, marcado pela conotação de moradia, autonomia, liberdade e lazer. O espaço da rua constitui-se palco de uma nova dinâmica social. Os jovens, sobretudo os residentes na periferia, apropriam-se especialmente das localizações mais centrais, como as praças e ruas principais, para marcarem presença no cenário social. Significando ser essa uma maneira de identificação como grupo social, diferente do “mundo da casa”. Conforme elaboração de Spósito (1994, p. 169)

*... parte do tempo livre entre a escola e o trabalho, é gasta em uma área nas ruas que se torna “o pedaço”. O pedaço revela uma peculiar apropriação do espaço urbano que não é típica do mundo da casa.*

Na verdade, rua e casa se reproduzem mutuamente, visto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social, ou pessoas, tornando-se “*casa*”, ou seu “*ponto*”. (Da Matta, 1965) Com isso, podemos fazer uma nítida relação com os atores investigados, pois encontramos um grupo de RAP que utiliza o espaço da casa de um deles, para os encontros, reuniões e ensaios.

O que se verifica é que como a rua atualmente é também um lugar de perigo, conflitos e violência, manter os jovens em casa significa uma prevenção contra possíveis contratempos. Portanto, a rua tanto pode transformar-se em “*casa*”, quando os grupos assim o determinam, como a casa também pode ser apropriada com as conotações de rua.

A rua constitui o principal meio de se expressarem enquanto categoria social. Como exemplo, temos a praça, que ainda representa, o espaço onde os jovens podem namorar, dançar, praticar algum esporte, conversar e reunir o grupo para trocarem idéias. Ainda de acordo com Da Matta, *a praça abre um território especial, uma região teoricamente do “povo”*. O espaço da rua fornece afirmação da cultura juvenil e possibilidades de lazer, onde se tem espaço livre, o que não pode ser encontrada nas instituições particulares. O lazer, também, assume uma forma de ocupar o tempo e não estarem ociosos, e

assim não se envolverem com coisas indevidas como drogas, o que se expressa nesta fala:

*Eu acho que o jovem gosta de brincar, de se divertir e aqui tem muito pouco isso, ele tem a necessidade de ter isso aqui, e hoje não tem lazer.... não tem praça. O único canto pro futebol, que era pra molecada brincar, foi privado. Resumindo a gente não tem lazer. A partir do momento que uma área não tem lazer a rapaziada tem que se ocupar com outra coisa. Porque se não tem lazer e não tem como tu ocupar teu tempo, conseqüentemente... Coisa boa é que não vai fazer. O lazer hoje é mais a gente curtir um rap. Ficar em casa ouvindo rap ou mesmo dançar à noite (GC MH<sub>2</sub>O).*

Os jovens manifestaram preocupação em vivenciar atividades culturais como teatro, músicas, dança, mas ressaltam: *que condizem com a nossa realidade*, eles falam das dificuldades de espaço e de dinheiro. Nessa perspectiva o lazer está relacionado a condição social, pois falam das diferenças sociais, e da necessidade de oportunidades, de desenvolver capacidades e ter espaços para o jovem da periferia.

*...estas atividades precisam ser mais abertas, por que hoje tem um público bem restrito – quem joga bola, quem joga voley,, a quadra da praça é um único espaço e tem horários e atividades bem definidos que precisam ser abertos à discussão. Como pode ser percebido deve rolar uma discussão bacana super proveitosa. Resumindo o que falta é a motivação, depois o espaço e evidentemente, o dinheiro para colocar à disposição estas atividades ao jovem da comunidade (GR Pedra).*

## O esporte

O esporte aparece como meio para atrair os jovens a uma maior integração na comunidade, possibilitando afastarem-se das drogas. Afirmando que “a violência e o uso de drogas é a falta do próprio lazer”. Apontam diferentes tipos de esporte, no entanto, o futebol aparece como o mais praticado (Futebol 44%, Voley 12%, Natação 10%, Futsal 9%, Basquete 6%, Handboll 4%).

*... o futebol é tudo pro brasileiro, mas se a gente for partir pra outro esporte como natação modifica muito, futebol nasceu pra periferia mesmo. Você ver um cara como Gustavo Borges já era de família classe média, já teve como tirar dinheiro do bolso pra fazer a natacão... (GC Cultura de Rua).*

Convém destacar, que é no esporte e na cultura, onde o jovem tem maiores possibilidades de integração de seu tempo, de curtir, de se divertir nesse momento de encontro com os amigos. Mas é no contexto desses dois tipos de atividades, que eles vivenciam as diferenças sociais, no que diz respeito à prática de determinados esportes.

*... o cara que é de periferia, claro que não tem dinheiro pra fazer um curso de nataçãõ, um curso de arte, um instrumento, fazer um curso, por isso que o futebol é tão querido, é um custo barato (GC Cultura de Rua).*

O futebol é algo que está presente nos sonhos dos jovens. A prática deste esporte é possível ao jovem da periferia, porque tem um custo baixo e pode constituir uma grande oportunidade de vencer na vida através do talento. Jogadores famosos como o Ronaldinho, Rivaldo, Romário e outros são para eles um grande referencial, porque também tiveram origem na periferia. Desta forma, quando perguntamos o que mais poderia colaborar com os seus projetos, muitos responderam que seria o talento para o esporte, música dança e teatro. Denunciam a ausência de políticas públicas e reivindicam novos espaços, que forneçam oportunidades para aprender a fazer algo, como por exemplo cursos para tocar instrumentos. Eles querem algo que lhes sirva para o futuro, que lhes dê chances profissionais, e não apenas o lazer pelo lazer.

*Faltam espaços para chamar o jovem para a parte profissional, assim cursos de computaçãõ, biblioteca, assim para jovem vir, ler, pesquisar assim essas coisas para o lado profissional (GR Pedra).  
A gente tenta aproveitar esse pouco tempo que a gente tem conversando, discutindo assuntos sobre a gente, sobre a sociedade (GC MH<sub>2</sub>O)*

A escola aparece como lugar de encontro e também de lazer, relação esta compreensível, pois é na escola que passam a maior parte do tempo, nesta se dão relações de trocas, amizades, sem falar que os primeiros grupos surgem na escola: carimba,<sup>1</sup> oraçãõ, estudo, teatro. Sem esquecer o recreio, momento de lazer, dentro do horário escolar, esperado por todos, são quinze minutos que poderiam parar no tempo, para fazerem tudo o que têm vontade. Até parece mágico, tem de dar tempo fazer tudo: ir ao banheiro, merendar, brincar, conversar e ainda combinar o que se vai fazer no final de semana.

*Se conseguisse fazer uma escola onde tivesse um acesso tremendo de lazer pra rapaziada. Porque dentro da escola ia ser obrigaçãõ da*

<sup>1</sup> Jogo popular, também conhecido como queimado, onde se constituem dois grupos e um deverá atirar a bola contra o corpo dos adversário, ganha o grupo que conseguir “carimbar” o maior número de pessoas.

*direção, dos professores, do grupo gestor do colégio, ia ser responsável de fazer lazer pra rapaziada no colégio. Você ver que aqui é uma burocracia da porra pra gente conseguir lazer, o ABC, os esquemas. O final de semana ia ser. O mais sagrado que podia existir no bairro ia ser na escola, de lazer. Ia ter gincana, diariamente, festas, festas assim culturais, eventos... (GC MH<sub>2</sub>O).*

## Perspectivas dos jovens na reconstrução dos espaços sociais e de lazer

Os jovens recriam as formas de fazer política, de protestar, através da sua dança, da sua arte (grafite, teatro, bandas), isso tudo é expresso nas letras de seus raps: *Ligados que atitude não é dedo no gatilho, acredito que vão seguir a idéia aqueles que estão me ouvindo/ Quero que reine a paz na periferia. / (Acaracuzinho<sup>2</sup> Z.N – Alessandro, Chaparral, Eduardo e Mc). Nos grupos de debate pedimos que apresentassem as realizações e sugestões para o lazer, caso fossem administradores públicos. Vejamos suas respostas:*

*Se a gente fosse administrador aqui do bairro, líder comunitário, a gente acha que não adianta só colocar praças e locais pra esporte não. A gente acha que tem que haver toda uma transformação. Tipo assim não deixar a droga entrar no bairro. Pra que o jovem não se drogue. Daí seria mais ou menos investir em projetos pequenos tipo mini empresas para que comece a entrar dinheiro no bolso da rapaziada e a rapaziada já entendida de que a droga não vai levar a nada.... (GC MH<sub>2</sub>O).*

*Para mudar nós faríamos quadra de esporte e clube de lazer. Para primeiro a gente conseguir esse lazer, a gente precisa primeiro do emprego, porque sempre a gente tem que ser sócio, essas coisas e cadê o dinheiro? Nesse clube de lazer teria piscinas, sala de jogos, várias quadras e jogos que incluísse vários esportes como futebol, voley, basquete. (GR Tauá).*

Shopping, cinemas, teatro, clubes, espaços que a maioria dos jovens gostam de freqüentar, tornam-se cada vez mais seletivos. Para o jovem da periferia é preciso recriar, conquistar espaços e delimitá-los. Participam de grupos, turmas, tribos, posses, o que representa uma nova dinâmica de relações sociais, a ocupação e a socialização dão-se no espaço urbano.

<sup>2</sup> Bairro situado no município de Maracanaú, onde há vários grupos de Movimento Hip Hop Cultura de Rua, entre eles tivemos contato com os grupos: Vítimas do Preconceito, Sertão Rap e Cenas de Rua.

Os jovens estudantes dizem que mais gostam de fazer: namorar 18, 5%, estudar 17,0%, sair/praias 17,0%, jogar bola/futebol 16,0%, assistir televisão 10,0%, ler<sup>3</sup>. Os dados evidenciam que atividades de maior importância implicam no desenvolvimento das relações entre pares, onde estendem seus laços de identidade e sociabilidade. No entanto quando perguntamos o que mais gostam de fazer em casa, entre as respostas apresentadas a televisão é uma atividade predominante para ocupar o tempo em que ficam em casa, assim, as respostas por ordem de relevância foram: assistir televisão, ouvir música, dormir, comer, conversar (familiares e amigos) e estudar. Cerca de 30% dos jovens destacaram o que menos gostam quando estão em casa: "ficar sem fazer nada". Temem a ociosidade que, muitas vezes, gera o tédio. Os dados mostram que os jovens consideram a televisão como meio para preencher o tempo, nessa perspectiva, apresentamos as formas de ocupação dos grupos de jovens no cenário social, no que diz respeito as suas formas de expressão.

### Como os jovens usam os meios de comunicação e informação na reconstrução dos espaços de lazer

Os jovens têm uma forma peculiar de atrair e chamar os pares que estão nas gangues, drogas, como o rap, que se constitui em uma maneira de fazer política, uma forma de protesto onde denunciam o sistema, a exclusão, o racismo, todo sofrimento do jovem da periferia. Tem função de informar através da letra, a realidade, mostrada de forma que o jovem seja consciente, *o rap incentiva a juventude pra que a juventude pare e pense como é a realidade*. É o que retrata o depoimento de um jovem antes e depois de conhecer o grupo

*... minha mãe só descobriu que eu usava droga, porque eu cheguei pra ela e falei, ela chorou e foi um choque, aí eu comecei a escutar rap. Vixe! Parecia que o cara falava pra mim, parecia que tava conversando comigo, mandando diretamente, atingia lá no fundo.... (GC Cultura de Rua).*

O rap é uma forma de criação. É através dele, como já enunciado, que os jovens contribuem, resgatando valores, tirando outros jovens da marginalidade, ajudando a comunidade. É um instrumento que combate "os maus da periferia". Eles afirmam que "não fazem rap só por causa da música, do boné, da calça larga, do tênis". Fazer rap é muito mais que isso, é uma atitude, onde explicitam que almejam uma vida melhor, sem exclusão, sem violência, sem drogas. É como os jovens contribuem para a melhoria da socie-

<sup>3</sup> Dentre os tipos de leituras os jovens destacaram: romances, histórias, aventura, suspense, ação e ficção.

dade fazendo sua parte como cidadãos. Têm consciência do preconceito, que existe em relação a sua música, criticada por muitos que dizem que é música de malandro, e muitas vezes a confundem com o funk. Afinal qual a diferença entre o rap e o funk? O que trazem o conteúdo das letras de rap? As respostas estão nas falas dos próprios jovens:

*A diferença da letra de funk pra de rap é o conteúdo das duas. O funk você pode escutar, que ele não diz nada, é só a mesma coisa, e se conseguir escutar, é sempre a mesma coisa..... E o rap não a gente procura não repetir, a única coisa que a gente repete no rap é o refrão, a rima é diferente, a gente rima sempre falando da periferia..... a diferença pro funk é essa por que ele não tem conteúdo de criatividade, que alguém ouça e se espelhe em alguma coisa, a gente canta o que acontece na periferia e eles cantam o que passa na fantasia, a fantasia da cabeça deles (GC Cultura de Rua).*

O rap é uma forma de protesto, informação, denúncia, instrumento de ação, que se expressa através dos quatro elementos que constituem a cultura Hip Hop: o rap, o grafite, smurf – o dance, break e o D’J. Como forma visual de protesto, o grafite está presente nos muros das cidades, viadutos, shopping e nas paredes das escolas, onde através da arte da grafiteagem, eles chamam atenção para temas como: cidadania, drogas, racismo, violência, paz.

O break não é só dançar e rolar no chão. Expressa uma ideologia, formas de expressão do corpo, atitudes. É através do break que podem atrair mais jovens para seu grupo. É dentro da roda que mostram o que sabem fazer e que a dança é uma forma de protesto, que abre espaço para discussão em locais públicos, escolas.

*O break é ideológico por que ao invés de só dançar break, vamos fazer um movimento lá na praça, ao invés da gente colocar só som pra dançar, dança, dança, dança acaba as pilhas do som e a gente vai pra casa, ao invés na metade do movimento, a gente para manda uma idéia, fala sobre o que tá acontecendo e no evento que a gente tá fazendo na praça a gente ainda canta um rap pra galera se tocar que aqui na nossa quebra o hip hop não é só break, é break, rap e grafite (GC Cultura de Rua).*

Outro modo dos jovens recriarem e legitimarem espaços de comunicação e informação, de forma não rotulada, ocorre através das rádios comunitárias. Estas atendem um grande número de jovens dos bairros de Fortaleza e da Região Metropolitana.

No decorrer da pesquisa tivemos a oportunidade de visitar a Rádio FM Universitária, e assistimos ao programa “Se Liga”, em que o som do Hip Hop foi feito pelo Movimento Cultura de Rua. Através da rádio comunitária o grupo fala

de seus projetos, ouve seus sons, critica o que está na mídia<sup>4</sup> (TV, jornais, revistas) além de denunciar os problemas sociais e da periferia, assim constitui-se uma forma alternativa e criativa de fazer política e lazer, pois a rádio também é um ponto de encontro dos grupos. Além disso, favorece a divulgação dos eventos do movimento, como os shows, encontros, reuniões, debates.

Na atualidade os espaços da mídia e da publicidade estão voltados, sobretudo, para o público jovem, contudo pouco dessa informação é relevante, porque os temas abordados são tratados de forma superficial. Os meios de comunicação, especialmente a televisão, exercem uma forte influência sobre os jovens, pois utilizam filmes, seriados, novelas e propagandas tendo o jovem como tema central. Via de regra, trata-se de programação massificante, pouco crítica que visa sobretudo influenciar o consumo juvenil. Não obstante a influência dos meios de comunicação de massa, constatamos que parte dos jovens utiliza a mídia alternativa, nos shopping, shows, editam jornais, gravam CD's.

Está muito presente no cotidiano juvenil o gosto pelos filmes, constatamos através do estudo que os filmes preferidos são os de ação (28,36%), romance (24,66%), comédia (16,67%), terror (12,21%) e suspense (8,56%).

Encontramos no cotidiano da periferia uma juventude, que cria, recria e não se satisfaz com os "pacotes" estabelecidos. Estes jovens no dia a dia, *desconstróem* o conceito de juventude enquanto unidade e mostram-se diversos. Procuram soluções para a exclusão e as contradições culturais, falam de política, desigualdades e buscam opções de lazer para o jovem da periferia, por isso criam alternativas, recriam e legitimam espaços.

## O grupo como espaço de sociabilidade

O grupo representa um lugar onde podem se reconhecer no outro. O que explica a forte tendência juvenil de, nessa fase de construção de identidade, se afastar do grupo familiar. Os pares são essenciais para a construção da identidade juvenil e para o processo de socialização no mundo dos adultos. Há, nessa fase da vida, *uma inserção mais forte em outras instituições que pode, muitas vezes, repercutir no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem.* (Spósito, 1994).

Nas atividades do grupo, além de se divertirem, se informam, discutem, conversam. Retiram daquele momento o que é significativo para seu aprendizado, algo que transforme, que tenha a ver com a realidade, com a sociedade de classes, com a periferia.

<sup>4</sup> Em um dos programas assistidos o tema debatido foi os "500 anos do Brasil", no qual se reportaram as lutas contra o racismo, escravidão, exclusão, exploração, em memória de Zumbi, Antônio Conselheiro, entre outros. Temas estes que raramente são tratados pela grande mídia.

*O lazer pra nós hoje é a militância.... O seminário é para nós estava sendo lazer. A gente estava se politizando e ao mesmo tempo um esquema de curtir, de conversar, bater um papo com a rapaziada, de curtir outra área. a militância que a gente tá fazendo no movimento é um esquema muito sério, a gente leva a sério. Mas ao mesmo tempo a gente relaxa e vira lazer pra nós. Como sair de bicicleta, a gente sai conversando, cuida Fortaleza toda. Então hoje é isso o movimento pra nós, é a própria juventude, é o melhor esquema pra ocupar o tempo. Então é por isso que a gente tá trabalhando com a molecada, ou ouvindo um rap, tá ocupando o tempo (GC MH<sub>2</sub>O).*

No grupo existe toda uma programação que tem a função de informar, reivindicar, lutar por cidadania, a função do grupo é mostrar o que sabem fazer, o que pensam, para o conhecimento de outras pessoas do bairro, da sociedade. É o que expressa esse jovem, retratando uma das atividades do grupo, uma contribuição para a sua escola.

*A Feira Cultural foi o seguinte: as classes foram divididas pra representar as cidades, por exemplo a minha classe ficou representando Redenção aí eu fiz o Rap de Redenção, quer dizer eu provei as pessoas que o rap não só pode denunciar mas também ele pode informar, manter uma cultura pra você. Por que eu falei muito de Redenção, inclusive quando eu terminei de cantar a diretora chegou pra mim e disse que queria arquivar minha letra, pra inclusive um dia gravar e mostrar pro pessoal de Redenção, eu estudei tudo sobre Redenção, falei sobre os fatos históricos, coisa que eu não sabia, Redenção foi a primeiro município a abolir a escravidão cinco anos antes da Lei Áurea, sobre os artesanatos aí o pessoal gostaram muito (GC Cultura de Rua).*

Nos grupos religiosos, as atividades giram em torno de trazer a juventude não só para o movimento religioso, mas para ocupar o tempo, através de congressos, encontros, reuniões. Sabem que muitas vezes, pode ser difícil, pois muitos jovens dizem que o grupo religioso “é só pra rezar, é só pra fazer reunião”, então os jovens destes grupos, buscam atividades como pinturas, teatros, bandas. Preocupam-se com seu futuro profissional e tentam conciliar ao mesmo tempo as atividades do grupo (lazer) e algo que lhes sirva como aprendizado para o futuro.

*No nosso grupo existe muitas pessoas que gostam de dramatizar, de criar paródia, eu por exemplo, gosto de pintar, de criar poesias, muitos jovens são artistas. Só que nós estamos precisando de uma ajuda para melhorar este potencial. Nós já estamos fazendo isso. A gente deveria fazer o quê, se grupo erguesse um projeto, para integrar os jovens, a se envolver em outras atividades assim como foi desenvol-*

vido no Trairá, como aprender a tocar algum instrumento, um projeto que fosse duradouro e que ficasse para que esse jovem preenchesse o tempo dele com coisas criativas, pois aqui têm muito jovens criativos, pois uns desenham super bem, meninas que sabe bordar, então esse tempo aí vago, poderia ser preenchido com outra coisa (GR Pedra).

Consideramos que no processo de passagem do mundo da infância para o tempo da juventude, as agências socializadoras desempenham um papel fundamental, especialmente instituições como a escola e o trabalho.

Gonzaguinha canta/fala<sup>5</sup>, com muita propriedade, que toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. Ou seja, o indivíduo é influenciado nas relações com outros seres humanos, também únicos. E continua dizendo que *É tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá, e em seguida refere-se ao homem como ser social, que nunca está sozinho por mais que pense estar*. E antes, o cantor fala dos amigos que deixou pelos lugares onde passou, podendo voltar e contar com eles, *pois lá deixei um prato de comida, um abraço amigo quieto para dormir e sonhar*. Isso tudo também é evidente na fala dos próprios jovens quando dizem que sem os amigos, se sentem sozinhos, quietos, nos cantos, vazios.

A amizade já foi reverenciada e tematizada em inúmeras poesias, romances, crônicas, canções, mensagens, e nunca esteve fora de moda. Milton Nascimento também fala do valor dos amigos, que *mesmo que o tempo e a distância digam não o Amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito, mesmo esquecendo a canção, pois o que importa é ouvir a voz que vem do coração, pois seja o que vier, venha o que vier*.

E quando se fala de amigos o que passa na cabeça de muitos adultos são os companheiros da juventude, pois é, principalmente, nesse momento da vida que mais primamos por essa relação. Os jovens, na atualidade, também valorizam os amigos, seja na escola, nos grupos de jovens religiosos e/ou culturais ou mesmo na rua.

Os resultados mostraram que a maioria dos jovens considera muito importante os amigos (78,7%), para desabafar, compartilhar as horas de alegria e de tristeza (34,5%), e também responderam que conversam muito, com os amigos, principalmente sobre namoro, sexo e amizades. A grande parte caracterizou um amigo como alguém sincero, fiel, companheiro, compreensivo, que ajuda nas horas difíceis. Os amigos são importantes porque com eles podem desabafar, dividir os problemas, segundo eles, os amigos escutam e entendem mais que os adultos, não cobram um determinado tipo de comportamento. Com amigos é mais fácil conversar sobre todo tipo de assunto, porque o verdadeiro amigo é fiel e sincero, compreensivo e está sempre disposto a ajudar.

<sup>5</sup> Caminhos do Coração — música de Gonzaguinha

Jovens e amigos

Uma grande maioria dos jovens investigados enfatiza a importância dos verdadeiros amigos, caracterizando-os como aqueles que dão apoio nos momentos bons e principalmente nos momentos difíceis, pois, *amigo é aquele que lhe ajuda nos momentos mais difíceis e não escolhe os momentos...* (GR Pedra). Sempre dispostos a escutar e compreendê-los, que se preocupam uns com os outros, enfim, alguém que se pode confiar. A identificação dos grandes amigos é encontrada, principalmente, no grupo, *A ligação de grupo preenche tudo. Como amigo* (GC MH<sub>2</sub>O).

*Há uma coisa que eu acho muito bonito dentro da Igreja, a gente não se preocupar apenas com a nossa salvação particular, se preocupa muito é com a salvação do próximo. Isto é, quando procuro a salvação do outro é que eu encontro a minha, nunca encontrarei minha salvação deixando o outro se perder (...)* (GR Pedra).

O valor do amigo passa pelas redes de sociabilidade, tecidas entre os jovens. Ficando visível, portanto, que o grupo representa a oportunidade de estabelecer amizades, que são os elos úteis para o processo de identificação juvenil como categoria social.

A identidade é construída na relação com os outros, *as relações sociais são vividas por pessoas buscando a construção de suas identidade. Essa é uma característica humana, precisamos do outro como espelho para nos ver, e também somos espelho do outro* (MATOS, 1998). Uma constatação que pode até parecer óbvia é a força do grupo no exercício da solidariedade. Depois da identificação com o grupo de iguais os jovens passam a manter uma relação afetiva que os conduz a uma preocupação, não somente com o seu próprio bem-estar, mas com todos do grupo. E depois esses elos de solidariedade vão se ampliando.

*O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses* (Ciampa, 1994, p. 64).

O jovem busca na solidariedade dos companheiros, no apoio do grupo e dos amigos força para construção de sua identidade, de sua autonomia. Conforme elaboração de Fau, (1968, p. 44) esse processo de construção ocorre em todos os domínios.

*... a autonomia intelectual de início, pois deve libertar-se inteiramente de seu realismo infantil e aprender a julgar as coisas e as pessoas por critérios objetivos; autonomia moral em seguida, desde que deve, agora, julgar o bem e o mal diante de seu tribunal interior, apenas diante de si, sem temer um castigo, nem esperar uma recompensa;*

*autonomia afetiva final, uma vez que deve, paralelamente à sua evolução sexual, orientar sua afetividade para o futuro, libertando-a por completo dos laços familiares da infância. O adolescente pede ao grupo para ajudá-lo a atingir sua autonomia.*

Nessa fase, tanto os conflitos gerados internamente como aqueles que a própria sociedade, o mundo em si, revelam, são por vezes esmagadores, fazendo emergir uma revolta que pode até parecer sem causa. É um momento da vida onde se intercalam ao mesmo tempo: esperança, medo, dúvidas e certezas.

*... a juventude é uma fase de transformação onde descobrimos como a vida realmente é e nessa transformação aparecem muitas confusões que paralisam as nossas ações, sendo assim, pouco a pouco o jovem deforma sua consciência e praticam atos que são anti-sociais, mas apesar de todos os conflitos e dúvidas que o jovem passa, ele é o presente e o futuro do Brasil (GR Tauá).*

E o grupo, seja religioso ou cultural, vai exercer grande influência na canalização dessas revoltas, conflitos. Tem um sentido maior na existência, as esperanças são reanimadas. Onde os jovens têm um lugar, podem se expressar e alimentar um ideal de vida, e por fim constituir objetivos.

À medida que se envolvem com os ideais do grupo, também se distanciam do que chamam de “ciladas”, como as drogas, crime, prostituição. Conforme a fala seguinte:

*...para mim o grupo de jovens é uma realidade bem forte mesmo, porque eu vivia em esquina, trabalhava quando chegava ia para esquina de onde saía 11, 12 horas da noite, os colegas meus que viviam em esquina junto comigo, hoje, vivem envolvido com drogas, roubos tem deles até preso, eu sai de uma realidade para entrar em outra (GR Pedra).*

*A loucura na periferia vai chegar a um ponto tão insuportável, por isso que eu falo sempre pros cara daqui; nós cada dia ficar mais unido por um monte de coisa, até por causa dos caras do hip hop mesmo, por que assim na periferia quando você consegue criar uma corrente de união muito grande, o efeito do sistema é muito forte entre as pessoas de cobiça de individualismo, de nego passar por cima do outro, de inveja ... (GC Cultura de Rua).*

Portanto, estar inserido em um grupo que tenha objetivos e ideais positivos, em que possam acreditar, favorece, ou até garante uma certa imunidade contra os “perigos”, as más influências, que podem levar ao mundo da

criminalidade. Nas discussões grupais, principalmente com os grupos de Hip Hop, isso ficou muito claro, muitos deles garantem que se não fosse o grupo estariam na marginalidade, presos ou mortos.

## Visão da ótica geracional na relação dos jovens com os adultos

Nas falas dos jovens entrevistados um aspecto bastante enfatizado é a relação destes com os adultos, ou seja, com os não-pares. Dentre estes, podemos identificar, principalmente professores, e a própria família. Tal relação é permeada de conflitos e contradições, pois embora a família, nos questionários, apareça como principal fonte de admiração, é descrita de forma muito positiva. Ao contrário dos amigos que são uma escolha e os relacionam com a própria família, ou seja, consideram os amigos como uma família, ou como parte da própria família. E ao contrário dela, os amigos são escolhas que podem fazer, é uma opção aceitar ou não um amigo do jeito que ele é, ...*Tipo assim, aceitar aquela pessoa, mas você opta por aceitar ela. Amigo é um irmão especial. Uma pessoa que você escolhe para que conviva com você, para que compartilhe seus momentos.* (GC MH<sub>2</sub>O)

Cynthia Sarti reforça este ponto de vista quando afirma que a família, para os pobres, associa-se àqueles em que se pode confiar. Sua delimitação não se vincula à pertinência a um grupo genealógico e a extensão vertical do parentesco restringe-se àqueles com quem convivem ou conviveram... (SARTI, 1994:52)

Muitos nos falaram isso: *Eu considero assim um grupo, principalmente a rapaziada que é mais engajada dentro do próprio grupo como se fosse assim uma família. Uma família verdadeira mesmo. Porque é como eu disse: você optou por essas pessoas. Quando você precise, e tal, tipo você está com algum problema a pessoa deixa você dormir na casa dela. Você está com fome, anda assim nos cantos e come na casa da pessoa. É um laço assim de relação... Tudo que a gente faz, praticamente é junto. Desde quando começou o grupo pra cá, a família que a gente conhece é essa daqui cara. Fora a família assim de casa. A família que a gente conhece, a família que a gente optou é essa aqui.* (GC MH<sub>2</sub>O)

Ficando, assim, muito evidente a diferença que fazem dos amigos e das pessoas da família, como e por que se relacionam melhor com os amigos-jovens ao contrário dos adultos que não conseguem compreendê-los como gostariam. Sempre alegam que os adultos vêem os problemas sobre outro ponto de vista, ... *as vezes a gente vê determinada coisa de uma forma e o adulto vê de outra.* (GR Tauá).

É como se falasse uma outra língua, diferente dos adultos, por isso, se sentem incompreendidos, ...*a gente tem que procurar pessoas que são iguais a gente que o raciocínio é o mesmo curte a mesma música, fala do mesmo jeito gíria ou não, tudo mesmo que a gente.* (GC Cultura de Rua). Como os

amigos vivem problemas parecidos conseguem se entender melhor, tudo que é falado é considerado normal.

E os adultos, sobretudo, a família, segundo os atores investigados, estão sempre esquecidos de como eram quando jovens, são sempre incapazes de se colocarem no lugar dos jovens. *A família está do lado da gente mas, é diferente porque a família não vai entender a vida do jovem, ela vai querer que a gente viva o que ela está vivendo hoje e não o que eles já viveram porque eles acham que o que eles já viveram já é passado, já não faz parte da vida de hoje. É como se os adultos não valorizassem aquilo tudo que a gente está vivendo devido eles já terem vivido.* (GR Tauá).

Portanto dão um grande valor à família, mas não para conversar sobre assuntos relacionados, principalmente, a sexualidade, problemas de drogas e violência, ... *a família já parte mais para outros assuntos, como os problemas que a família está enfrentando ou um tipo de dificuldade financeira, trabalho... o pai ou a mãe pode dá uma força para arrumar algum serviço, alguma coisa ou até dinheiro mesmo para ir para festa.* (GR Tauá)

Nessa relação com a família, sabem diferenciar o papel da família e dos amigos e alguns até esperam também que os adultos compartilhem com eles. *Os adultos eles também não se abrem, não se abre diretamente com os filhos, procuram a amiga deles adultos para conversar, ... muitas vezes a gente fica chateada porque eu sou filha e deveria saber o problema, com certeza eu poderia também ajudar, apesar de eu ser filha eu sou capaz de dá um conselho a pessoa.* (GR Tauá)

Sarti contribui muito para explicar os conflitos entre pais e filhos.

*A relação entre pais e filhos constitui o único grupo em que as obrigações são dadas, que não se escolhem. As outras relações podem ser seletivas, dependendo de como se estabelecem as obrigações mútuas dentro da rede de sociabilidade* (SARTI, 1994, p.52).

Para um melhor entendimento dessa relação dos jovens com os não-pares, é oportuno o estudo da corrente geracional que explica *as descontinuidades intergeracionais como a base para a formação da juventude como uma geração social. Aproxima-se, desta forma, do conceito de que à cada nova geração social há uma relação de auto-referência a outras gerações das quais se vê distinta.* Tal corrente explica, os motivos dos conflitos geracionais, presentes, sobretudo, nas relações entre pais e filhos.

## Referências Bibliográficas

- CIAMPA**, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social.* São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DAMATTA**, Roberto. *A casa e a rua.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

**FAU, René.** Características gerais do grupo durante a adolescência. In: BRITO, S. (Org.) *Sociologia da Juventude* – vol. III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

**MATOS, Kelma S. L. de.** Identidade e Representação Social: construções do eu com o outro. (1998d) In THERRIEN, Ângela de S. T., MATOS, Kelma S. L. de (orgs). *Identidade e Representações Sociais*. Fortaleza: Edições UFC. Cadernos de Pós-Graduação em Educação, 1998d

**PAIS, J. Machado.** *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

**SILVA, L. H. (org.).** *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1999.

**SARTI, Cynthia Andersen.** A Família Como Ordem Moral. In. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994.

**SPÓSITO, Marília. P.** Sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: *Tempo Social: USP*, São Paulo, 1993.

# OS DISCURSOS DOS JOVENS SOBRE A SEXUALIDADE<sup>1</sup>

Luís Palhano Loiola

## Introdução

Abordamos aqui um dos assuntos que tem despertado muito interesse nos debates deste final de século – a sexualidade humana. Um tema muito complexo, haja vista valores morais/amorais presentes em nossa cultura confundirem conceitos/definições com ênfase no certo/errado, acabam por exercer uma função de regulamentar e controlar os comportamentos/conduitas dos indivíduos. Apreendemos os discursos dos jovens neste trabalho por considerá-los sujeitos re-constructores da história, capazes de alternarem a dinâmica do cotidiano. Essa compreensão é importante para que possamos desvendar, a partir de suas vozes, como esses sujeitos assimilam os conhecimentos sobre sexualidade, se há uma reprodução e/ou produção dos significados/sentidos e como esses saberes são manifestados no cotidiano.

Ainda na adolescência dos indivíduos ocorrem múltiplas alterações orgânicas, tanto nos aspectos biológicos como nos psicossociais, momento de formação de identidades; a sexualidade toma espaço considerável; surgem as mais importantes descobertas do indivíduo como ser que interage nas demais relações sociais. Nesse ínterim ocorrem confrontos de valores, geradores de conflitos entre as gerações jovens e adultas. Saber conviver com esses conflitos é muito difícil, é comum uma imposição da tradição para os mais novos, desembocando numa interação desfavorável para o desenvolvimento dos indivíduos.

Investigamos os jovens com o objetivo de desvelar seus discursos<sup>2</sup>, de compreender suas manifestações sexuais, de perceber como traduzem os

---

<sup>1</sup> Este texto integra um trabalho mais amplo, a pesquisa Juventude, Sociedade e Cultura: múltiplos olhares acerca das expressões culturais dos jovens; coordenado pela professora Dra. Maria Nobre Damasceno, financiado pelo CNPq. Tal pesquisa consta de duas fases metodológicas: na primeira investigamos as relações dos jovens com a escola, a família, a situação sócio-econômica da família, a ocupação do tempo, os sonhos e expectativas, a relação com os amigos, as relações nas organizações sociais participação e cidadania, a religiosidade e o trabalho; na segunda trabalhamos com os grupos dos jovens organizados: grupos de expressividade religiosa e cultural. Com estes utilizamos técnicas de vídeo-clips e debate, aprofundando as seguintes temáticas: o significado da juventude e os sonhos dos jovens, a importância e características dos amigos, as desigualdades sociais e política no Brasil, as relações com a religião, com a família, com a sexualidade e gênero.

<sup>2</sup> Conforme Orlandi, (2000:43) a análise de discurso *permite compreender o processo de produção de sentidos*, daí a necessidade, neste trabalho, do cuidado com a fala dos jovens, suas vozes, pois constituem uma *formação discursiva*, produtora e/ou reprodutora dos significados/sentidos atribuídos à sexualidade humana em nossa sociedade. Na maioria das vezes, refletem a emissão de um acervo culturalmente transmitido pelas gerações adultas às gerações novas.

conceitos referentes à sexualidade humana e como reagem às diferentes orientações sexuais. Pois entendemos que os discursos produzem efeitos de sentidos para a existência humana, *esses sentidos tem a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.* (Orlandi, 2000, p. 30)

Em cada contexto da história da humanidade esses discursos têm-se apresentado de formas diversificadas: durante a Antigüidade a beleza e força física foram elementos fundamentais nos discursos e na prática da sexualidade, apesar dessa dinâmica funcionar dentro de limites preestabelecidos, considerados hoje, por muitos estudiosos como um paradoxo (Foucault, 1994); na Idade Média a sexualidade é submetida ao julgo dos valores morais cristãos, o corpo e o prazer são redimidos em função da devoção divina, o pecado ocupa tempo e espaço vividos com função punitiva aos *pervertidos* – todo conhecimento verdadeiro vem do sagrado (Richards, 1993); na modernidade a ciência aproxima os indivíduos dos conhecimentos sobre a sexualidade à medida que vai se descobrindo as doenças sexualmente transmissíveis e suas possíveis curas; desencadeia-se todo um processo preventivo; os movimentos organizados (feministas, gays, lésbicas, travestis, etc.) contribuem para uma ampla discussão sobre a sexualidade humana; no entanto por outro lado, o mercado toma o corpo – rei – como veículo propagador dos produtos de consumo. Os conhecimentos da sexualidade humana perpassam nas discussões desse cenário com a publicização e erotização do corpo; a propaganda de produtos das mais variadas espécies; os programas de televisão; as rodas de conversas têm feito um uso exacerbado da sexualidade, emitindo significados/sentidos.

Diante disto nos perguntamos, que efeitos/influências isso tem ocasionado na vida das comunidades, dos jovens? Ou, como as instituições sociais (família, igreja, escola e/ou grupos pares – organizações juvenis) têm reagido a essa conduta da sociedade? Pois, o nosso contexto tem apresentado fatos, cotidianamente, constrangedores, como por exemplo, adolescentes cada vez mais cedo engravidam, o alto índice de proliferação do vírus HIV/AIDS e ainda, o desrespeito à orientação sexual daqueles que não se enquadram no padrão estabelecido – os homossexuais. Isso tem nos permitido acreditar numa deturpação entre o uso do corpo sua função e o significado da sexualidade.

Para compreender algumas destas questões no cotidiano dos jovens privilegiamos uma das sessões debate, como segue: uma matéria publicada na revista Isto É, nº 1569 de 27/10/99, com o título *O Amor que Ameaça*. O texto retrata a história de um garoto de 14 anos que se declarou apaixonado por um dos colegas da escola. Os pais dele não consideraram como problema o fato do filho ser homossexual, porém, não concordaram com o sentimento obsessivo que nutria pelo colega; o diretor da escola considerou o caso anormal; um grupo de estudantes fez um movimento, encaminhando um abaixo-assinado à diretoria exigindo a expulsão do garoto; alguns colegas, inclusive uma jovem, apoiaram o garoto, e o colega *assediado* disse

que não correspondia o sentimento por ser heterossexual, mas, opunha-se a qualquer agressão dirigida ao seu colega. Diante desta situação, solicitamos aos jovens comentar o fato, e com quais das opiniões manifestadas concordavam ou não.

Trabalhamos com seus discursos analisando os conceitos de sexo, sexualidade e orientação sexual; os padrões determinantes de normalidade e anormalidade (heterossexualidade e homossexualidade, respectivamente) nas relações estabelecidas com instituições, como família e grupos pares; e ainda a perspectiva de uma outra versão discursiva, não hegemônica em nossa sociedade, contrária à tolerância que tantos divulgam, mas plena de aceitação das diferenças sexuais.

No que se refere à metodologia, o debate realizado acerca destes saberes foi riquíssimo, pois à medida que alguém emitia seu pensamento para o grupo, as expressões de apoio ou desacordo eram manifestadas com bastante polêmica, em alguns momentos, envolvendo os atores investigados, de modo que as apresentaremos a seguir.

## Discursos sobre sexo, sexualidade e orientação sexual

Para discorrermos sobre os conceitos de sexo, sexualidade e orientação sexual, partimos de alguns pressupostos: a sexualidade humana envolve o conjunto de expressões que manifestamos e nos orienta no modo de viver no cotidiano, como por exemplo, o modo que nos apresentamos para os outros, como nos vestimos, gesticulamos, expomos nossas idéias, etc.; o sexo é tudo aquilo que se refere aos órgãos genitais (funções e usos); a orientação sexual diz respeito aos nossos desejos de utilização do sexo, *traduz pelo sentimento do desejo sexual* (Cardoso, 1996:7), se desejamos uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto, aqui são inúmeras as possibilidades. Esses pressupostos são importantes para o início dessa discussão, pois na medida que vamos trabalhar com os discursos emitidos pelos jovens estabeleceremos uma relação mais aproximada da compreensão de seus significados.

Constatamos que os discursos expressos por esses atores sobre a sexualidade são variados, na maioria das vezes antagônicos e restritos ao ato sexual. Seu conteúdo contém três elementos distintos: o amor, o prazer e a prevenção. Alguns acreditam que o amor é o sentimento que fundamenta a realização da relação sexual; para outros, o prazer – *tesão* – impera, desempenhando importante função na relação sexual; outra parcela, o terceiro elemento – a prevenção – surge com uma função intermediária, trata da necessidade das pessoas terem cuidado com o corpo, com os órgãos genitais e as relações sexuais saudáveis, haja vista a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS.

Analisando esses conceitos acreditamos existir uma desarticulação na forma de tratar as relações entre sexo e sexualidade, ou então, não é claro o

significado da sexualidade na vida humana. Quando se fala em sexualidade, na maioria das ocorrências, os/as jovens direcionam seus discursos ao ato sexual, o que chamam de sexo. Não se anuncia a sexualidade como o conjunto de expressões/manifestações de cada pessoa, os elementos constitutivos da personalidade de cada um, envolvendo aí, tanto características físicas, formas de se apresentar (vestimentas, por exemplo), como atitudes/comportamentos expressados nas relações com os outros e com o meio, como sugerimos inicialmente. Isso se torna evidente nos textos discursivos dos sujeitos investigados, afirmam que *desde o momento que a gente começa a se entender por homem ou por mulher, você já vai atrás. Você entra na puberdade e vai atrás do sexo* (GC MH<sub>2</sub>O)<sup>3</sup>.

Quando se trata da orientação sexual há uma distinção entre três posicionamentos, variando entre os que acham: a orientação sexual como *uma opção de cada indivíduo*; como *algo pré-destinado* e; *coisa do demônio*. Portanto, a discussão paira entre o aceitar ou não uma orientação fora dos padrões estabelecidos em nossa sociedade – a homossexualidade.

O discurso de orientação sexual como *opção de cada um*, manifesta-se com flexibilidade para a escolha do objeto do desejo sexual, estes afirmam válidas as várias formas de amar e publicam uma tolerância para os que não possuem orientação sexual igual a sua, no caso, os homossexuais. Muito embora, algumas vezes apresentem dúvidas, contradições e determinismo, afirmando que:

*Sobre a questão da homossexualidade, eu acredito nas várias formas de amar. Eu acho que cada um tem sua opção sexual, eu acho que deve haver várias formas de amar. Se você gosta de homem é o seu gosto; no entanto, eu gosto de mulher, eu vou sempre gostar de mulher. Talvez o meu pensamento mude. Mas creio que por enquanto não possa mudar, não. Eu gosto de mulher aprecio as mulheres e sempre vou gostar das mulheres. No entanto, o homossexual gosta de homem vai sempre gostar de homem. Pode até ter gostado de mulher. Então eu acho que... Se mulher gosta de mulher também. Eu não tenho nada contra* (GC MH<sub>2</sub>O).

*Eu tenho dois colegas que são homossexuais e eu não sabia, a gente estava na gravação de um programa da TV na parte da produção; quando acabou o programa foi todo mundo tomar uma e, quando todo mundo toma uma começa a falar umas verdades; então eu cheguei; ele estava com aliança, aí eu: ‘\_ pô cara tu é noivo e nem me fala’. E ele: ‘\_ não cara, sou casado’, aí abraçou o cara e deu um beijo na boca na minha frente e falou: ‘\_ Ah, porque esse aqui é meu*

<sup>3</sup> Grupo Cultural Movimento Hip-Hop Organizado do Ceará

*marido. Você tem alguma coisa contra? \_ Ah, eu não. Só não me cante e a amizade continua a mesma.' Eu não tenho nada contra. (GC Cultura de Rua)<sup>4</sup>*

Os que consideram a orientação sexual como algo pré-destinado acreditam que o indivíduo, por assim agir, não tem consciência de suas atitudes, ou, não deseja essa orientação; anunciam que nenhum homem, ou mulher gostaria de ser uma *outra pessoa*. Isso significa que nenhum homem se sentiria à vontade desejando um outro homem – *desejos de mulher*, ocorrendo o mesmo com as mulheres, nenhuma delas gostaria de se sentir atraídas por outra – seria contra a natureza humana. Sendo algo pré-destinado, não tem como ser mudado, nesse caso, deve-se aceitar a decisão desses sujeitos.

Uma terceira posição em relação à orientação sexual declara a homossexualidade como uma obra demoníaca, pois *Deus deixou o homem para a mulher e o resto é coisa de animal*. Os que anunciam este tipo de declaração não concordam com a orientação homossexual, muito embora não se habilitem, como expressam em seus discursos, a excluir os homossexuais, estão abertos, até para *ajudar no que for possível*, como por exemplo, aconselhá-los numa outra direção.

Nesse cenário, alguns jovens apresentaram dúvidas quanto à discussão realizada, pois não sabem a origem do *sentimento de um homem com outro, será que é em casa, o modo que ele foi criado, se tem haver com a biologia, hormônios? (GR Pedra)<sup>5</sup>*. E ainda declaram não ter palavras para discorrerem sobre o assunto, haja vista que:

*...isso é uma coisa que a gente nunca consegue entender, porque se a gente é de um jeito e vê aquela pessoa de outra forma... é claro que a gente não consegue entender o porque dessa atração. A gente que é homem tem atração por mulher, como é que um homem pode sentir atração por outro homem? É isso que é inexplicável. Eu acho que se caso acontece um negócio desse, eu tenho para mim que deve ser porque a pessoa nasce com o corpo de homem, mas a mente por certo deve vir atrapalhada, de mulher ou coisa assim. É até uma coisa fora do normal, a gente vê uma pessoa se apaixonar por outra do mesmo sexo da gente, eu não sei nem explicar (GR Tauá)<sup>6</sup>.*

Porém, consideram desumano como na sociedade alguns tratam os homossexuais, caracterizam como *barbaridade* esse tratamento, como, por exemplo, *expulsar o garoto da escola*, como no caso apresentado para discussão; *humilhar e até matar*.

A explicitação destes discursos nos revelando alguns indicadores do modo como os/as jovens estão concebendo e socializando os saberes quanto ao sexo, sexualidade e orientação sexual, assim sintetizamos:

<sup>4</sup> Grupo Cultural Cultura de Rua (Hip-Hop).

<sup>5</sup> Grupo Religioso de Pedra.

<sup>6</sup> Grupo Religioso de Tauá.

- Não há clareza de distinção entre sexo e sexualidade, ambos, são tratados como relação sexual;
- A orientação sexual é concebida de formas variadas, expressadas em três níveis: como *opção sexual*; como algo *pré-destinado* e; como *coisa do demônio*;
- A afirmação da heterossexualidade é indiscutível;
- As dúvidas existentes sobre a origem da homossexualidade, para os jovens, justifica a omissão de alguns no debate;
- Mesmo que a maioria dos jovens não concorde com a homossexualidade todos, consideram necessário o respeito aos homossexuais;
- A maioria dos discursos de aceitação da homossexualidade exige distanciamento dos homossexuais.

Esses indicadores nos levam a acreditar na existência de uma base de saberes pré-concebidos por nossa cultura, muitos deles cristalizados, emitem valores e/ou concepções que contribuem para formação das personalidades dos indivíduos. Esses saberes são interiorizados durante o processo de socialização<sup>7</sup> por qual todos nós passamos. Daí, a razão desses sujeitos, sempre que discutem sobre determinados assuntos, como é o caso da sexualidade, estes a colocam entre pólos distintos e antagônicos; pois é comum, em seu cotidiano, os discursos permearem nos “achismos” tidos como verdades, muito embora não se tenha nenhuma fundamentação rigorosa. Assim, vai se produzindo ou ratificando uma concepção do que seja normal e do que seja anormal.

### **Discursos instituídos de normalidade/anormalidade (a família e os grupos pares)**

Os discursos produtores de sentidos de normalidade e anormalidade se proliferam no cotidiano vivido pelos sujeitos, tomam proporções de formas muito simples e, na maioria dos casos, muito sutis. Isso é evidente, na discussão dos/das jovens sobre a homossexualidade, declaram com muita ênfase seu caráter de anormalidade por não conceberem o desejo sexual de um homem ou de uma mulher por alguém do mesmo sexo.

*Eu não acho normal, igual uma mulher se apaixonar por um homem e o homem se apaixonar por uma mulher, não é normal, dá para perceber isso, mas eu aceito plenamente e sou contra a qualquer tipo de agressão ou expulsão (GR Tauá).*

<sup>7</sup> Para Berge (1985), o processo de socialização se realiza em dois momentos: o primeiro – a socialização primária – ainda na infância e, o segundo – a socialização secundária – qualquer processo posterior.

Esses discursos caem em profunda contradição, fruto de uma aquisição de saberes “verdadeiros” do cotidiano, característicos do senso comum, reproduzidos na história da humanidade de geração para geração. Essa tradição é *um dos fatores causadores de doenças psicossociais*, acredita-se tornar a ruína da democracia quando nega à geração mais nova a possibilidade de escolha (Reich, 1988:22); estabelece a ditadura, desencadeando uma dinâmica nas relações interpessoais (sociais) que fortalecem os elementos caracterizadores desse contexto sociocultural: a mistificação do processo vital; o desamparo do caráter material e social; o medo de assumir a responsabilidade de orientar a própria vida; e o desejo mais ou menos forte de uma segurança ilusória e de autoridade ativa ou passiva. Extratos de uma dinâmica cultural de *produção de subjetividade capitalista* (Guattari, 1996.), não somente das relações sociais na sociedade capitalista, mas também, da produção de subjetividade capitalista nas sociedades que ditam suas normas.

Deste modo, os homens e as mulheres vão seguindo uma dinâmica que forma um modelo de pensar e agir no coletivo: as formas de se sentir homem ou mulher, *as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais, são sempre sugeridos, anunciados, promovidos socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas* (Louro, 1999:9).

Assim, os discursos se proliferam produzindo sentidos e significados, regulando e fixando identidades, definindo lugares para cada indivíduo e até fortalecendo posições de superior e inferior – produz-se as desigualdades. A homossexualidade está nesse cenário numa posição inferior à heterossexualidade (assim como a mulher está para o homem; o negro para o branco, etc.). Ocorre que os indivíduos na categoria de inferioridade são culpados pelo caos existente na sociedade, segregada em guetos, vivem processos de infantilização. De modo que a sociedade não concebe as diferenças, o novo, outras possibilidades.

A cultura vai dinamizando o cotidiano dos indivíduos a partir de normas institucionalmente estabelecidas e, tradicionalmente, passadas para as novas gerações. Os papéis sociais são definidos neste complexo de produção de significados/sentidos, cristalizando relações de poder em todas as esferas da sociedade. Os postos de autoridade atribuída aos mais velhos, mais *sábios*, aos *superiores*, enquanto que aos mais novos resta a subserviência/obediência.

### *Os discursos instituídos na família*

A instituição família cuida da socialização primária por ser o processo mais significativo para o sujeito servindo de base para a socialização secundária. O indivíduo *torna-se membro da sociedade*, encontra um mundo que não é seu, *no qual os outros vivem*. Assumindo esse mundo, identifica-se com seus semelhantes, incorpora os sistemas de códigos e sentidos para a vida, inculca as representações, normas, valores, códigos e a linguagem que vão formar o seu primeiro mundo – é uma interiorização do *mundo dos pais como*

*sendo o mundo, e não como o mundo pertencente a um contexto institucional específico* (Berge, 1985, p.189)

Deste modo, a família torna-se a principal instituição nos processos de socialização dos jovens, a pesar de muitas estabelecerem relações baseadas em princípios disciplinadores, a partir do cumprimento de normas. Nesse processo, quando questionamos com os jovens sobre a família, seu significado, sua importância, os jovens estudantes expressaram, em sua grande maioria, que a família *é ótima, maravilhosa, excelente, pessoas fortes, companheiras, amigas, muito unidas*; e os jovens dos grupos culturais e religiosos, *eu acredito sinceramente que a família é a base do cara para o futuro, falo assim, de um futuro melhor com mais condições* (GR Tauá). Muito embora, alguns tenham retratado os problemas de relações existentes, fato considerado comum, pela quantidade de pessoas e diversidade de idéias.

Em relação ao diálogo, no questionário, os jovens indicaram que apenas 10% não conversam com seus pais; os motivos mais citados foram: os pais não têm tempo, têm vergonha, não gostam de conversar, família conservadora, não dão espaço para o diálogo e ainda, não conversam sobre sexo e drogas. Alguns jovens investigados durante as sessões debate informaram que *os pais não conversam muito com os filhos sobre namoro, sexo, (...) não tem esse diálogo aberto* (GR Tauá). Contrapõem-se a estas informações, ainda no questionário, cerca de 50% dos jovens que afirmam o diálogo com suas famílias, 21% conversam sobre sexo e 29% sobre namoro. E os jovens dos grupos culturais e religiosos endossam, *quando existe algum mal-estar aqui em casa, a gente vai dialogando, vai chegando alguma conclusão*.

Apesar do diálogo presente numa boa parte das famílias dos jovens investigados, as posturas/conduas ainda são muito arcaicas, substancialmente de dogmas, preconceitos e machismos, pois as atividades de meninos e meninas se diferenciam nitidamente, ficando as meninas ou a mãe responsáveis, em sua maioria, com o laboro de casa, fato constatado, nos discursos de uma garota e um garoto, respectivamente, como se segue:

*Final de semana é mais para casa, para a igreja, as vezes, vou para a pracinha* (GR Tauá).

*No meu final de semana eu tô curtindo uma bola, curtindo um som e curtindo minha gata*(GC Cultura de Rua).

Desse modo vai sendo instituído no cotidiano desses sujeitos papéis sociais definidos, assim como os papéis sexuais também. Costa (1986) indica estereótipos que ainda prevalecem numa parcela significativa de sujeitos. Esses estereótipos vão definir vantagens e desvantagens de ser homem e de ser mulher nessa sociedade. Como por exemplo, enquanto é vantagem para o homem a liberdade sexual, em relação a iniciação sexual; para a mulher é vantajosa a liberdade de expressar sentimentos e emoções, principalmente se forem sentimentos dóceis e frágeis. Porque para o homem é importante a necessidade

de mostrar-se forte e reprimir qualquer sentimento de sentido frágil, *meninos não choram*. A família é a primeira instituição que vai cuidar da introjeção desses significados/sentidos. *Tomar jeito de homem* – trata-se de uma expressão típica de pais direcionados a filhos que não seguem essa dinâmica.

Corroborando com a família, também, há outras instituições (como a escola e a igreja) que, através de técnicas pedagógicas legitimam, ou não os processos, ratificam a lógica, da *promoção do indivíduo* à socialização. Influenciando, consideravelmente, como os jovens vão agir entre seus pares.

### *Os discursos instituídos nos grupos pares*

Os grupos também são instituições, têm sua dinâmica, sua pedagogia. Nestes, as relações são estabelecidas com leveza, muito embora seus membros não deixem de reproduzir valores de discriminação, tradicionalmente expressos pela cultura. Quando isso é manifestado, os jovens explicam que são brincadeiras, como, por exemplo, reparar o colorido da roupa do outro emitindo desconfiança na condição heterossexual, no caso dos meninos, tudo com muita descontração e, no momento em que não esteja presente alguém que seja homossexual. Esse tipo de interação revela que o grupo não está livre do preconceito, muito embora haja todo um trabalho de produção de sentidos em função da aceitação das várias formas de amor.

*No movimento é tirado que toda forma de amor é válida. Entre os grupos não, entre pessoas, são detectadas pessoas no movimento que têm preconceito. Às vezes assim brincadeira que passam preconceito em relação a isso. Mas preconceito assim... O movimento mesmo, na realidade, ele não tem preconceito. Mas alguns membros do movimento, com certeza ainda têm. Ainda são, assim, tolos (GC MH<sub>2</sub>O)*

Mas isso não invalida a participação de homossexuais no grupo, os mesmos consideram, no caso do movimento hip-hop, que o importante é o sujeito gostar de estar no movimento, gostar do rap, do grafite, do break, do DJ,

*...se ele realizar uma dessas funções, normal. E se o cara realmente tá lá dentro é porque tá querendo fazer o movimento. Então a gente não impede ninguém, nem homossexual, nem mulher, nem preto, nem branco, nem azul, nem índio, nem coreano. Se não tem homossexuais dentro do hip-hop é porque a gente não pode tá pegando esses cara, porque a gente não tem certeza se é isso que eles querem, tá entendendo. No Maranhão tem um cara que é homossexual e é do hip-hop (GC Cultura de Rua).*

Mediante esta exposição, consideramos que nos grupos exista uma abertura mais flexível para se trabalhar com as diferenças; mesmo assim, não podemos negar a existência de códigos e sentidos produzidos por estes que exigem determinados comportamentos/conduitas de seus membros.

## Outro discurso: tolerância ou aceitação às diferenças?

Os discursos iniciais registrados neste trabalho, bem como os indicadores do modo como os/as jovens estão concebendo e socializando os saberes quanto ao sexo, sexualidade e orientação sexual, vêm nos mostrando uma profunda contradição na maioria dos posicionamentos emitidos. Isso se deve, possivelmente, ao fato de os atores sociais participarem, em seu cotidiano, de instituições que contribuem para a formação das identidades – a família, a igreja e a escola; sendo estas socializadoras dos saberes sócio-culturais, efetivando princípios disciplinadores/reguladores de uma cultura heterossexual; a normalização se fará presente pela reprodução *da heterossexualidade acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia* (Louro, 1999, p.27).

A homofobia, caracterizada pela aversão à homossexualidade, assume uma dinâmica social multifacetada: as expressões manifestadas verbalmente, tidas como brincadeiras; os insultos e/ou xingamentos; a não aceitação no grupo de pertença; a violência física e, assassinatos. Estas configuram um contexto tolerante. Consideramos o termo tolerância<sup>8</sup> característico das condutas aplaudidas em nossa sociedade caracterizadas num disfarce ou, numa farsa, ou ainda, numa falsa aceitação contrário a aceitação. O próprio significado, dado por Ferreira (1988), conduz nessa direção, porém considero necessário um estudo mais aprofundado deste conceito, uma tarefa necessária para continuidade deste trabalho.

Dáí, a cultura dos jovens, expressada em seu cotidiano, vem de encontro com os conhecimentos promulgados e/ou ocultados pelas instituições, dentro de uma dinâmica onde, por um lado, classificam, selecionam e rotulam os indivíduos e, por outro, estes indivíduos recriam novas formas de interação – de valorização das subjetividades emergentes. Então, outros discursos e comportamentos/attitudes dão feição a um novo cenário, onde se permite a pluralidade da sexualidade, uma nova pedagogia acenando indicadores para um novo contexto. E alguns dos/das jovens dos movimentos culturais definem

<sup>8</sup> 1. Qualidade de tolerante; 2. Ato ou efeito de tolerar; 3. Pequenas diferenças para mais ou para menos, permitidas por lei no peso ou no rótulo das moedas; 4. Tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos; 5. Diferença máxima admitida entre um valor especificado e o obtido, margem especificada como admissível para o erro em uma medida ou para discrepância em relação a um padrão. Ferreira (1988:638)

as diretrizes dessa pedagogia com seus elementos fundamentais: os direitos humanos; a felicidade; a aceitação das diferenças e a solidariedade, valores necessários para o convívio coletivo.

*Acho que a felicidade é tudo. E o ser humano quando conseguir se livrar de todo tipo de preconceito que existe dentro dele, com certeza ele vai ser feliz. Cada vez que ele vence uma barreira, cada vez que ele vence um preconceito ele consegue ser um pouco mais feliz na vida. Eu acho que a felicidade é o princípio de tudo. Se você se sente feliz, então faça de sua maneira. Eu não tenho nenhum tipo de preconceito contra homossexual, acho que eles devem cada vez mais conquistar o espaço deles. E devem fazer o que querem mesmo. Não ligar para o preconceito por causa do que a sociedade dita. Porém, ao mesmo tempo a gente percebe que tem muitos homossexuais que têm preconceito com eles mesmos. Tipo assim, não procura muito se envolver, não procura muito fazer amizade. Esse tipo de preconceito entre eles também tem que se acabar. A sociedade tem que aprender a conviver com essas coisas que tem na vida, com essas opções. Que é a opção de cada um. Que cada ser humano é diferente do outro. Cada cabeça é um mundo. Então todo mundo é diferente. Cada um tem o seu desejo (GC MH<sub>2</sub>O).*

*Agora uma coisa eu aprendi e comecei a perceber que para você gostar de uma pessoa não basta ser nada convencional, do homem e da mulher; eu acho se o cara quiser gostar do outro cara, ele tem todo o direito. Tem que trabalhar a questão do respeito. Porque ninguém vai proibir que eu namore com outro homem... o meu gostar em relação ao cara não vai acabar e, então, nada vai proibir, porque sempre a gente vai ficar junto, é a mesma coisa de você querer mudar a cabeça de uma pessoa e você não consegue. Eu acho que a questão do amor, a questão do gostar, até nos relacionamentos convencionais... Então eu acho se o cara é homem e gosta de homem, se a mulher gosta de mulher, sem problema. Assim, na minha cabeça isso já tá avançado (GC Cultura de Rua).*

A revelação destes discursos é a desconstrução de uma ordem vencida, muito embora, a realidade social nos mostre cenas catastróficas, truculentas, no cotidiano; como por exemplo, grupos organizados proliferando violência contra a vida humana. O silêncio desta ordem deve ser promulgado por discursos, como estes apresentados pelos/pelas jovens dos movimentos culturais. Nesta perspectiva poderemos construir novas formas de vida; de valorização do outro; do restabelecimento da auto-estima; da compreensão unitária do corpo. Do corpo mente; do corpo coletivo/social; do corpo luta; do corpo instituído; do corpo expressão – comunicação – desejo – prazer; do corpo felicidade humana. Pois, a *sexualidade humana é tecida na rede de todos os pertencimentos sociais que abraçamos, ela não pode ser compreendida de forma isolada* (Louro, 1999, p.31).

Os resultados do estudo evidenciam que os jovens se apropriam do espaço, onde mantêm uma rede de relações sociais diversas, sobretudo no lazer e nas relações com os pares, buscam novas alternativas de apropriação desse espaço. Na comunicação constatamos que os jovens utilizam-se de veículos como as rádios comunitárias e FM's, o espaço da rua, elementos como grafite, break e letras de RAP, sendo esta uma forma de denúncia, que o jovem da periferia utiliza para criticar a realidade social e a falta de oportunidades. Analisamos ainda, as manifestações dos grupos religiosos. Ao participar do grupo, os jovens preenchem seu tempo e espaço, recriam, pois são desprovidos de outras formas de lazer, como frequentar clubes, restaurantes, danceterias, às quais não têm acesso.

## Referências Bibliográficas

- BERGE**, Peter L. & **LUCKMANN**, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARDOSO**, Luiz Fernando. *O que é orientação sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- COSTA**, Moacir. *Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento*. SP: L&PM, 1986
- FERREIRA**, Aurélio Buarque de H. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A, 1988
- FOUCAULT**, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio: Graal, 1999;
- \_\_\_\_\_, Michel. *História da Sexualidade 2: uso dos prazeres*. Rio: Graal, 1994;
- \_\_\_\_\_, Michel. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985;
- GUATTARI**, F. e **ROLNIK**, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996;
- ISAY**, Richard A. *Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação*. São Paulo: Summus, 1998;
- LOURO**, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;
- MOTT**, Luiz Roberto. *Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil*. Salvador-BA: GGB, 1997;
- \_\_\_\_\_. *Educação sexual e o jovem homossexual*. Florianópolis: Perspectiva. ano 16 – n.º 30 – julho/dezembro, 1998
- MOTT**, Luiz & **ZORA**, Yonara. *Boletim do Grupo Gay da Bahia*. Salvador: GGB, março/1999;
- ORLANDI**, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas – São Paulo: Pontes, 2000;
- REICH**, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. RJ: Editora Guanabara, 1988;
- RICHARDS**, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- VASCONCELOS**, Naumi de. *Amor e Sexo na Adolescência*. São Paulo: Moderna, 1985.

## JUVENTUDE: A QUEM SERVE O MUNDO DAS IDENTIDADES?

*Kleber Jean Matos Lopes*

*Que passe para trás quem se achava na frente,  
que passe para frente quem se achava lá atrás,  
que os doidos, apaixonados, sujeitos malcomportados,  
encaminhem novas proposições,  
que sejam postas de lados as proposições antigas,  
que o homem busque o prazer em toda parte  
exceto nele próprio,  
que a mulher busque a felicidade  
em toda parte, exceto nela própria.*

WALT WHITMAN (1819-1892)

Fim do segundo milênio é a época em que se vive. Mundo que se diz globalizado, mundo que se divide em dois, três, vários. Há o mundo americano do norte, o mundo latino-americano, o mundo europeu, que dizem berço do mundo ocidental, o mundo dos pólos de gelo, o debilitado mundo africano e seus mundinhos cor de miséria, o vasto e diversificado mundo do oriente e outros tantos que se misturam pelas ruas que vivemos. Até a Bahia se quer um mundo de dendê e axé. Bom, se tantos mundos há, por que essa quase inevitável necessidade de dar exclusividade para algumas coisas? Que interesse seria esse em dizer por exemplo que há apenas uma infância na qual se deve brincar, uma juventude para o deleite das irresponsabilidades inocentes, uma idade adulta para obrigações e uma velhice para curtir intensamente as dores pelo corpo?

Quem inventou essa história, não sei precisar. Creio que isso sequer tem grande relevância. O importante é que esse movimento permanece e entre um sim e um não, reinventa-se a dizer das coisas, muitas vezes onde as coisas não mais estão.

Para ilustrar esse jogo com palavras, que se diz discurso, é freqüente nos comerciais a que se assiste na televisão o uso de uma imagem que facilite a venda de um produto, quando em muitos casos a imagem pouca correspondência mantém com o objeto a ser imposto ao consumo.

Cena de um comercial de uma grande instituição financeira brasileira ilustra minha intenção. Um garoto, de aproximadamente 12 anos, passeia feliz em sua bicicleta por uma rua sem carros. Seus cabelos ganham formas de liberdade ao resistir à brisa. Inspira saúde e uma certeza fugaz que tudo de bom está ali adiante. Por isso nada melhor que pedalar. Em "off", uma voz que do além poderia vir, cita um cidadão de 65 anos, possuidor de um plano de previdência privada, que pode agora usufruir das benesses que a vida guarda.

Enfim a liberdade de um mundo sem trabalho, sem obrigações maiores, a vitória. Enquanto o menino pedala e chega ao fim do quarteirão, o texto em conclusão conecta o garoto ao velho. Da fusão, inventa-se um sentimento que não se traduz no corpo real do menino ou mesmo do velho, mas a uma virtualidade de encantos, que pode ser comum a todos que no tempo presente, possam ir a uma agência dessa instituição e dividir em prestações a compra dessa juventude futura. Contas e mais contas e a juventude disposta pelo garoto e adquirida pelo anônimo velho mostra-se inacessível à grande maioria dos brasileiros.

Outro comercial de um refrigerante, esse exposto enquanto séries de pequenos filmes, anuncia uma relação impossível entre um homem que já passou dos 40 anos e uma garota que ainda não chegou aos 20. Nele o homem busca insistentemente alcançar uma juventude que o aproxime da “descolada” garota, que nos momentos de clímax dos filmes, sempre encontra uma saída desconcertante para o admirador, deixando-o na mão. Ficam estabelecidos mundos diferenciados para o casal, que até podem misturar-se, mas no quesito juventude e romance, são inconciliáveis. A juventude aparece vinculada à idade, um certo jeito de vestir e lidar com a vida despreocupadamente e como não poderia deixar de ser, seu ícone maior se veste, tal e qual o refrigerante sabor laranja que se espera vender. Avisados e desavisados consomem a bebida e por mais que se divirtam com os personagens do comercial, também não encontram correspondência em suas vidas com os maneirismos da moça e as trapalhadas do “coroa”. Não porque estejam impossibilitados de vivenciarem situação parecida, mas muito mais porque a vida não se encontra tão segmentada como nos comerciais.

A juventude à qual é remetido o velho de 65 anos que recebe aposentadoria extra, após 30 anos de contribuição também extra para uma instituição financeira, se comparada a do “coroa” do refrigerante, distingue-se, usando uma expressão comum das ruas, em “gênero, número e grau”, mas guardadas diferenças semânticas, ambas obedecem a uma mesma lógica de funcionamento do mundo onde a exclusão é marca registrada.

Por melhor que se sinta o velho em possuir uma renda além da estabelecida pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), essa segurança só acontece devido a todo um movimento seu em administrar suas economias em função de uma aparente tranqüilidade num futuro que agora se faz presente. O que ele deixou de fazer com o dinheiro depositado a cada mês não aparece no comercial. Suas facilidades ou dificuldades em lidar com o orçamento todos esses anos são ignoradas. Também não se vê no comercial uma situação comparativa entre quem aplicou num plano de previdência privada e aquele que não fez ou não pode fazer essa opção. Não parece ser necessária essa comparação, mas é com ela que a engenharia publicitária garante os dividendos seus e dos clientes. O mundo das ruas abunda em exemplos de velhos doentes que perambulam em busca da sobrevivência. O descaso e a desilusão, misturados ao medo que de cinza recobre o cotidiano,

dão o tom da música que ninguém quer escutar na terceira idade. Assim a exclusão que se produz e vive-se hoje é a motivação maior para que exista um plano de previdência privada. Pulsa nas ruas uma idéia de que o pior aprimo-ra-se e quem vai querer passar por isso?

Já com o “coroa” que tenta ser “descolado”, a lógica da exclusão per-corre outros caminhos e o artifício da juventude estabelece os limites entre os que podem estar dentro e aqueles que sempre estarão “por fora”. A estratificação que o refrigerante sabor laranja dispõe, apesar de ser o motivo do filme publicitário, camufla-se por entre as pitadas de humor perverso que são destiladas no comercial. Por mais que seja engraçado ver as tiradas da moça e a frustração perene do “coroa”, quem suportaria viver tão “na boa” essas situações? Nem com muito refrigerante as ruas de hoje aceitariam es-ses transeuntes. Mesmo feitas predominantemente de exclusões, assim como as peças publicitárias aqui em questão, as ruas não suportam a pureza, artifi-cial que seja. A mistura atravessa em ziguezague incessante as calçadas e sem olhar para os lados atropela a todos que se dizem vivos.

Garota e “coroa” enquanto personagens funcionam na “telinha”, mas nas ruas são desconsiderados. Têm vida curta. Como é desconsiderado também o velho de 65 anos com plano de previdência privada ou o garoto de 12 que ama a sua “byke” e os movimentos do pedal. Garota, “coroa”, velho e menino, além de personagens de um filme publicitário ou de um texto acadêmico, são engre-nagens de uma máquina de fazer jeitos, maneiras de funcionar, por mais impro-vável que seja vestir e viver uma carapuça somente. Descartar torna-se recurso indispensável à sobrevivência, e cada um, a seu modo, torna-se “descolado”, “coroa”, “idoso”, “jovial”, etc. A conveniência dá forma às máscaras necessárias ao cotidiano. A publicidade tempera e instiga esse moinho de dizer das coisas onde elas não se encontram, mas podem vir a estar. Aguçar expectativas, pro-duzir vontades e formatar gostos fazem o comércio crescer.

Talvez, essa conversa tenha alguma correspondência no que Félix Guattari (1992) denomina como produção “capitalística” da subjetividade<sup>1</sup>. Tal-vez não, mas é importante atentar para essa idéia e quem sabe perceber que:

*A ordem capitalística produz os modos de relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo (Guattari: 1996, p. 42).*

<sup>1</sup> Guattari não pensa em subjetividade enquanto efeito de uma somatória de individualida-des, mas como um “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (1992, p. 19).

Pode parecer que essa fala decreta um controle absoluto dessas engrenagens sobre o homem, mas creio que esse funcionamento parece muito mais demarcar posturas frente aos fatos, ao tempo, à publicidade, a tudo que nos afeta. Daí, pelo menos duas alternativas vão dizer como as sensibilidades reagem às investidas da lógica “capitalística”. Vão dizer das tentativas de repetição de experiências vividas ou de fugas e vontades de novidade, de criação. Vão falar de como discursos reafirmam lógicas ou resistem a elas e em ambos os casos, contornos de existências são demarcados pela intensidade que cada relação produz.

A lógica da venda, da intensificação do consumo, da especialização das necessidades, do descarte quase instantâneo dos afetos, dá-se a partir de conceitos que reforçam a necessidade de que exista uma identidade por viver, a se buscar. Algo adiante que case com os sentimentos e projetos que se produz no hoje. Um lugar circunscrito, demarcado em atitudes e pensamentos que expressa um delineamento que a vida deve levar. Para garantir um futuro juvenil, nada melhor que um presente previdente. Para se garantir dentro de um grupo “descolado” e tido como divertido, melhor não se misturar a intrusos mesmo que simpáticos e prestativos. Paira no ar pelas ruas de hoje uma idéia de que “é necessário dançar conforme a música”, mesmo que não seja música, seja silêncio.

Sustentam essa função de produzir fraquezas para melhor vender as certezas que o mercado tece, muito mais gente que os publicitários de plantão. Luis Antonio Baptista(1999), em análise sobre a violência que se expressa nas ruas, enxerga na especializada tarefa de amolar facas<sup>2</sup>, a aliança necessária para que os mais variados absurdos possam propagar-se sem serem tomados como tal. Assim a garota “descolada” ao desconsiderar o sentimento do “coroa” e tomar seu refrigerante sem maiores preocupações, esmerilha seu canivete e fornece munição para que preconceitos como o de amor ter idade fortaleçam-se. Postura igual tem o inocente garoto que vende juventude pós 65 anos, como se não fosse necessário ser livre, feliz e tranqüilo antes. A juventude, por incrível que possa parecer, é virtual na tenra idade, podendo vir a ser real na velhice.

Haja paciência, mas os amoladores estão soltos por aí e com sede de prisão. Identificá-los não é tarefa difícil. Propagam-se nos mais variados ambientes e se não existe um kit rápido de diagnóstico (olha eu aqui amolando), há pistas, as quais se podem atentar, para observá-los em ação:

*...ligue a TV, leia os jornais, escute no rádio os debates sobre temas do dia-a-dia. Perceba nas entrelinhas das reportagens com profissio-*

<sup>2</sup> Amoladores de faca são seres “ávidos por criar perguntas e respondê-las, por criar problemas e solucioná-los, defendem um humanismo que preencha o vazio de um homem fraco e sem força, um homem angustiado e perplexo, necessitado de tutela”. Seres que “fragmentam a violência da cotidianidade, remetendo-a a particularidades, a casos individuais. Estranhamento e individualidade são alguns dos produtos desses agentes” (1999, p. 46).

*nais do psiquismo, com religiosos e artistas famosos. Atente para as falas sobre o sexo, sobre identidades e pestes. Incorporadas em profissionais de prestígio, os amoladores de facas circulam dentro e fora da mídia, produzindo a ingênua e eficaz impressão de uma fala individual e neutra (Baptista, 1999, p. 47).*

Mas se há quem amole, há quem em nome do desejo renuncie à faca. Fora da “telinha” a garota pode trocar o refrigerante sabor laranja por uma cerveja “bock” e “tasca” um beijo “molhado” no coroa e o que poderia ser um outro comercial, pode também ser um movimento para resistir aos desígnios de uma subjetividade “capitalística”. Algo como “*um protesto do inconsciente (...), através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc.*” (Baptista, 1996, p. 45).

Essa resistência que escapa ao retalhamento e ganha também as ruas com menor visibilidade, caracteriza a vida em seu aspecto criativo. Não é de tão fácil identificação esse movimento, principalmente aos olhos acostumados a mesmice que se espalha da TV para a sala, da sala para o trabalho, para as escolas, as igrejas e religiões, os bares e supermercados, para as ruas e emissoras de radiodifusão, etc. Denominado por Guattari (1996) como processos de singularização, essa forma de se dizer vida é caracterizada por movimento onde se

*...capte (um alguém) os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígios que são difundidos (1996, p.46).*

Parece até receita de bolo, pode-se até assim tomar essa fala. Torná-la em outro contexto um manifesto pela sobrevivência do indivíduo moderno, pós-moderno que seja, que precisa ser reinventado, reinvestido, para garantir sobrevivida. Pode-se dizer que esse texto mistura alho, cebola e encerra em bugalhos. Pode-se transformá-lo num barril de incoerências e injúrias contra a mídia, publicitários e até mesmo contra a memória de autores, aqui referenciais como Baptista, Foucault e Guattari. Pode-se questionar por que se falo de exclusão, propositadamente ou não, passo ao largo dos sentimentos dos incluídos. Onde estão os incluídos? Essa questão não daria um comercial. Faz pensar.

Mas quem conseguiu chegar até aqui pode agora emitir qualquer parecer que seja e não será desonesto ou injusto comigo. Não é disso que trata esse discurso. Não trata de um amontoado de idéias que justapostas se que-rem redentoras de uma humanidade que capenga. Melhor tradução seria um convite, um chamado para as sensações que talvez tenhamos desprezado e para o aguçamento das percepções, que nos remova a indiferença.

Pode parecer uma imagem transtornante, acredito que seja também poética, a que nos remete Luis Antonio Baptista, enquanto gente que vive nas

ruas. Sobre os amoladores de faca, ressalta a semelhança de seus atos à atividade dos genocidas.

*São genocidas, porque retiram da vida o sentimento de experimentação e de criação coletiva. Retiram do ato de viver o caráter pleno da luta política e o da afirmação de modos singulares de existir. São genocidas porque entendem a ética como questão da polícia, do ressentimento e do medo. Não acreditam em modos de viver, porque professam o credo da vida como fardo ou dádiva (1999, p.49).*

Michel Foucault (1999) elabora idéia que guarda semelhança em sua lógica com a de Baptista, num certo funcionamento social que legitima e reconhece necessária a função de morte, ao qual denomina por biopoder<sup>3</sup>. Nesse entendimento caberia ao racismo o papel de assassínio, não no sentido de dizimar populações, mas no sentido que não há lugar para todos e que quanto mais se mata, mas se ganha em vida própria. Foucault resguarda-se em afirmar que o racismo não é invenção do biopoder, mas com sua emergência, que se dá no século XVIII, ele ganha função especializada e reconhecimento social, mesmo que camuflado. Ressalta ainda Foucault que

*...por tirar a vida não entendo simplesmente o assassínio direto, mas também tudo o que pode ser assassínio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. (1999, p. 306).*

Amoladores de faca não esquartejam o racismo que pulsa em nós. Ao contrário, constroem-no, reforçam-no. Em nós, outras construções de vida podem estar sendo ignoradas. A juventude idealizada nos comerciais ignora as sensibilidades resistentes e produtoras de percepções que vão além das identidades dadas, mas persiste, e isso sim assusta muito, o mundo onde a exclusão funciona com sucesso. Onde há sempre os de fora e os de dentro revelam-se apenas no tubo de imagem das TVs. Vivemos num mundo das ruas onde uma comunicação estranha se estabelece em propagar perguntas que calam ou respostas que silenciam. Juventude isso, juventude aquilo e juventude aquilo outro, por exemplo.

Enquanto isso as ruas nos esperam.

---

<sup>3</sup> Foucault entende o biopoder enquanto uma “tecnologia que se instala, se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como nascimento, morte, a produção, a doença, etc.” (1999, p. 289)

## Referências Bibliográficas

- BAPTISTA**, Luis Antonio. *A cidade dos Sábios*. São Paulo: Summus, 1999.
- FOUCAULT**, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GUATTARI**, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- GUATTARI**, Félix e **ROLNIK**, Suely. *Micropolítica : cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

# JUVENTUDE, SUBJETIVIDADE E SEXUALIDADE NA ESCOLA

*José Gerardo Vasconcelos*

## Introdução

Tem este estudo o objetivo de analisar o processo de disciplinamento que ocorre na escola e elege a sexualidade como o eixo central do discurso ético. Os elementos normalizadores investem contra o corpo dos jovens adestrando suas práticas sexuais. Todavia, as transgressões desencadeiam processo de emancipação marcadas pelas disputas que se estabelecem com as máquinas que adestram os seus gestos, sonhos e segredos. Revelar os seus segredos e expectativas que se lançam ao futuro e, ao mesmo tempo, derramam nos seus símbolos e gestos, os códigos que transgridem o instituído valorativo fazendo emergir novas composições sógnicas e novos elementos axiológicos.

A transgressão juvenil é ancorada na possibilidade da vida e do sonho. O sonho de um lugar ou de um campo de fantasia que se lança ao mundo quebrando os códigos de oposição que se fundam numa binária lógica opositora. É que a antinomia é marca de possibilidade enquadrada na norma que se fixa nas construções simbólicas previamente elaboradas pelos detentores dos campos axiológicos. Quebrar a eternidade dos conceitos é, na realidade, livrá-los da morte e da inutilidade.

A juventude explode os ritos. Assombra o perplexo mundo impeditivo de sentidos. Revela nos seus campos simbólicos a alma que entoa lentamente a cadência refinada de gestos, afagos e afetos. O seu mundo é um mundo em construção. Um mundo devir que gira e faz girar os múltiplos sentidos da vida. É a marca da potência que destituiu a rigidez da senilidade. Se essa for a dimensão do mundo, nesse caso, todos no mundo em-cadeados transgrediremos o mundo.

Passaremos a expor nesse trabalho o investimento das máquinas de moer a juventude. São acompanhadas de longos ritos que os obriga a imiscuírem-se no seu interior e revelá-lo como toda a eternidade que se lhes apresentam e, ao mesmo tempo, a falta de sentido e/ou expectativa que circundam os desejos juvenis. É que o dado pode ser retirado. O segredo revelado. O invisível pode ser enxergado e visualizado na sua interioridade. O abismo inatingível que separa homem e mundo pode sobreviver na planície da alma moderna. Os sentidos que apontam para um lugar melhor e prometem a felicidade podem estar tão dispersos quanto os fluxos de saberes que acompanham a vida dos jovens. As normas e as verdades apresentadas na sua eternidade podem escapar pela intensidade das linhas de fuga e se reencontram em novos territórios polifônicos da linguagem juvenil.

## Juventude, subjetividade e as várias faces da interdição escolar

O poder não é somente aquele que dissolve, que diz não, que reprime e destrói os corpos dos indivíduos, mas sua função é essencialmente produtiva. Na realidade, esse poder que toma a forma de disciplinamento induz ao prazer, produz discurso e individualidade. Essa novidade trazida por Foucault (1986) já é bastante clara nas obras da década de 70. Conforme assinala Machado (1986),

*Parece-me, em suma, que a manutenção assinalada por livros como Vigiar e Punir, de 1975, e a Vontade Saber, de 1976, primeiro volume da História da Sexualidade, foi a introdução nas análises históricas da questão do poder como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes (Machado, In. Foucault, 1986a, p. X).*

É esse aparecimento da disciplina que envolve, para Foucault, todo um ritual discursivo capaz de penetrar não somente as instituições de disciplinamento, que Goffman (1992) denominou de *instituições totais*, como também a própria vida cotidiana. Segundo Deleuze (1988),

*Uma das idéias essenciais de Vigiar e Punir é que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades "disciplinares", mas a disciplina não pode ser identificada como uma instituição nem como um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir (Deleuze, 1988, p.35).*

Essa dimensão do disciplinamento é, também, incorporada à sexualidade, pois acaba gerando (como também ocorre nas prisões) um discurso ético, cuja mediação se estrutura nos mecanismos disciplinadores.

A produção do poder, no caso específico da sexualidade, está fundada em pressupostos éticos em que o corpo é normalizado e, ao mesmo tempo, adestrado, para seguir os padrões de disciplinamento e/ou produtores de discursos. É, então, que Foucault estabelece um retorno à Antiguidade, mesmo que tenha iniciado a **História da sexualidade** no contexto da modernidade, tentando, assim, mostrar ou detectar elementos que possibilitem a compreensão de um dos principais interlocutores que é a produção da ética cristã em torno da sexualidade. De acordo com Foucault (1990):

*Ao retornar assim, da época moderna, através do cristianismo, até a antiguidade, pareceu-me que não se poderia evitar uma questão ao mesmo tempo muito simples e geral: Por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a eles relacionados, são objetos de uma preocupação Moral? Por que esse cuidado ético que, pelo me-*

*nos em certos momentos, em certas sociedades ou em certos grupos, parece mais importante do que a atenção moral que se presta a outros campos não obstantes essenciais da vida individual ou coletiva como as condutoras alimentares ou a realização dos deveres cívicos? (Foucault, 1990, p. 130).*

Esse cuidado ético com a sexualidade deve ser mostrado nas suas práticas efetivas. Na realidade, está ligado a um grande sistema de interdição, principalmente sobre o corpo dos jovens. Isso porque esse sistema se liga ao problema da transgressão que constituiria, nessa imensa engrenagem de ades- tramento do corpo juvenil, a chamada *falta grave*. Para Foucault:

*Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (Foucault, 1996, p. 9).*

Essa interdição, na realidade, desdobra-se em dois canais fundamen- tais de diálogos. Impõe-se na formatação discursiva, construindo, assim, limi- tes para a política e a sexualidade. Conforme Foucault (1996), *por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (Foucault, 1996, p. 10).*

Todavia, a sexualidade não está amparada somente no sistema de interdição. Como sugere Foucault(1990), o problema fundamental a ser anali- sado deveria ser: de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como um campo moral?

Consoante sua ideiação (1990), o cristianismo teria associado a sexua- lidade ao mal e ao pecado. Sua finalidade deveria ser, então, essencialmente procriadora e, no interior do casamento. É bastante conhecida a maneira pela qual São Francisco de Sales exaltava a *virtude* conjugal e apresentava como modelo o elefante, que deveria ser uma referência a ser seguida. Foucault(1990) mostra-nos essa passagem citando o livro **Introducion à la vie dévotte III**, 39, sobre o elefante.

*...ele nunca troca de fêmea e ama ternamente aquela que escolheu e com a qual, no entanto, só acasala a cada três anos, e somente por cinco dias, e tão secretamente que jamais alguém o viu nesse ato; entretanto ele é visto no sexto dia quando, antes de qualquer outra coisa, vai diretamente ao rio no qual lava todo o corpo, não querendo de modo algum retornar ao seu bando sem antes purifi- car-se. Não temos aí belas e honestas disposições? (Sales, Cit por Foucault, 1990, p.20).*

A interdição, contudo, não cabe somente à sexualidade. É na escola que a disciplina e a imposição normativa ganham vigor. A disciplina organiza o espaço. Isso deve servir para localizar em qualquer momento o jovem aluno, colocando-o sob os “cuidados” de olhares atentos e prontos a intervir para manter a ordem e o bom andamento das atividades previamente planejadas. Esse mesmo espaço deve ser dividido em quantas parcelas se façam necessárias, sem que as repartições indecisas possam perturbar os corpos marcados pelos códigos e temores impostos pelas “delícias” normalizadoras. No **Vigiar e Punir**<sup>1</sup>, Foucault (1986, p. 131) afirma ser necessário que se faça a localização imediata do indivíduo, pois cada um tem o seu lugar nesse detalhado *quadriculamento*,

*O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem; de antiaglomeração (Foucault, 1986, p. 131).*

Para que o bom adestramento exista de forma eficiente em toda a sua meticulosidade são necessários certos recursos postos à disposição dos espaços disciplinares. Inicialmente, é necessário um espaço de visibilidade, onde a disciplina possa apresentar-se em suas múltiplas faces e o olho do poder instaure-se em cada milímetro, em cada detalhe, revelando assim, o seu significado múltiplo.

*O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo de olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam (Foucault, 1986, p. 153).*

Isso faz com que Machado (1986 a), assinale:

*Na organização espacial, se baseia na “pirâmide de olhares” formada por médicos, enfermeiros, serventes; extrai da própria prática os*

<sup>1</sup> O lançamento do livro **Vigiar e punir** teve grande repercussão pela novidade que trazia em torno do poder disciplinar que atua profundamente nos corpos dos indivíduos, transformando-os em elementos dóceis e, principalmente, que sirvam à grande engrenagem do sistema. Essa temática da disciplina retorna um ano e meio depois, no grande projeto da **História da sexualidade. La volonté de savoir** é um livrinho fininho e no entanto parece concentrar todo o pensamento de Foucault. Aos olhos do autor, porém, não passa de um prelúdio, o prólogo para uma série de investigações históricas que devem confirmar a hipótese inicial (ERIBON, 1990, P. 254).

*ensinamentos capazes de aprimorar seu exercício terapêutico. Mas, além de serem interrelacionadas, umas servindo de ponto de apoio às outras, essas técnicas se adaptam às necessidades específicas de diversas instituições que, cada uma à sua maneira, realizam um objetivo similar, quando considerados do ponto de vista político (Machado, 1986 a, XVIII).*

É desse ponto que se pode pensar o jovem no espaço escolar. Analisar a constituição desse novo sujeito que integra o referido espaço é reencontrar papéis múltiplos da subjetividade, recompondo na historicidade que lhe é devida um novo sentido, se é que se pode buscar um sentido sem cair nas armadilhas conceituais da filosofia moderna. Faz-se necessário que a tematização do sujeito não seja envolvida em uma aura transcendental, de conformidade com o pensamento de Kant (1983), sem história e a-temporal, ou recaindo-se nos emaranhados lógico-conceituais da **Fenomenologia do Espírito**, de Hegel (1992). O sujeito é, ao mesmo tempo, constituinte e constituído na história. É o elemento criador, produtor e constantemente demolidor de sentidos, destruidor de normas, produtor de sonhos e artífice do acaso. É esse sujeito complexo que se move nos escombros da temporalidade e ameaça a docilidade racionalista das técnicas pedagógicas. O sujeito, em Foucault,

*Não é dado definitivamente na história, mas constitui-se no interior dela. Não pode mais ser visto como núcleo de todo conhecimento e a fonte de manifestação da liberdade e de eclosão da verdade. Ao contrário, antes de origem e fonte, o sujeito é produto e efeito (Fonseca, 1995, p. 75).*

Todavia, esse sujeito é analisado no presente. É aí que Foucault pretende estudar a constituição do sujeito moderno e as sucessivas práticas disciplinares que tentam a todo custo transformá-lo em *sujeito/objeto*. Esse processo é moderno, pois que não se poderia falar em constituição do sujeito na Antigüidade. Como escreve Fonseca:

*Não se fala em constituição de um sujeito na Antigüidade Clássica, porque houve naquele domínio um mecanismo de subjetivação que, elaborando uma identidade que seria assumida como própria, teria constituído um sujeito. Daí Foucault afirmar que o que se percebe entre os gregos é a busca do indivíduo em constituir-se enquanto mestre de si, não havendo assim algo que se aproximasse à constituição de um sujeito como ocorre na atualidade (1995, P. 26),*

Essa subjetivação tem sua genealogia na relação *saber/poder* e, nesse caso, o sujeito poderá ser adestrado conforme as técnicas e táticas disciplinares produzidas no cotidiano. Tem-se, assim, na opinião de Pignatelli (1995), um sujeito obediente. Esse sujeito

*É produzido e sustentado por um poder pouco notado e difícil de denunciar: um poder que circula através dessas pequenas técnicas, numa rede de instituições sociais tais como a escola. Em geral, práticas tais como o exame e outras pequenas técnicas – tabelas, gráficos, formulários – fabricam e fixam (objetificam) o indivíduo e sua diferença à medida que acumulam e ordenam uma massa de significações. Ninguém escapa ao próprio posicionamento nessa operação eficiente, produtiva, em forma de rede (Pignatelli, 1995, p. 129).*

Nesse caso, estamos diante de uma multiplicidade de práticas disciplinares das quais ninguém pode escapar. O cotidiano é repleto de sujeições e o indivíduo é, conseqüentemente, produzido pelo poder. De acordo com Foucault (1986 a, 131), pensar no poder é pensar na sua forma capilar de existir.

*No ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana (...). Também é verdade que foi a constituição deste novo poder microscópico, capilar, que levou o corpo social a expulsar elementos como a corte e o personagem do rei (Foucault, 1986 a, 131).*

Frente a tais questões, pode-se pensar no que é específico da disciplina na escola, que pode atuar de forma velada através de pequenas técnicas (e, nesse caso, seria muito difícil a identificação) ou de forma transparente, como no caso da *prisão*, que segundo Foucault (1986 a, 73), *é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral*. Mesmo assim, consoante pensa Fleuri (1994, 58), a relação *saber-poder* aparece de forma conflitiva. Contudo, será que o poder só se manifestaria em sua pureza no espaço carcerário, ou poderíamos detectar elementos de visibilidade no interior da escola?

## Conclusão

Máquinas de punir, máquinas que incorporam nos seus mecanismos de funcionamento os corpos dos jovens. Eles são os principais alvos de ação desses equipamentos que lançam e cortam os seus fluxos. Isso pode ser em lugares múltiplos. Um lugar retraído e sórdido que abala os prantos e desencantos pelos mecanismos da crueldade e punição.

É máquina de matar e/ou de fazer sofrer. É uma engrenagem punitiva com discurso de ressocialização. É a constituição de um poder extremamente organizado com detalhes minuciosos que produzem a dor cercada da culpabilidade. Interditada o sonho na ânsia destruidora de um suposto perdão. É um lugar de conflitos marcados nos corredores escolares e quase invisíveis que podem ser vistos na medida em que se constitui o olho do poder.

Esse lugar destituído é povoado por corpos jovens que anseiam a liberdade. Em seu nome lançam as suas linhas de fuga ao lado de fora. Criam um campo imaginário de felicidade. Sonham com o lado de fora da sala de aula ou transportam a escola para um mundo “quase melhor”.

Todavia, a escola passa a ser um desses lugares de interdição. Não bastasse a produção de um discurso ético sobre a sexualidade a disciplina é lançada aos jovens como uma condição de sobrevivência no mundo. É um alto preço que se paga. Isso pode simplesmente ser quebrado pela capacidade de transgressão que reside na vida humana. A juventude passa então a se constituir como um grande pólo de transgressão e de loucura. É nela que residem os compassos de uma cadência instituída na beleza da liberdade. Para tal, há que se pensar em uma educação que se funde na âncora enigmática da paixão, loucura e transgressão.

### Referências Bibliográficas

- DELEUZE**, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FLEURI**, Reinaldo Matias. Relação de saber-poder na educação. In. *O Sujeito em questão*. Florianópolis: UFSC/CED, NUP, 1994. Pp. 51-59 ( Coleção Laboratório)
- FONSECA**, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 1995 ( Coleção Hipótese).
- FOUCAULT**, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986a.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade II – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir – história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1986b.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GOFFMAN**, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- HEGEL**, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KANT**, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- MACHADO**, Roberto. Introdução – por uma genealogia do poder. In *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986 a.
- PIGNATELLI**, Frank. Que posso fazer? Foucault e a questão da liberdade e da agência docente. In Tomaz Tadeu da Silva ( Org.). *O Sujeito da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.127-154.

# CORPO JUVENIL: DISSOLVÊNCIA E EXCESSO PELAS RUAS DA CIDADE<sup>1</sup>

Shara Jane Holanda Costa Adad

*Só no delírio as bacantes recolhem  
nas correntes água, leite e mel.  
Não quando voltavam a si.”*

PLATÃO

## Introdução

Observando as ações dos jovens de rua<sup>2</sup> em suas andanças e usanças pelas ruas da cidade de Teresina – PI, em pesquisa realizada de junho a setembro de 1999, muitas foram as dúvidas e as questões que invadiram meu corpo pesquisador: quanto pode um corpo juvenil proscrito? Quantos corpos cada um desses jovens carrega dentro de si? Como o corpo do jovem de rua expressa seu tempo e seu espaço? O que escapa? Quais as estratégias e os dispositivos utilizados na constituição dessa subjetividade juvenil? Este trabalho pretende esboçar o resultado parcial dessas reflexões ao mostrar que, ao contrário do que se pensa, uma galera de jovens de rua, proscritos, expressa em seu próprio corpo a multiplicidade enquanto experiência, momentos de potência e de exercício criativo de acontecimentos.

## O corpo dissolvente

Jovem de rua e Dioniso – o solvente<sup>3</sup> e o vinho – companheiros inseparáveis da dança, dos mistérios da noite, dos desejos mais profundos, dos encontros e dos prazeres.

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado (em andamento).

<sup>2</sup> Chamo para fins de pesquisa jovens de rua, todos os jovens entre 12 e 18 anos que vivem perambulando pelas ruas de Teresina, estão distantes de suas famílias, não possuem trabalho e cometem algumas infrações. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente são jovens considerados em situação de risco social e pessoal.

<sup>3</sup> Observei durante a pesquisa, que, embora os jovens de rua usem outros tipos de alucinógenos, o solvente é o que predomina. No **Dicionário Aurélio**, 1999, entre tantas definições, a que melhor caracteriza o “líquido transparente e de cheiro forte” que os jovens usam para suas ‘viagens alucinatórias’, é a do solvente como um “Líquido em que uma substância é dissolvida”. No caso, o solvente utilizado dissolve tintas de pintar paredes ou qualquer outra textura. Entretanto, nesta circunstância, a substância a ser dissolvida, a cada ‘cheiro’, é o do próprio corpo jovem de rua, daí a categoria **corpo dissolvente** – um corpo dissolvido, despedaçado, desorganizado, desmoralizado e dessacralizado.

Jovem de rua e sua embriaguez – sofredor dos mistérios – experimenta, em si, o dilaceramento do próprio corpo, o sofrimento da individuação. Tal qual o deus Dioniso, que foi despedaçado pela prepotência dos que abominavam a alteridade – os Titãs<sup>4</sup>, esses jovens, também não são compreendidos na diferença que expressam. Dissolvidos, atormentados, expressam potencialmente a paixão dionisíaca através do uso do solvente e de suas transfigurações. Na sua constante embriaguez, repudiam todo o sofrimento e dor em que vivem. Nessa existência, eles possuem, simultaneamente, a dupla natureza de um demônio horripilante e selvagem e de um soberano brando e benevolente. A esperança é a de que, mesmo possuindo corpos dissolvidos, despedaçados, esquadrihados, possam, ao cheirar o solvente, renascer na alegria, como que anunciando a morte da individuação. O nascimento de um terceiro Dioniso vindouro soa no bramir de uivos e delírios vindos dos bueiros, dos subterrâneos onde vivem e de onde emergem vertiginosamente. É assim, tragicamente, que o **corpo dissolvente** do jovem de rua, com suas dores e seus sofrimentos, dança brincante e combatente nas suas tentativas de ressurgir, mais uma vez, o Dioniso – unidade e alegria de um corpo em pedaços. É a alegre esperança de que o exílio, a solidão da individuação, possa ser rompi-da e a unidade de seu corpo seja restaurada.

Portanto, um **corpo dissolvente** é aquele que cheira solvente, e não outro. Um corpo que se movimenta excessivamente e se “dissolve no ar”, se faz, desfaz e refaz a cada enfrentamento com a polícia, a piedade, a violência, enfim, a morte. O solvente é o ritual que institui o “jovem de rua”, sua marca. Seu corpo se prepara para essa marca, pois não é qualquer um que pode ser jovem de rua, nem é de qualquer jeito que se cheira o solvente. Como, então, se cheira o solvente?

*Enrolam a camisa de tal forma que a ponta fique durinha. Nela colocam o líquido que, normalmente, está em um frasco de água mineral descartável ou em um com formato de “spray”. Derramam no pano e, depois, cheiram pelo nariz e boca. Friccionam ao máximo. O nariz, às vezes, chega a sangrar e os lábios racham. Cheiram sofregamente até o cheiro evaporar e, nessa hora, quem está com o frasco (apenas um fica com ele) começa novamente a re-distribuir. Os outros jovens saltam de onde estão, deixam o que estão fazendo e chegam perto com os braços estendidos, panos embolados, rostos ansiosos por mais. Quem distribui sabe a quantidade. Serve os maiores, depois os menores. Quem ganha o direito de distribuir? Segundo um dos jovens, quem tinha o dinheiro para comprar. Ele é o dono, mas, todos têm o direito de cheirar.” (diário de campo, 31/agosto/1999).*

<sup>4</sup> Ver Nietzsche, 1983, p. 9-10 sobre o nascimento e o dilaceramento do corpo de Dioniso pela fúria dos Titãs e toda a analogia que o autor faz do fundamento da individuação social com a mutilação desse corpo e a esperança de restauração da unidade perdida pela força de um terceiro nascimento de Dioniso, através da arte.

O solvente traz a desmesura, o lúdico, o êxtase – sentimentos que os tornam equilibradas no palco da vida e trazem uma experiência que rompe com a individualização e se reconcilia com a natureza e com os outros homens. Em vez de autoconsciência, o solvente traz a desintegração superficial do eu, pois a emoção vivida abole a subjetividade até o total esquecimento de si; em vez de medida, há a eclosão exultante da alegria, no sofrimento e no conhecimento; em vez de delimitação, calma, tranqüilidade, serenidade, há um comportamento marcado por vertigens, enfeitiçamentos, extravagâncias de frenesi sexual, numa bestialidade natural constituída de volúpia e crueldade, de força grotesca e brutal; em vez de sonho, visão onírica, há embriaguez, experiência orgiástica que os faz esquecerem os valores do mundo apolíneo.

A experiência da embriaguez produz, enquanto dura, um efeito letárgico. Um efeito que dissipa tudo o que foi vivido no passado: é a negação do indivíduo, da consciência, do Estado, da Civilização, da História. Metamorfoseados de sátiros e silenos seres da natureza e protótipos do homem verdadeiro – aquele que consegue conciliar homem/natureza – esquecem que são jovens de rua estigmatizados e se sentem próximos da natureza. Os “loucos de dioniso” – os jovens de rua embriagados – enfrentam, desse modo, a morte. No “aqui e agora” dos acontecimentos e num incansável ir e vir criam mecanismos, estratégias que acionam seus corpos com a sua sujeira, sua dor, sua fome. São “fugas desejantes” de um corpo que consegue jogar com algumas das peças dessa grande forma que é a cidade. São hábeis em utilizar suas potencialidades. Conhecem-nas como poucos, andam por espaços, escondidos como se fossem pequenas baratas, pois conseguem enveredar por lugares sombrios e escuros e, ao mesmo tempo, quando afugentados, correm assustados fazendo aparição na luz, exibindo seus corpos frágeis, que se mostram, contraditoriamente, fortes, heróicos por sua agilidade, estratégias e expressões más.

E é nessa constante tensão, entre um mundo e outro, que o jovem de rua vai vivendo o duplo como lhe convém – diz o que querem que ele diga, mas faz o que o seu desejo lhe indica, como que emaranhado na rede da vontade individual. Muitas vezes, quando estava entre eles, notava essa duplicidade quando externavam o considerado “politicamente correto”, tentando passar uma imagem de jovens pudicos e “inocentes”. As poses, no momento das fotografias<sup>5</sup> evidenciavam a preocupação com a imagem, como eles mesmos pediam: “Shara, não deixa aparecer a tatuagem”, “não quero aparecer descalça”, “Deixa, eu tirar com teus óculos escuros”, ou então, as vezes em que lembravam a hora de eu ir embora: “Shara, tá tarde, esses meninos tão muito saliente”. Mas tudo isso só acentuava os rituais próprios e exclusivos do grupo, como aconteceu no que chamo de *O dia do picolé*. Deixemos o diário de campo ilustrar esse instante:

<sup>5</sup> Em toda a pesquisa foram produzidos dados fotográficos no intuito de subsidiar a ampliação descritiva dos diários, bem como identificar marcas, adereços, posições e gestos nos corpos juvenis.

*Sentados pela calçada, no chão, sob os papelões ou em pé, eles chupam o picolé. O Picolé desmancha pelas beiradas da boca e escorre corpo abaixo. O corpo parece extensão do alimento e dos outros corpos, pois, como que em dança, numa coreografia sem limites, eles começam a se roçar passando as mãos sujas uns nos outros. Tudo emana prazer e o sujo, o imundo, invade seus corpos. Em delírio, a gargalhada ecoa. Movimentam-se com uma certa cadência: agacham-se, acotovelam-se, atropelam-se e agarram-se por trás. Cheiram solvente. Os olhares, as mãos, as pernas, os risos envolvem a cena e aqueles corpos (diário de campo, 24/agosto/1999).*

Assim, tocando uns nos outros, eles anunciam expressões faciais e corporais que denunciam a prática de uma conduta sexual, de uma vivência orgiástica. Nesta cena, eles intensificam a vida, resistem ao sofrimento e se esquecem de si ao expandirem, sofregamente, as alegrias da noite e da orgia no escuro. Cheiram solvente como se fosse possível sugar o instante, parar o tempo no último momento. Tentam fugir de dentro de si mesmos e, no vício de viver, buscam arrebentar o molde interno determinado pelo leite de Procusto. Parecem roçar a morte, destruindo o organismo organizado e transformando-o em suporte para uma organização ritual. Horror, espanto, choque: a extrema violência de agredir o próprio corpo, alterar a composição humana, desfigurar-se e revestisse de outra humanidade, que não tem fixidez, nem nome e que a cada “cheiro” se dissolve e se constitui novamente. “Um corpo sem órgãos”<sup>6</sup> é constituído, não mais de um “organismo” arrumado, fixo, significado e significante. Toda essa dissolvência pode parecer o desejo de morte, mas a todo momento eles reinventam a vida, abrem seus corpos para outras conexões que supõem agenciamentos, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações.

Um jovem de rua é sempre o mesmo e também não o é. Ora ele assume seu nome ora pode tornar-se o gato, o rato, o diabo, a caveira, o fantasma... E é o solvente que possibilita essas transformações, essas “viagens”, “máscaras” que não representam nem o jovem de rua e nem o delírio, mas o que se passa entre eles, que é o devir<sup>7</sup> – um curto-circuito eletrizante, como este que presenciei:

<sup>6</sup> Para Deleuze e Guatarri, 1996, p. 9, um corpo sem órgãos não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite.

<sup>7</sup> A noção de devir, segundo Janice Caiafa, 1989, p. 88, é pertinente antes de tudo “porque acredita no visual, aposta no bicho, não duvida do olho muito mais rasgado que o ‘normal’; e em seguida porque o que se tem antes de tudo quando se examina uma prática social concreta não são indivíduos, mas experiências, funcionamentos, participações, exercícios que se apoiam uns nos outros, de que podem emergir indivíduos ou bandos, punks com nomes de bichos como efeitos momentâneos nessa atuação.

*Ajax.<sup>8</sup> viaja. Visivelmente seu corpo se prepara para ser outra coisa que não mais o jovem com lábios rachados e inchados, os dentes cariados e faltosos, o corpo mal-tratado, ferido, dilacerado, fragmentado em pedaços que possui. Não tira o pano do nariz e da boca como a sorver o líquido transparente – o solvente – além do que ele realiza. Caminha de um lado a outro da calçada, numa inquietude sem limites. Separa-se dos demais e, sozinho, ri alto. Seu corpo dobra para frente, seus ombros arqueados ajudam a perna a levantar-se e a segurar o peso do resto do corpo, vislumbra-se uma pose, um bicho, quem sabe um jaguar. A perna cai, o corpo vai para frente e ele corre, rindo alto, quase num grito.”* (diário de campo, 6/setembro/1999).

O corpo do jovem parece despojar-se de toda a sua dor e tornar-se vazio e, por uma fração de segundos, é como se este corpo oco fosse preenchido pelo prazer. Observa-se que a cada vez que esse desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência<sup>9</sup>, é porque há um padre, um policial, um professor ali. Para estes, os desejos desses jovens de rua são entendidos como “faltas”: ele “cheira” porque lhe falta casa, mãe, pai, comida, carinho. Podemos indagar: quem tem tudo isso, não sente falta?

Fugitivos ou expulsos da ordem da família e do trabalho, muitos desses jovens vêem-se arrastados à ‘marginalidade’ não só por imperativos de sobrevivência, mas, também, por extravagâncias e possibilidades de transgressões perversas à sociedade policialesca que os cerca. Onde, então, acaba a necessidade e começa a vontade (ou o desejo ‘inconsciente’)? É difícil demarcar o plano psicológico individual. Portanto, entre a intenção e o gesto não há relação de causa e efeito, pois, no agenciamento coletivo<sup>10</sup>, tensores como afeto e interesse, acaso e cálculo costumam mostrar-se inextricavelmente ligados. Em todo caso, a miséria e a desigualdade social são vistas como resultado do processo de expropriação e atomização juvenil. Mas, será que o

---

<sup>8</sup> Objetivando dar anonimato aos jovens, bem como causar talvez um efeito brincante, estético, momentâneo substituo seus nomes por outros, de heróis gregos, não existindo pois nenhuma identificação entre uns e outros. No caso, **Ajax** tem 13 anos, é alfabetizado e é um dos que mais chora quando sofre agressões, inclusive dos próprios jovens do grupo.

<sup>9</sup> Ver Gilles Deleuze, 1996, p.22. O autor fala desse campo de imanência que está ligado ao corpo sem órgãos. “O desejo implica, sobretudo, a constituição de um campo de imanência ou de um “corpo sem órgãos”, que se define somente por zonas de intensidade, de limiares, de gradientes, de fluxos. Esse corpo é tanto biológico quanto coletivo e político, é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem, é ele o portador das pontas de desterritorialização, dos agenciamentos ou linhas de fuga.”

<sup>10</sup> Para Barembli, 1998, p.151, agenciamento é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, atualiza virtualidades e inventa o Novo Radical.

desejo não permanece mesmo quando o corpo é mexido, esfacelado e dissolvido? Necessário se faz capturá-los na sua verdade: na dança dos pequenos furtos, nas cerimônias e na magia de inalação de solvente, práticas que lhes conferem inscrições de si, itinerários de liberdade. Senão vejamos:

*Ariadne*<sup>11</sup>, com o frasco de solvente na mão, é envolvida, cercada. Ela divide o solvente com todos. Vai colocando em cada um dos panos que se estendem até ela. Os panos parecem ganhar vida naquelas mãos estendidas e ávidas por mais droga... Naquele instante, suas mãos, segurando um pano sujo, tornam-se o único desejo. Desejo dilacerante, mortal, mas, paradoxalmente, cheio de vida, pulsante. Tanto faz que o mundo acabe logo em seguida... aquele é o desejo... o solvente e o grupo reunido ... festa, solvente e orgia. (diário de campo, 24/agosto/1999)

A paixão e a liberdade – grandes desejos – transformam a vontade em potência, em alegria. E o solvente, elemento vivido para suprir suas faltas, torna-se uma zona de intensidade pois é uma marca, uma zona sobre um corpo sem órgãos. (Deleuze e Guattari, 1996, p.17). É cheirando o solvente que as intensidades passam e eles se lançam a desafios, fazem com que não haja mais nem *eu* nem o *outro*, pois não são nem cópia nem modelo dos bichos, nomes ou marcas que desfilam. Nesse caso, fazem circular o simulacro, de tal modo que

*...na desconstrução da figura humana que (...) realizam no visual (e nos seus nomes: nomes e as marcas), eles não copiam o bicho, o guerreiro, mas entram numa série em que eles entram também e onde se comunicam transversalmente numa relação indefinida e reversível, isto é, múltiplas possibilidades de relação (Caiata, 1989, p.88).*

Nesse instante, positivities são constituídas, e o corpo passa por experiência de funcionamentos, exercícios, participações, apóiam-se uns nos outros, ora indivíduo ora bando. Verdadeiros dionisios enlouquecidos, os jovens de rua expõem toda a loucura, a miséria e a sensualidade de seus corpos quase desnudos, devassos, no meio da rua. As ações que somente devem ter evasão em espaços reservados das Febem's, das casas de convivência, dos hospitais e manicômios, e, às vezes, no espaço privado da casa estão bem diante de todos, tudo explícito nos meios-fios das calçadas, nas marquises das lojas, nas vias públicas, enfim, no meio do mundo.

<sup>11</sup> *Ariadne* é a única jovem do grupo, possui 16 anos, é franzina, alegre e muito calada. Dizem ser namorada do *Teseu*., inclusive possui o nome dele tatuado em seu braço. Seu companheiro predileto é o *Odisseu*..

E entre no meio, ao lado dos espaços usados, o **corpo dissolvente** enlouquece. **Aquiles**<sup>12</sup> enlouquece. **Ajax** enlouquece. Enlouquecidos, estão fascinados pela morte, pelo limite entre viver e morrer. Os outros jovens não se assustam. A loucura não assusta, ao contrário, ela é acolhida, pois é o corpo destruído que se une à natureza em um total exílio dionisíaco. E essa destruição é um dos perigos de se afogar no Dioniso puro, pois, ao experienciar a emoção, o êxtase e o esquecimento de si, os sentimentos de pesar, de desgosto pela existência, o sentimento de que tudo é absurdo, impossível, retorna no recobrar da consciência, e isso faz o jovem de rua compreender a ilusão em que vivia ao criar um mundo de beleza justamente para mascarar a verdade. A visão da essência eterna e imutável das coisas faz com que ele desista de agir e construir uma civilização. Nesse sentido, a experiência dionisíaca é uma 'embriaguez do sofrimento' que destrói o belo sonho – é um veneno que aniquila a vida. (Machado, 1990, p. 27).

### Corpo excessivo

Em sendo assim, como o viver imerso nas ruas da cidade delimita o corpo de um jovem de rua? Como seus gestos, ações, sentimentos e “quase” ausência de palavras exibem todo o poder de exercitar a rebeldia que traga a juventude deste final de milênio? É um não fazer nada, dormir na hora que se quer, brincar muito, a todo momento. É o instinto que pode executar e trazer o prazer aos atos mais simples e banais do dia-a-dia, como comer... comer com as mãos, com o corpo todo, tragar o alimento com delírio, como se aplacasse a fome de tudo, de vida! De modo excessivo<sup>13</sup>, no palco das ruas, os acontecimentos afloram, como este que vivi entre eles:

*De repente, escutei gritos saindo da rua ao lado (...). Todos correram para onde os outros estavam. Encontravam-se uns sentados no chão, outros nos degraus da escola, outros de pé. Um papelão grande no centro da calçada estava coberto de picolés. Ao lado, alguns meninos remexendo na cesta do lixo em busca de utensílios para botar a comida. Devoravam tudo. E faziam isso agarrando o alimento pelo meio. Até chegar à boca, o picolé escorria pelos dedos, mãos, bra-*

<sup>12</sup> **Aquiles** 17 anos, é muito calado, possui um olhar distante e ensandecido, passou vários dias tentando se matar.

<sup>13</sup> Observei durante a pesquisa que os jovens de rua expõem seus corpos pelas ruas da cidade na forma de um grande espetáculo. No *Dicionário Aurélio*, 1999, entre tantas definições as que melhor caracterizam essa excessividade é “aquilo que excede ou ultrapassa o permitido, o legal, o normal”; “sobra, sobejo”; “redundância” e “desmando”, dá a categoria *corpo excessivo* – um corpo que ultrapassa o normal, o comedido e que em sua redundância age desmesuradamente..

*ços e roupas. Caía no chão e, em instantes, apanhavam e levavam à boca. Chupavam os dedos sujos com prazer. Sentados, alguns deleitavam-se com o alimento dado, inesperado. “– Quem deu?” Perguntei. “– Sei lá, foi um homem que parou o carro, abriu a traseira e dentro tinha um isopor cheio de picolé e mandou a gente tirar o que quisesse”. No mais, não sabiam, nem interessava saber quem era o homem (diário de campo, 24/ agosto/1999).*

Aliás, percebo que as pessoas, as coisas, os espaços e o tempo parecem ganhar outra dimensão entre eles. O que importa são os encontros como os nossos, a reposição do solvente, roubar alguma coisa, arrumar comida, caminhar de um lado para o outro, não fazer nada e ter o tempo pontual dado ao acaso. Acaso, inclusive, que gera acontecimentos como aquele, que os fazem, na hora, resolver o que fazer – onde sentar, onde colocar o alimento, como dividir – tudo em cima da hora... sem planejamento, mas que provoca ações propositivas. Picolés nos copos, no chão, em cima do papelão. A lixeira, ao lado, é parte da cena, lugar de muitos utensílios que são utilizados: uma caixinha de chocolate vazia é o lugar para colocar o picolé; o papelão serve de mesa, de prato, as mãos também, enfim, as coisas passam a ganhar significado no instante mesmo da necessidade.

Toda essa encenação não seria uma expressão, um modo de existência peculiar, sociabilidades e agenciamentos desejantes gestados nesse viver na rua? Não seria um modo dissidente de viver que antecipa um outro ordenamento social? Os becos, as ruas, as praças não seriam terrenos propícios para a emergência dos agenciamentos sociais subterrâneos? Penso que, ao sair do bueiro, os jovens de rua fazem eclodir forças dionisíacas e, com seus **corpos**, única arma, lutam contra a ordem titânica da Cidade Conceito (Certeau, 1994, p. 174). Contestam um lugar, ou seria um não lugar? A contestação, em ato, provoca na cidade indiferente, e que espera deles que se calem, pelo menos, um despertar, um certo mal-estar, pois escandalizada constata que:

*...eles não se integram; eles não aceitam tudo com a gratidão que era de esperar – pelos menos sem se debater, sem sobressaltos, aliás inúteis, sem infrações ao sistema que os expulsa, que os encarcera na evicção. (...) eles têm a indecência de não se integrar!* (Forrester, 1997, p. 58).

E, em guerra, eles resistem e inventam outras formas de viver, próximas à fúria, à sabedoria e à alegria do Dioniso. E é no confronto que marcas são inscritas sobre a superfície dos seus corpos. Corpos elaborados, onde marcar o corpo, furar o corpo, tatuar o corpo, ferir o corpo, sujar o corpo faz parte de um ritual onde se tornar jovem de rua é possuir um corpo trabalhado, preparado e transtornado. O corpo individual é o local do *ethos* do grupo, e a

tatuagem expressa a marca do coletivo. Um exemplo, é a que **Teseu** carrega no tórax com o nome de todos os meninos no seu próprio corpo, e que, segundo ele vai atualizar e colocar os nomes novos, dos meninos que estão chegando e se tornando um igual a eles. A tatuagem, então, é um sinal de reconhecimento quase obrigatório, uma marca, uma zona, uma fronteira que pode indicar a separação entre o jovem iniciado e um outro jovem qualquer da cidade; por isso, é uma esfera de comunicação, pois um grande segredo é compartilhado e pertence ao grupo. Um **corpo excessivo** e veloz, que, com uma tatuagem – marca perene – parece querer gravar para a eternidade quem é e foi um jovem de rua.

Normalmente, um jovem de rua possui muitas tatuagens, e quem já fez uma quer fazer mais, pois sempre nos mostram outros lugares onde irão inscrever outras, ou, então, a mesma tatuagem pode ser ampliada, como é o caso do jovem citado anteriormente. Essa performance indica mais um paradoxo, qual seja, a de que mesmo uma marca fixa como é a tatuagem parece modificar-se, andar conforme o movimento, o aprendizado, a destruição e construção do **corpo excessivo** nas suas caminhadas pela cidade. O estudo de Glória Diógenes mostra que este processo de ampliação é chamado de ‘aperfeiçoar’ uma tatuagem pelas gangues de Fortaleza, como se a mesma fosse um texto incompleto. Nesse caso, segundo a autora, as tatuagens possuem uma função: “de falar por imagens, seguindo o curso da vida (...)”. (1998, p.193)

Uma outra estratégia de identificação de um jovem de rua é a sujeira. Eles possuem corpos excessivamente sujos, resultado de uma forma que ordena um número infinito de combinações onde se reconhecem e são reconhecidos. Olhares extasiados, alucinados, narinas inchadas e lábios rachados, esfolados e queimados devido ao uso ininterrupto do solvente. Roupas sujas, cabelos desalinhados, pés descalços, andar trôpego, vozes embriagadas, pernas ágeis e, normalmente, machucadas. Tudo ali no corpo, toda a dor, o massacre e a sujeira em seu **corpo excessivo**. Lembro, o dia em que

*Ariadne tinha ido tomar banho. Eis que surge toda limpa, com roupas asseadas, cabelos molhados, calçada com chinelas, cheirando a 'leite de rosas' e, para completar, ainda me pede perfume. Tudo isso trouxe reações entre os jovens que a cercaram, beijaram seu rosto, abocanharam seus seios, passaram a mão onde podiam. Ariadne reagia como podia, aborrecida. Eles pareciam não reconhecer nela, naquele corpo limpo, a jovem de rua. Seu corpo deixara, momentaneamente, toda a sujidade de ser integrante do bando. (diário de campo, 6/setembro/1999)*

“Selvagens” sem selva, estrategicamente imprevisíveis, contraditórios e arriscados, os jovens de rua aprendem com os outros iguais a viver permanentemente numa situação-limite ou num duplo jogo que permite apreciar os atos e todas as situações anódinas que constituem o dia-a-dia, no seu valor

próprio, como se pudessem exprimir, ao máximo, a vida através da teatralização excessiva de seus corpos. É um estado de “selvageria”, marca não de uma identificação, porque as identidades primeiras não são preservadas, mas muito mais de um anonimato, de anulação do rosto, destruição da anatomia do corpo. Não é à toa que eles mudam de nome, diferenciam-se e transfiguram-se logo após o ingresso no grupo. Portanto, como o animal é sempre malta,

*...um lobo só já são muitos, salvo se ele é domesticado por um tratamento que neutraliza sua estranheza e faz dele um igual. Assim, a animalidade é um exercício que pode ser atualizado a nível das organizações sociais. As maltas humanas enquanto organizações específicas passam por essa selvageria, e é nesse sentido que se pode pressentir uma alcatéia no deserto” (Caiata, 1989, p. 88).*

Penso que, desse modo, podemos falar de uma galera de jovens de rua como bando, pois um jovem de rua já são muitos, visto que materializam em seu corpo, assim como o deus Dioniso, uma pluralidade de figuras em sua aparição alegórica – expressões próximas aos signos da cidade infernal (Nietzsche, 1983, p.10).

Nesse sentido, quando eles aparecem na rua, trata-se não apenas de máscaras, fantasias que se apresentam em cena, mas de uma estratégia. Não é apenas a brincadeira, nem a paródia, é um desafio por simulação. Não há nada por trás, a estranheza e o exagero externam o sentido ao absurdo, até o desaparecimento de uma dor, de uma tragédia porque não é mais a cópia e o modelo, mas a circulação de simulacros que desdobra a repetição numa situação não-hierarquizada em múltiplas possibilidades de relação que deflagram experiências limítrofes entre a vida e a morte.

Imagem exposta, publicização dos seus corpos feridos, marcados e sujeitos, entre infinitos e emaranhados fios e linhas de fuga, a brincadeira é frequente. É a estratégia desmedida, lúdica e excessiva que utilizam nas relações com os de fora... os estrangeiros. E, assim, como leves e embriagados Dionisos, os jovens de rua saem de suas “covas” para anunciar a falência de toda a corporalidade. Sombras “satânicas” que não aceitam a normalização “divina”, mas que, paradoxalmente, continuam perseguindo o reencontro e a reunificação com a metade dividida, quando adentram a esfera pública ruidosamente. Brincando muito com tudo e todos, eles tentam essa identificação, mesmo que momentaneamente, ao se apropriarem de bens simbólicos significativos e atuais, pertencentes à esfera social mais ampla, como por exemplo:

*...eles pegam meu 'celular e fingem falar ao telefone. É uma farrá! Passam de mão em mão. Pedem para ligar para uma amiga... Falam alto, riem aos borbotões. Afoitos, gritando sempre, com dedos sujos e unhas quebradas, escuras, agarram o aparelho bruscamente, quase caindo das mãos. Mais uma vez brincando, colocam na cintura,*

*saem, desfilam pelo posto de gasolina e, na luz, encenam como se o mesmo fosse deles. Aparecem, chamam atenção sobre si e sobre o 'celular'. Transitam, passam entre os carros e pessoas como senhores da rua, sem constrangimento. Andam para cima e para baixo, mexem uns com os outros, tentando arrancar do outro o aparelho, esmurram-se e xingam-se muito. As pessoas, ao redor, olham assustadas sem acreditar no que vêem. Eles retornam o olhar com indiferença. O estranhamento perpassa a cena. E eles riem, riem de tudo isso..." (diário de campo, 24/agosto/1999).*

## Considerações Finais

Desse modo, rir, falar alto, gritar, chocar, esmurrar-se, cheirar o solvente, esfoliar-se, sujar-se, marcar-se, machucar-se, tatuar-se são imagens falantes, imagens fantásticas que nascem do mais singular delírio desses jovens e os fazem "detonar" o que estava oculto nas entranhas da cidade, como um segredo, como uma inacessível verdade. Nesse caso, nessa tentativa de ganhar visibilidade, de romper com a indiferença violenta e feroz do estigma territorial que os tornam continuamente proscritos do reino da cidade, eles apresentam não apenas a superfície das coisas, mas, também, que o fosso territorial é tão imenso que parece obstruir a possibilidade mesma de uma linguagem comum. Isso é propriamente o "apartheid social" (Telles apud Diógenes, 1998, p. 51)

Efetivamente, na prática, essa des-territorialização produzida na dinâmica segregadora da urbe torna-se, através da formação das galeras de jovens proscritos, uma tentativa de viver um modo avesso de re-territorialização. Diógenes afirma "então que o estigma territorial, marca classificatória, produtora de uma invisibilidade negativizada, mobiliza os jovens segregados (...) a 'positivar' tais referentes" (1998, p. 41).

Assim, marginais por atuação, em plena rua, geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles, os estrangeiros em suas próprias casas, tornam-se os 'bárbaros modernos'<sup>14</sup> por excelência, considera-

<sup>14</sup> Michel Foucault, 1999, pp. 233-235 problematiza a noção de bárbaro. "O bárbaro se opõe ao selvagem, mas de que maneira? Primeiro nisto: no fundo, o selvagem é sempre selvagem na selvageria, com os outros selvagens; assim que está numa relação de tipo social, o selvagem deixa de ser selvagem. Em compensação, o bárbaro é alguém que só se compreende e que só se caracteriza, que só pode ser definido em comparação a uma civilização, fora da qual ele se encontra. Não há bárbaro, se não há em algum lugar um ponto de civilização em comparação ao qual o bárbaro é exterior e contra o qual ele vem lutar. (...) Não há bárbaro sem civilização em que ele procura destruir e da qual procura apropriar-se. O bárbaro é sempre o homem que invade as fronteiras dos Estados, é aquele que vem topar nas muralhas das cidades. (...) Ele só surge contra um pano de fundo de civilização, contra o qual vem se chocar. (...)"

dos bandos sem lei por exercerem todo o fascínio e o poder de se apoderarem e destruírem a cidade que os abomina. Seus **corpos excessivos** seriam uma forma de apelar para a dimensão esquecida da esfera pública, especialmente entre os jovens, qual seja: a idéia de liberdade e de reconhecimento no coletivo do grupo. Denunciam tragicamente suas diferenças e, por fim, instituem códigos específicos, próprios sobre o que deve ou não ser. Em suma, em uma sociabilidade excessiva, os jovens de rua instauram uma forma dionisíaca, onde esses indivíduos agrupam-se em formas específicas de ser com e para um outro. Ao brincar, dançar, gritar, sorrir, jogar e transfigurar seus corpos, os jovens transformam suas vidas trágicas em epopéias – grandes espetáculos.

## Referências Bibliográficas

- BAREMBLITT**, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1998.
- CAIAFA**, Janice. *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- CERTEAU**, Michel. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. 4 ed. RJ: Vozes, 1994.
- DELEUZE**, Gilles. Desejo e Prazer. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, v.1, n.1, p. 13-25, jun. 1996. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.
- DELEUZE**, Gilles; **GUATTARI**, Félix. 28 de novembro de 1947: Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).
- DIÓGENES**, Glória. *Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- DICIONÁRIO AURÉLIO**. 3. ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999
- FORRESTER**, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- FOUCAULT**, Michel. Aula de 3 de março de 1976. In: *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LEÃO**, Andréa B. *Uma Casa de Meninos e Meninas no "Coração de Jesus"*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, 1993. Mimeo.
- MACHADO**, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Graal: São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- NIETZSCHE**, Friedrich. O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música. In: \_\_\_\_\_. *Obras Incompletas*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.





juventude é (re)aprender a viver com a vida. É, acima de tudo, um sinal de eutopia. É poder soerguer o peito que pulsa e vivifica a alma do homem do mundo. É, acima de tudo, mergulhar com paixão nas vísceras de uma racionalidade irascível. É aprender a sentir e sorrir com a descoberta de um lugar recôndito. Abrir o caderno tempestuoso da vida acadêmica ao sentido escondido pelos solfejos de uma nova estética da existência. E a escola? Qual o seu significado para a juventude? E a rua? É necessariamente o lugar de corrupção? Que caminhos podem ser trilhados? Que sinais podem ser percebidos e capturados? Compreendemos que a juventude é, sobretudo, diversa. Necessário, então, se faz, percorrer seus caminhos que ora se encontram, ora se desviam e sempre se multiplicam.

#### CONTATOS:

Fax (85) 214.5129

[marcosaure@uol.com.br](mailto:marcosaure@uol.com.br)

[editora@ufc.br](mailto:editora@ufc.br)

[graficalcr@px.com.br](mailto:graficalcr@px.com.br)

Fax (85) 272.6069

A juventude explode em ritos. Sacode as tempestades de um mundo atrofiado pelas incertezas caóticas do presente. Amplia suas marcas e apresenta olhares triunfantes do porvir. Com uma diversidade estonteante de matizes, sons, e emblemas, constituem-se novos sujeitos. Lançam-se nos espaços inventando labirintos. Rascunhar as suas pegadas não se constitui tarefa simples. As trajetórias da juventude multiplicam-se como rizomas de tentáculos imperceptíveis. É, nesse campo de acontecimentos, que se corre o risco de mapear algumas de suas trilhas.

ISBN 85-86627-22-4



9 788586 627224